



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS
CIÊNCIAS**

ÉRICA LARUSA OLIVEIRA MASCARENHAS

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA AFRICANA E AFROCENTRICIDADE:
BELEZA, SAÚDE, CURA E A NATUREZA HOLÍSTICA DA CIÊNCIA
AFRICANA**

SALVADOR

2021

ÉRICA LARUSA OLIVEIRA MASCARENHAS

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA AFRICANA E AFROCENTRICIDADE:
BELEZA, SAÚDE, CURA E A NATUREZA HOLÍSTICA DA CIÊNCIA AFRICANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Ensino, Filosofia e História das Ciências na área de concentração em Educação Científica e Formação de Professores.

Orientadora: Bárbara Carine Soares Pinheiro

SALVADOR

2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Mascarenhas, Érica Larusa Oliveira.

Produção científica africana e afrocentricidade : beleza, saúde, cura e a natureza holística da ciência africana / Érica Larusa Oliveira Mascarenhas. - 2021.

133 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Bárbara Carine Soares Pinheiro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2021.

Programa de Pós-Graduação em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

1. Ciência - África. 2. Cosméticos - África. 3. Produção científica - África. 4. Visão holística. 5. Afrocentrismo. 6. Perspectiva. I. Pinheiro, Bárbara Carine Soares. II. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDD 507 - 23. ed.

ÉRICA LARUSA OLIVEIRA MASCARENHAS

**PRODUÇÃO CIENTÍFICA AFRICANA E AFROCENTRICIDADE:
BELEZA, SAÚDE, CURA E A NATUREZA HOLÍSTICA DA CIÊNCIA AFRICANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Ensino, Filosofia e História das Ciências na área de concentração em Educação Científica e Formação de Professores.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Barzano

Prof. Dr. Kleyson Rosário Assis

Prof^a. Dra. Bárbara Carine Soares Pinheiro (Orientadora)

Dedicatória:

Dedico este trabalho ao sol, a lua, as águas doces, as marés, as ervas medicinais, plantas mestras e as demais medicinas ancestrais que tanto tem nos ensinado sobre generosidade.

Agradecimentos

Agradeço a Ancestralidade africana pelo legado deixado e por me acompanhar nesse trabalho do início ao fim.

Agradeço a minha mãe, a minha filha e ao meu pai (in memoriam) que dedicou uma vida à mim e a meus irmãos, e ainda por cima, ao retornar à massa original, deixou aqui comigo forças para escrever essas linhas.

Agradeço também aos demais seres visíveis e invisíveis, que em algum momento caminharam comigo neste espaço/tempo chamado Orun/Ayê.

RESUMO

Os povos africanos desenvolveram ao longo da história diferentes formas de produzir conhecimento, porém o modelo europeu é hegemônico no mundo e aceito como universal. Desse modo, nós de comunidades africanas no mundo sofremos ainda hoje com a falta de referências históricas que nos permita construir uma auto imagem positiva. Por isso a identidade negra precisa ser estudada, para que possamos reconhecer as importantes contribuições africanas para o desenvolvimento da Ciência. Neste projeto, me proponho a investigar a produção e utilização de remédios/cosméticos na África antiga, fazer correlações possíveis entre estas produções e minha experiência enquanto africana em diáspora, filha da cidade de Salvador, química, cosmetóloga, aromaterapeuta e Omo Orixá (filha de Orixá). Assim, trago conhecimentos que aprendi na tradição oral da diáspora brasileira no município de Salvador, sobre a manipulação dos reinos vegetal e animal para a produção de remédios/cosméticos. Pretendo também, fazer algumas considerações acerca da natureza holística da ciência africana e afro diaspórica. Percebendo o holismo a partir da perspectiva africana de interconexão entre todas as coisas e desta forma, diferente da compreensão holística superficial que tem sido propagada no ocidente. Suportado pelo paradigma da Afrocentricidade e na afro perspectiva, este trabalho, tem grande interesse em contribuir com uma discussão já em curso sobre a ciência africana e afro diaspórica e caminhar em direção à reconstrução da tradição científica dos povos africanos.

Palavras-chave: remédios/cosméticos na África; natureza holística; Afrocentricidade; afro perspectiva

ABSTRACT

Throughout history, African people have developed different ways of producing knowledge, but the European model is hegemonic in the world and accepted as universal. Therefore, us from African communities around the world still suffer from the lack of historical references that allow us to build a positive self-image nowadays. Thus, black identity needs to be studied, so that we can recognize important African contributions to the development of science. In this project, I propose to investigate the production and use of medicines/cosmetics in ancient Africa, to make possible correlations between these productions and my experience as an African in diaspora, daughter of Salvador city, chemist, cosmetologist, aromatherapist and Omo Orixá (Orixá's daughter). Thus, I bring knowledge that I have learned in the oral tradition of the Brazilian diaspora in the Salvador city, about the manipulation of vegetal and animal kingdoms to produce medicines/cosmetics. I also intend to make some considerations about the holistic nature of African and Afro diasporic science, seeing the holism from the African perspective of interconnection between all things and, in this way, as different from the superficial holistic understanding that has been widespread in the Western. Supported by the Afrocentricity paradigm and in the afroperspective, this work is very interested in contributing to an ongoing discussion on African and Afro diasporic science and moving towards the reconstruction of the scientific tradition of African people.

Key words: medicine/cosmetic in Africa, holistic Nature, Afrocentricity, afroperspective

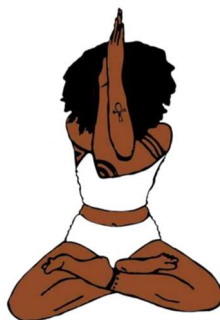
LISTA DE IMAGENS

Figura 1: prótese articulada datada de 2900 a.C	76
Figura 2: Produção de vinho pelo povo kemético	78
Figura 3: Tecido estampados com os símbolos Adinkras	80
Figura 4: Estátua de Imhotep	81
Figura 5: Primeira pirâmide de Saqqara	82
Figura 6: papiro médico de Kahun	83
Figura 7: Osso de Lebombo	85
Figura 8: Representação de Seshat	88
Figura 9: Dezesesseis Odus	90
Figura 10: Sítio arqueoastronômico de Namoratunga	92
Figura 11: Povo Dongon	93
Figura 12: Pirâmides alinhadas	96
Figura 13: Estátua em Ifé	99
Figura 14: Placa de bronze do Benin	99
Figura 15: “Azul egípcio” presente nas pinturas e hieróglifos no interior do Templo de Dendera em Quena, Egito.	101
Figura 16: Mulher ganesa	104
Figura 17: Homem do povo Massai	108
Figura 18: Homem do povo Nuba	108
Figura 19: Mulher do povo Himba	109
Figura 20: Pessoas do povo Suri	109
Figura 21: mulheres fabricando perfume	118
Figura 22: Frente e verso da Paleta Narmer	121
Figura 23: Maquiagem Kemética dos olhos	122
Figura 24: logomarca da Kemeya	127

Figura 25: Extrato glicólico (feito com glicerina vegetal) de flores de calêndula.	128
Figura 26: Extrato de Poejo feito com álcool de cereais.	129
Figura 27: Hidratantes corporais dos quatro elementos	131
Figura 28: Sabonete Líquido Erùpé	131
Figura 29: Ligada ao elemento Ar seu nome em yorubá é ewé òwú	137

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	12
2 - ÁFRICA COMO BERÇO CULTURAL E “ANTERIORIDADE AFRICANA” NA CIÊNCIA	22
3 - AFROCENTRICIDADE	30
3.1 - Levantamento bibliográfico	30
3.2 - Histórico e fundamentos	34
3.4 - Afroperspectivando a experiência	53
4 - METODOLOGIA	57
5 - UM LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS AFRICANAS	65
6 - A COSMETOLOGIA ANCESTRAL AFRICANA, O EXEMPLO DA MAQUIAGEM KEMÉTICA DOS OLHOS E A EXPERIÊNCIA DA KEMEYA	92
6.1 - A maquiagem kemética dos olhos	107
6.2 - A experiência da Kemeya	113
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
8 - REFERÊNCIAS	128



1 - INTRODUÇÃO

Sou Iyami Ominibu (minha mãe água profunda), mulher africana em diáspora, Omo Orixá (filha de Orixá), com Ori (cabeça) consagrada a Oxum. Filha de Salvador da Bahia, nascida, crescida e vivente em comunidade afrodiaspórica desta cidade, os bairros de Jaqueira do Carneiro, Mussurunga e Itapuã. Há 14 anos vivencio as práticas da cosmo percepção yorubá em terreiro de candomblé. Assim lido com aspectos práticos e teóricos-metodológicos referentes à transformação da Natureza e produção de remédios/cosméticos sintetizados com o propósito de curar a saúde física, mental de pessoas afro diaspóricas da cidade de Salvador.

Iniciei meus estudos na área da Química ocidental aos 14 anos, quando entrei no curso técnico em Química na antiga Escola técnica federal da Bahia, posteriormente me formei em Química na Universidade Federal da Bahia.

Por que entrei neste curso?

Uma resposta superficial e centrada no ocidente: Porque meu pai determinou que ia fazer um curso técnico para ter um ofício e trabalhar, devido às dificuldades financeiras da família. Dentre os nove cursos oferecidos, eu escolhi o curso de Química, de forma quase que aleatória.

Porém, dentro da percepção yorubá, o aleatório não existe, antes de descer do plano intangível (Orun) para o tangível (Ayê), escolhemos nosso Ori e conseqüentemente nosso Àyànmó, ou seja, nosso caminho, o propósito da nossa existência. Neste momento de nossas existência, em que nos encontramos no caos diaspórico, chamado de Maafa (caos existencial da humanidade) por Ani (1996),



quando Ori desce, ele busca incansavelmente, alternativas possíveis para cumprir o que foi acordado no Orun.

Meu caminho é o serviço à Natureza, como guardiã de medicinas dos reinos vegetal, animal e mineral, curandeira e sacerdotisa do candomblé em formação. Meu trabalho é transformar folhas, flores, raízes, frutos e resinas de plantas em preparados mágicos para utilizar como remédios/cosméticos. O caminho que Ori encontrou dentro das possibilidades e imposições sociais, econômicas e culturais da minha realidade, foi o curso de Química da Universidade Federal da Bahia.

Na Maafa, porém, nenhuma escolha é confortável, assim por imaturidade e desconhecimento do caminho, durante muito tempo, canalizei energia para o sofrimento que é pra mim, estudar ciências na perspectiva ocidental, com foco na natureza da matéria. Esse “jeito” ocidental de estudar Química, ao longo dos anos, bloqueou minha intuição e me trouxe um forte sentimento de incompletude o que se estendeu para minha vida.

Os estudos da Química só fizeram sentido, quando entrei para o Candomblé e consegui tecer conexões ancestrais e intuitivas desta passagem acadêmica, com o meu próprio caminho, que é o trabalho com ervas medicinais e produtos naturais em uma perspectiva afro-referenciada. Então a partir daí, digeri e integralizei saberes que já pulsava dentro de mim. Desde então, na minha vida, esse processo de digerir e integralizar saberes, em afroperspectiva é amplo e contínuo.

Em 2019 criei a Kemeya Cosmetologia Ancestral, uma marca de cosméticos naturais, e assim iniciei a comercialização dos produtos naturais que eu já desenvolvia para mim e para minha rede de contato. Também em 2019 escolhi retornar à academia e me coloquei o desafio de escrever sobre estas produções explicitando na medida do possível o que diz respeito aos aspectos ligados ao intangível da experiência de me relacionar com os reinos vegetal, mineral e animal em uma perspectiva afroreferenciada.

Os povos africanos e os povos indígenas consideram a existência do intangível, do espiritual nas suas formas de produzir conhecimento. Para os povos africanos em especial, o intangível (não material) está em equilíbrio com o tangível (material), essa perspectiva difere enormemente da perspectiva ocidental que tem o foco principal na natureza da matéria.



Porém, o modelo europeu é hegemônico no mundo e a aceitação implícita deste modelo ocorreu e ocorre por meio do que Mazama (2009) chama de disfarce de ideias, teorias e conceitos particulares europeus como universais.

O processo histórico de “expansão” da matriz cultural europeia pelo mundo nos mostra como esse modelo se consolidou majoritário, quando na verdade constitui o produto de uma matriz cultural e histórica particular.

De acordo com Nascimento (2008) em dois momentos a África foi vítima do maior holocausto da história, o tráfico escravista árabe dos séculos VIII e IX e o mercantilismo europeu dos séculos XV e XIV, que visou além da busca por mão-de-obra escrava, a integração dos povos africanos no mundo ocidental por meio da violência.

Conforme abordam Fernandes, Mascarenhas e Pinheiro (2019), para Fanon (2008, p.104), com o processo de colonização “de um dia para o outro” os negros se depararam com dois sistemas de referência diferentes, com o processo de colonização sua metafísica foi abolida porque estava em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta na tentativa de torná-los um “parasita no mundo” um mero fornecedor de “cana macia e algodão sedoso” Fanon (2008, p.94).

Nesse sentido, a construção social de negros e negras no Brasil requer uma ampla discussão acerca do processo histórico de colonização sofrido por populações africanas trazidas forçadamente no período escravocrata.

Na área das ciências como nas demais áreas, as populações africanas da diáspora no Brasil e no mundo foram forçadas a “acompanhar o mundo branco” Fanon (2008, p.94), sofrendo, portanto, um processo de aculturação que se iniciou durante o período de dominação colonial e perdura até os dias de hoje.

No meio acadêmico, como bem evidencia o professor da Universidade de Temple, Doutor em filosofia Molefe Ketji Asante, houve também uma falsificação lógica na história contada pelas instituições acadêmicas e científicas com o intuito de garantir a supremacia europeia, em detrimento do afastamento das cosmo percepções das civilizações africanas.

O processo colonial implantado no Brasil, tentou efetivar a negação de contribuições fundamentais que o povo africano trouxe para o país, e de acordo



(QUIJANO, 2010), a condição submissa aos europeus vivenciada pelos africanos da diáspora brasileira, ao longo dos séculos, contribuiu para a chamada “desagência” das populações africanas.

As comunidades africanas no mundo, sofrem até hoje com a falta de referências históricas que lhes permita construir uma imagem positiva de si mesma, e Nascimento (2008) coloca que a “cultura Negra” definida pelo modelo europeu, se limita a esfera do lúdico, enquanto que a atividade intelectual, científica, econômica, técnica, tecnológica, filosófica e política é considerada atributo exclusivo das civilizações ocidentais.

Nesta lógica, os conhecimentos tradicionais oriundos de bases culturais não eurocêntricas recebem o status “fetichizado” e foram reservados a uma posição hierárquica inferior, ao mesmo tempo em que, de acordo com Miranda e Riascos (2016) a imposição da perspectiva eurocêntrica de conhecimento ao resto do mundo a partir das relações coloniais de dominação, garantiram lugares de prestígio social e vantagens aos “chamados euro descendentes”.

De acordo com Asante (2009), o que gerou essa “desagência” foi a tentativa europeia de retirar os povos africanos e africanos da diáspora das suas posições como atores principais do seu próprio mundo. Este processo, para ele, dificulta que o povo preto se re- aproprie dos seus recursos psicológicos e culturais para retomar o protagonismo sobre sua própria história e reconheça suas contribuições e as contribuições dos nossos antepassados nas áreas da ciência, política, artes, economia etc.

No meio educacional, Munanga (2015) afirma que a identidade negra precisa ser iniciada na escola e se perpetuar na universidade como uma forma de fazer a população negra aceitar a sua origem e conhecer as importantes contribuições africanas para o desenvolvimento científico-tecnológico, com o intuito de romper com os paradigmas construídos ao longo da formação histórica da população brasileira.

Corroboram com a inserção do negro na produção acadêmica de modo crítico e reflexivo, as escritoras Gomes (2017) e Gonzalez (2018) que endossam também a importância da inserção da historicidade das civilizações africanas nas produções de caráter anti-hegemônico.



No Brasil e no mundo atualmente, tem ocorrido um aumento significativo de produções científicas no âmbito acadêmico executadas por intelectuais negros, com a perspectiva de busca destes conhecimentos tecnológicos africanos, trazendo-os à tona para uma possível re apropriação.

Pinheiro (2020) afirma que a crença de que a Grécia fundou todas as áreas do conhecimento científico, está fundamentada na alienação intelectual promovida pela narrativa eurocêntrica do pioneirismo do eixo-greco-romano no campo da ciência. Ela coloca que o “Milagre Grego” é um mito moderno europeu que foi construído com o intuito de criar marcos fundacionais não só para as bases do pensamento “ocidental”, mas, principalmente, para demarcar premissas de racionalidade e de produção de conhecimento a partir de si. Nesta lógica, o pensamento europeu que se propõe ser universalista, desconsidera ou reduz tudo aquilo que estiver fora de suas bases, seja por conteúdo, por forma ou por cosmovisão (PINHEIRO 2020).

Machado (2014) coloca que as invenções africanas e afrodescendentes dos tempos antigos e modernos foram marginalizadas pelo eurocentrismo e Cunha (2015) afirma que é necessária uma mudança de sentido sobre as nossas referências conceituais, ele afirma que é importante reconhecer que o eurocentrismo produziu uma falsificação ou pelo menos uma enorme omissão dos africanos na história da humanidade e do Brasil.

Para Cunha (2015) através da adoção dos conceitos de africanidade e afrodescendência se torna possível um enfoque ampliado e pluralista para o resgate das contribuições africanas na área das tecnologias. Machado (2014) destaca também que a população negra e todas as pessoas precisam saber que as mulheres e homens de origem africana, participaram de algumas invenções que mudaram os rumos da história moderna.

A expressão “des-europeização”, foi utilizada por Ani (1994) para se referir a necessidade de ressignificar o conceito europeu de cultura, já que para ela sociedades não europeias têm sido abstraídas dos contextos políticos nos quais elas existem devido ao uso antropológico deste conceito. Ani (1994) coloca que este uso permite que antropólogos ignorem as implicações da exploração europeia, enquanto que as condições do colonialismo e do neocolonialismo os provém com seus “objetos” de estudo.



O Holismo foi utilizado pela primeira vez no meio acadêmico pelo sul africano branco Jan Christian Smuts, um militar que defendeu a segregação racial parcial na África do sul. De acordo com de Albuquerque Lima (2008, p.03), Smuts escreveu em 1926 o livro “Holism and Evolution”, no qual afirmava “o Holismo como uma tendência sintética do universo em evoluir para o todo”. Para ele, uma das maiores rupturas promovidas pela ciência moderna foi pela separação entre os assuntos relativos a matéria, a mente e a vida.

Possivelmente, Smuts chegou a essa compreensão parcial da unidade da experiência, pela sua vivência dentro da cosmo percepção africana, se apropriou e escreveu sobre o tema. Neste trabalho, a palavra holismo ou holístico será utilizada conforme africanos e africanas da diáspora e do continente tem utilizado para se referir a cosmo percepção africana de mundo.

Alguns pesquisadores afrocêntricos e afrocênticas estão ressignificando o termo “holístico”. Um exemplo é o professor da Universidade de Temple, Dr. Kimani Nehushi que afirma ser um imperativo que reconheçamos a natureza holística da existência. Para ele, na compreensão africana tudo foi integrado tanto na concepção quanto na prática. Assim, nossa tradição especifica como os humanos devem interagir com o ambiente, além de elevar esta relação ecológica a uma dimensão ritual.

Afrika (2014), em seu livro “African Holistic Helth”, ao se referir a utilização de ervas medicinais e outros medicamentos utilizados na África Tradicional, colocou que o sistema médico africano é holístico porque reconhece a integralidade do ser. Na mesma direção, Mazama (2009) para tratar da pesquisa científica afrocentrada, afirmou que o holismo é um imperativo, pois as civilizações tradicionais africanas ainda que não neguem o aspecto material do universo, compreendem que a essência da vida é espiritual, e a unidade entre o material e o espiritual nos proporciona a unidade com a Natureza.

De acordo com Sawandi (2016) nós africanas e africanos temos uma compreensão holística do universo pois estamos ligados ao cosmos através do nosso corpo espiritual e reagimos a mudanças nos pensamentos, emoções, luz, cor, doenças dos outros, humores, sons, campos magnéticos, estações do ano, ciclo da lua, marés, tempestades, ventos fortes, planetas e até aos espíritos de nossos antepassados. Quando há uma mudança no universo e no meio ambiente uma



ressonância é produzida no espírito do corpo humano que também afeta o corpo físico.

É bem provável que os produtos científicos africanos, desenvolvidos no seio destas civilizações sejam fruto da cosmo percepção holística africana e “carreguem” em si inúmeras conexões com várias áreas do conhecimento. O desafio neste trabalho é, apesar da limitação do modelo acadêmico ocidental, trazer a partir de pesquisa e leitura, algumas considerações sobre o campo sutil, intangível (para os códigos ocidentais) do fazer científico africano.

Um problema recorrente enfrentado neste trabalho é a linguagem disponível à ser utilizada. A palavra e o conceito Ciência, assim como as palavras Medicina, Matemática, Química, Arquitetura e Astronomia, por exemplo, não são adequadas para se referir aos conhecimentos produzidos no seio das civilizações africanas e a partir de seus pressupostos cosmológicos. Estas palavras foram criadas e utilizadas para se referir ao conjunto de conhecimentos formatados dentro da lógica europeia. Esta será uma limitação enfrentada neste ensaio e por todos que tratam sobre conhecimentos dos povos majoritários (membros do núcleo das culturas indígenas do mundo considerados coletivamente, exceto a minoria europeia) (ANI, 1994) e trabalham na tentativa de retirar estes conhecimentos do status de “meras” técnicas, superstição, magia ou idolatria.

A relevância deste trabalho pode estar relacionada ao fortalecimento da discussão acerca da produção de conhecimento na África Tradicional, a partir dos pressupostos filosóficos e da cosmo-percepção holística das civilizações africanas. Além da possibilidade da obtenção de pistas sobre os pilares da relação dos povos africanos com a Natureza e suas contribuições na área das ciências.

Desse modo, o principal objetivo aqui é investigar a produção e utilização de cosméticos na África antiga, propondo uma discussão acerca da natureza holística da ciência africana, a partir do paradigma africano-centrado e da afroperspectiva.

Para isso, 4 caminhos serão percorridos e se configuram como objetivos específicos do trabalho, são eles:

- Realizar levantamento bibliográfico acerca do paradigma da Afrocentricidade, para possivelmente colaborar com uma discussão afrocentrada nas ciências.



- Realizar estudo sobre algumas produções africanas na área das ciências e propor correlações possíveis entre estas produções e a natureza holística da ciência africana, a partir de estudos de africanidades.
- Realizar estudo na área da cosmetologia ancestral africana, propor correlações possíveis entre estas produções e minha experiência enquanto africana em diáspora, filha da cidade de Salvador, química, cosmetóloga, aromaterapeuta e Omo Orixá (filha de orixá).
- Realizar a partir dos estudos de africanidades, algumas considerações sobre a natureza holística da ciência africana na área da cosmetologia ancestral africana.

O paradigma que irá suportar as discussões propostas neste trabalho acerca do modelo africano de conhecimento, será a Afrocentricidade que foi desenvolvido intelectualmente por Molefe Keti Asante, doutor em filosofia e professor da Universidade de Temple na Filadélfia. Este paradigma tem como premissa principal os conceitos de localização e agência, para que os povos africanos no mundo possam se reposicionar e assumirem novamente o papel de sujeitos da sua própria história.

A escolha deste paradigma se deu pela possibilidade de trazer a perspectiva das civilizações africanas no que tange principalmente a percepção holística da ciência em uma perspectiva afrocentrada. A partir deste paradigma centrado na cosmo percepção africana foi possível falar de holismo, espiritualidade, intuição e culto a ancestralidade de forma não fetichizada ou não reducionista, como, conforme aborda ANI (1996), é comum na antropologia ocidental ao tratar de civilizações africanas.

Para que no trabalho também esteja explicitada a minha vivência enquanto mulher da diáspora africana filha de bairro periférico de Salvador, irei sempre que possível ao longo do trabalho, Afroperspectivar (NJERI, 2019; NOGUERA, 2012) minha experiência.

Além de referenciais escritos, os referenciais utilizados neste trabalho são algumas conexões ancestrais e intuitivas e aprendizados obtidos por meio da tradição oral a qual eu faço parte, enquanto filha de Salvador-BA e de comunidade afrodiaspórica desta cidade.



Os exemplos trazidos poderão ser facilmente checados na tradição oral de africanos da diáspora desta cidade porque são bastante conhecidos por nós. Esta tradição é viva e faz parte do nosso consciente e inconsciente coletivo.

Como bem disse o mestre da tradição oral africana e escritor malinês A. Hampaté Bâ, da oralidade nasceu a escrita e para penetrar a história e o espírito dos povos africanos devemos considerar essa herança de conhecimentos que foram pacientemente transmitidos “de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (BÂ, 2010, p. 167).

Hampaté Bâ diz que estudiosos ocidentais colocam a oralidade como um problema, porque consideram difícil de avaliar se esta tradição tem a mesma confiança que a escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. Para ele a maneira correta de se colocar o problema, é compreendendo que o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem, no meu caso, a mulher.

Farias (2017) também afirma que o paradigma da Afrocentricidade apontou para a consideração em trabalhos acadêmicos, de elementos não-escritos como fontes históricas. Assim, esta perspectiva contribuiu para o reconhecimento do valor narrativo da tradição oral como forma de acessar as experiências africanas.

De acordo com Ani (1994), nas tradições africanas o conhecimento é apreendido quando é vivenciado. Este é um trabalho teórico para a academia, mas a discussão proposta nele, no que diz respeito ao holístico, ao não tangível para os códigos ocidentais, é vivenciada por mim e por um grupo de pessoas em comunidades afro diaspóricas da cidade de Salvador.

A escritora mineira Conceição Evaristo ao se referir a sua escrita e a escrita de mulheres negras na literatura, cunhou a palavra “escrevivência”. Ao cunhar esta palavra, Conceição Evaristo trouxe a compreensão ancestral de que cada um, cada uma escreve o mundo que enfrenta e a vida é escrita pela vivência de cada pessoa. Os sentidos de “escrever, viver e se ver” que Evaristo (2006) utilizou para cunhar a palavra “Escrevivência” são, na minha percepção, a demonstração do quão integralizada (portanto africana) é a experiência da escrita para ela. Essa escrita cheia de vida eu chamaria de “escrita da alma”.



Em sintonia com as percepções de Marimba Ani e Conceição Evaristo, Bâ (2010) afirma que antes de colocar seus pensamentos no papel, a pessoa escritora ou estudiosa, mantém um diálogo secreto consigo mesma.

Nosso íntimo é morada da ancestralidade e lugar onde ela se expressa. Ao “escrever” e “viver” esse texto, me sinto eu mesma e em conexão com o todo, e neste lugar, estou confortável para falar sobre cosmetologia, aromaterapia e Ciência ancestral africana e algumas vezes até escrever em primeira pessoa.

Por ser iniciada no Axé e alguém que lida com os reinos vegetal, animal e mineral de maneira afro referenciada, ou em afroperspectiva (NOGUERA 2012, 2019) me sinto também íntegra e integralizada ao discutir elementos da ciência ancestral africana dentro desta perspectiva, no que diz respeito a técnicas e características dos produtos e principalmente no que toca os aspectos que estão no campo sutil da experiência.

Trarei também, algumas considerações sobre o que pode ter sido a cosmetologia ancestral africana e irei pontuar de forma mais detalhada o exemplo da maquiagem Kemética dos olhos. Sempre que possível, costurando o texto com meus aprendizados da tradição oral e estudos na área da cosmetologia e com a perspectiva holística da ciência africana.

O esforço será de integrar a experiência da conexão dos produtos científicos africanos e a perspectiva holística da ciência africana. Assim, a partir de passos trilhados por nossos ancestrais, me colocar no serviço de propor caminhos possíveis.



2 - ÁFRICA COMO BERÇO CULTURAL E “ANTERIORIDADE AFRICANA” NA CIÊNCIA

Neste capítulo apresentarei brevemente a proposição diopiana de berço cultural africano, considerando que o continente africano apesar de diverso, apresenta elementos comuns que perpassam por todas as civilizações africanas e que alguns destes elementos podem ser identificados na experiência da diáspora africana no mundo. E ainda apresentar alguns argumentos para o pioneirismo africano na área das ciências.

Cheik Anta Diop, africano do continente, senegalês, foi um dos mais importantes intelectuais africanos da modernidade. Formado em Física, Química, Antropologia e História, foi um polímata que escreveu vários livros fundamentais para compreender a África de maneira endógena.

Em seu livro “A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica”, Diop faz um estudo profundo e sistemático da história e cultura africana e apresenta assim uma das teses centrais que suportam a ideia de Unidade Africana.

Conforme a compreensão de Diop (2014) a humanidade se dividiu, originalmente em dois conjuntos geograficamente distintos, entre os quais um deles propiciou o estabelecimento do matriarcado e o outro do patriarcado e que estes dois sistemas se reencontraram e chegaram a disputar as diferentes sociedades humanas.

As diferenças entre o berço cultural setentrional (euroasiático) e nômade e o berço cultural meridional (africano) e sedentário, são fundamentais para compreender as características culturais destas civilizações e as diferenças entre elas.



Finch III (2009), apresenta as oito principais teses que dão escopo ao pensamento diopiano sobre a África:

- A humanidade começou na África e todos os subgrupos, variedades humanas, são ramificações da árvore genealógica africana
- O antigo Egito foi uma civilização Negro africana, desde o período pré-histórico até a conquista romana no ano 30 a.c.
- A origem dos povos da África Ocidental remonta ao Vale do rio Nilo
- O mundo semita é uma fusão de imigrantes caucasoides ou arianos com negros autóctones já estabelecidos na Ásia Ocidental
- Houve dois berços do desenvolvimento humano nos tempos pré-históricos: o berço Sul e o berço Norte.
- A ciência, a medicina, a filosofia, a arquitetura, a engenharia e a arte civilizada surgiram primeiro no Vale do Rio Nilo
- Os reinos pré-coloniais da África Ocidental desenvolveram sistemas de governo e formas de organização social altamente sofisticados
- Há uma unidade cultural entre toda a África Negra (FINCH III, 2009, p. 174-175)

As pesquisas de Diop trouxeram à tona os elementos comuns do berço cultural africano e assim, possibilitaram um enorme avanço nos estudos de africanidade e no estabelecimento da perspectiva centrada na experiência africana.

Egito foi o nome dado pelos gregos à civilização do Vale do Rio Nilo, porém Diop (2011) mostra também que o termo kemet ou kemit, são variações da palavra egípcia Kmt, proveniente do adjetivo km que significa preto ou negro. Dass (2020) em consonância com esta afirmação, coloca que os povos nativos chamavam aquela região de Kemet.

Diop (2014) defendeu que a humanidade surgiu na África e que o Kemet foi uma civilização negro/africana em todos os aspectos essenciais, desde o período pré-histórico até a conquista Romana no ano 30 a.C.. O mundo semita, para ele, seria então uma fusão de imigrantes caucasoides ou arianos com negros autóctones já estabelecidos na Ásia ocidental desde 5000 a.C.. Essa posição contrasta com a proposição europeia da civilização egípcia marcadamente branca e descolada do continente africano.

Diop (2014) também demarcou algumas diferenças entre o berço cultural europeu e o berço cultural africano. Contestou a hipótese europeia de que a humanidade teria estágios universais de desenvolvimento civilizacional, proposta por Lewis Henry Morgan, Johan Jakob Bachofen e utilizada por Friedrich Engels para demonstrar o caráter provisório da família monogâmica burguesa europeia. Na proposição de Diop, houveram, portanto, dois berços de desenvolvimento, o



setentrional (norte/ocidental) formado após a última era glacial, propício à vida nômade e o berço meridional (sul/africano) propício ao sedentarismo e a agricultura.

Portanto, a partir da perspectiva diopiana, defendida também pelos intelectuais afrocêntricos, em linhas gerais é possível compreender a unidade africana por meio de princípios básicos (características gerais) comuns a maioria dos povos pretos africanos: matrilinearidade (descendência definida pela linhagem materna)/matriarcalismo (centralidade da mulher na tomada de decisão cultural-comunitária), compartilhamento comunitário da terra e seus recursos naturais, índole coletiva, culto à ancestralidade, xenofilia (abertura ao estrangeiro), unidade espírito/matéria. Nesse sentido, as civilizações Kemet e Kush (antiga região da Núbia, atual Sudão) são como um legado clássico para os africanos, assim como Grécia e Roma o são para o ocidente.

É importante colocar que, aqui, a África será compreendida a partir da proposição diopiana de “Unidade cultural”, ou seja representando o berço cultural meridional e corroborada também por inúmeros intelectuais afrocêntricos como: Asante (2009), Ani (1994), Mazama (2009), Nascimento (2009), Nogueira (2012), Afrika (2014), Njeri (2019) e muitos outros. Compreender a África a partir da perspectiva africano-centrada, pode colaborar para desconstruir mitos europeus criados sobre este continente, como um continente primitivo, supersticioso e incivilizado.

Sá (2019) em consonância com a proposição diopiana, afirma que a negritude está no cerne de todo o processo de hominização e que hoje é irrefutável a ancestralidade africana da raça humana, o que Diop (2014) chamou de “anterioridade africana”. Para ele, a produção científica e tecnológica dos africanos, nos mais diversos campos do conhecimento, estabelece-se desde o desenvolvimento da vida, do surgimento do homo. Durante milênios, os povos africanos foram protagonistas no desenvolvimento do conhecimento tecnológico produzido no mundo.

Ainda na linha do desenvolvimento da vida, a “anterioridade africana” é também observada no importante processo de desenvolvimento da agricultura e domesticação dos animais. Para Sá (2019) a observação da natureza levou ao aprimoramento do conhecimento que permitiu a produção da própria comida levando esse grupo a ser sedentário e a construir as primeiras cidades. Nascimento (2008) aponta pesquisas



onde o surgimento da agricultura teria se desenvolvido no vale do Nilo há pelo menos dezoito mil anos.

A “anterioridade africana”, na criação de tecnologias agrícolas, aponta também para o desenvolvimento técnicas de plantio desde a separação e seleção das sementes, mudas, pedaços de galhos, rizomas, batatas e cocos, essas técnicas são utilizadas ainda hoje (SÁ 2019). Outro aspecto, está ligado aos instrumentos agrícolas usados: enxadas, foices, machados e enxós. Com o desenvolvimento das técnicas de fundição e metalurgia, esses artefatos assumiram maior eficiência.

Machado (2014) coloca que as pesquisadoras Beatrice Lumpkin e Margaret Alic em seu livro “History of Women in Science from Antiquity through the Nineteenth Century” afirmam que as mulheres foram as primeiras botânicas. Elas atribuem as seguintes conquistas para as mulheres da antiguidade: métodos de coleta, preparação e conservação de alimentos, construção de dispositivos para transportar comida e crianças, instrumentos para processar plantas, inventaram o pilão, técnicas de abate de animais e curtimento de peles, produção e utilização de corantes, secagem e armazenamento de ervas para utilização como medicamentos, descoberta das utilizações de plantas por meio da experimentação, tentativa e erro e reprodução seletiva das plantas.

A Era dos Metais marca o início da fabricação de ferramentas e armas de metal, Cunha Júnior (2010) aborda que a princípio, a ciência africana utilizou como matéria prima, metais de fundição mais fácil, como o cobre, o estanho e o bronze (uma liga de cobre e estanho). Posteriormente o ferro seria largamente produzido a partir do desenvolvimento dos altos fornos africanos. Os princípios termodinâmicos utilizados ainda hoje, são muito similares aos desenvolvidos pelos africanos.

Nascimento (2008) também afirmou que o desenvolvimento tecnológico das civilizações africanas antigas ainda é pouco conhecido, mas as tecnologias de mineração, a metalurgia, agricultura, a arquitetura, as técnicas de produção do vidro, cerâmica, a medicina, a matemática, a engenharia e a astronomia caracterizavam tanto os estados africanos, quanto às coletividades menores.

No Kemet havia uma grande produção de tintura, uma avançada cosmética, metalurgia, além das ciências médica e farmacológica. A sistematização da ciência



Kemet está registrada em papiros encontrados em sítios arqueológicos desta civilização datados do século XVI a.C. (NASCIMENTO, 2008).

Da mesma forma, Pinheiro (2020) aborda que com o surgimento da humanidade se desenvolvem também diferentes aspectos sociais da constituição humana, tais como: as primeiras civilizações, o Estado, as religiões, a ciência, a tecnologia, as artes, a filosofia, etc. Ela destaca, dentre as várias produções científico-tecnológicas africanas, nos campos astronômico, medicinal, arquitetônico, matemático e linguístico, nosso pioneirismo no campo da química e da física cosmetológica.

Barros (2014) reforça estas afirmações quando coloca que a manipulação da Natureza para produção de novos materiais era praticada em diversas civilizações africanas de maneira bem sistemática, muito antes da Ciência europeia Química. A produção de vidro, cerâmica, tinturas, corantes, cosméticos, etc, faziam parte da maioria das tradições africanas, desde as grandes civilizações até as coletividades menores.

Na literatura, a despeito da História da Química, alguns autores, a exemplo de Goldfarb (2005) e Strathern (2000), relatam a existência de um conhecimento que precede a Química, que os gregos chamaram de Alquimia. As origens da “Alquimia” são incertas, porém esta teve seu apogeu em Alexandria a partir dos conhecimentos dos egípcios, babilônicos, judeus e persas em conjunção com a filosofia Grega. Os autores, porém, concordam que em Alexandria o pensamento grego encontrou uma forma de saber muito antiga chamada de Khemeia.

A palavra Khemeia, que deu origem à palavra química (GOLDFARB, 2005), ocorre em vários hieróglifos da civilização kemet, a exemplo, os livros médicos de Imhotep, considerados os mais antigos tratados médicos conhecidos (AFRIKA, 2014). Essa palavra pode estar relacionada ao sepultamento dos mortos, no entanto, sua origem se perde no tempo. Algumas hipóteses defendem que a Khemeia parece estar ligada à arte da mumificação e ao Deus Anúbis.

Parece que a Khemeia pode ter origem nas práticas sagradas de sacerdotes e sacerdotisas do Kemet em cerimônias ligadas à morte. Contudo, parece que, para proceder a essa prática era necessário além do conhecimento dos processos



químicos envolvidos no embalsamento dos mortos, mas também o conhecimento de ritos e mitos que fazem parte da cosmovisão do povo Kemet em relação à morte.

Dass (2020) também coloca que a palavra alquimia tem origem na mesma palavra de raiz árabe, da qual vem a palavra química. Ambos vem de Khem (egípcio), significando preto. Assim como Kemet significando também “terra preta”, alquimia significaria portanto, a ciência preta ou artes pretas egípcias.

Ele coloca também que o imperador Diocletian, contrário aos antigos escritos egípcios, que tratavam da química (Khemia) da transmutação do ouro e da prata, fez um decreto em 300 d.C. na Grécia, ordenando que fossem queimados todos os livros de alquimia.

Dos dois únicos documentos egípcios originais de alquimia, que sobreviveram, o Stockolm Papyrus e o Leyden Papyrus X datando entre 250 e 300 d.C., fornecem instruções de como fazer pedras preciosas sintéticas, limpar e fabricar pérolas e produzir imitação de ouro e prata (DASS, 2020). O grego Zosimos de Panopolis (autor de um dos textos mais antigos sobre o tema) disse que a alquimia tinha origens no Kemet onde era dominada pelos mais sábios sacerdotes.

A Khemeia ou Khemia é citada por autores que estudam a Alquimia e a História da Química, porém não há um aprofundamento em seu conhecimento. Alguns dos autores contemporâneos relatam não haver fontes que possibilitem o aprofundamento nesse saber.

É possível que o cientificismo e o reducionismo dos pesquisadores, como conceituado por Marimba ANI (1994), impossibilitaram o entendimento pleno de tal saber ancestral. Neste cenário, é importante colocar o papel histórico da ciência ocidental, bem como a influência de filósofos, cientistas e pesquisadores em geral, para o extermínio dos saberes não ocidentais.

O Kemet foi o berço da civilização ocidental, Diop (2014) coloca que é impossível enfatizar tudo o que o mundo, particularmente o ocidente deve ao povo Kemet, os gregos apenas continuaram e desenvolveram, por vezes parcialmente, o que o conhecimento Kemet já havia sistematizado. Para ele, os Kemetyus criaram uma fase extraordinária de desenvolvimento de todos os elementos da civilização, enquanto outros povos, especialmente os eurásianos, ainda estavam imersos na barbárie.



De acordo com Diop (2014), os sistemas filosóficos gregos são baseados na Ciência Kemética e vários de seus fundadores, à exemplo Socrates, Platão, Tales de Mileto, Anaxágora e Aristóteles foram estudantes no Kemet. Para chegar a esta proposição, algumas fontes utilizadas por Diop (2014), foram textos a partir do ano 610 a.c dos filósofos gregos Tales de Mileto, Sólon, Anaxímenes e Platão que descreviam a civilização Kemet, a qual eles chamaram de Egito, como uma civilização Negra.

Da mesma forma, Afrika (2014) coloca que as ciências médicas africanas eram praticadas nestas civilizações e muitos caucasianos que foram treinados em África, retornaram para a Europa com esta “nova ciência”, alguns poucos, como Hipócrates são indicados na história.

Este trabalho tem o intenso interesse em propor uma discussão acerca do modelo africano de conhecimento. Assim, a partir da perspectiva Afrocentrada, o esforço será de realizar uma discussão em torno dos paradigmas científicos presentes na ciência africana, tentando compreender a natureza holística desta ciência.

Para isso serão trazidos alguns exemplos de produtos científicos na área da química, em especial na cosmetologia, desenvolvidos com tecnologias/metodologias próprias das civilizações africanas, sendo que o principal exemplo utilizado na discussão será a maquiagem Kemética dos olhos. Neste trabalho também serão apresentados alguns exemplos de produções científicas africanas antigas em outras áreas, como na medicina, matemática, arquitetura e astronomia.

Nascimento (2008) coloca que a natureza mais profunda do processo colonial foi a tentativa de desarticular os povos africanos por meio da negação de sua própria existência e de sua personalidade coletiva. Retirando destas populações o referencial histórico e cultural próprio e assim atingindo diretamente sua humanidade.

Para Asante (2009), os quinhentos anos de dominação europeia, apesar de interromper o caminho em direção ao progresso das civilizações africanas antigas, não conseguiram apagar as contribuições de milhares de anos de história anteriores às invasões dos europeus.

Devido ao movimento contra hegemônico e de resistência dos povos africanos no mundo, essa tentativa de aculturação e desumanização, não obteve o sucesso tão esperado pelo processo colonial. Asante (2009) compreende e reconhece que, ainda



que atravessados pelo processo histórico de dominação colonial europeia, africanos do continente e africanos descendentes se conectam a partir de um sistema transcontinental e transgeracional que resguarda princípios elementares do sistema cultural africano.

É possível identificar no Brasil este processo de resistência, pois alguns princípios das civilizações africanas antigas estão presentes nas comunidades da diáspora africana no Brasil e em todo o mundo. Na Bahia em especial, estes princípios podem ser encontrados na capoeira, em terreiros de Candomblé, em comunidades afrodiáspóricas periféricas (favelas), em irmandades etc.

De acordo com o paradigma da Afrocentricidade, para que as civilizações africanas e africanas da diáspora retomem o papel de sujeito de sua própria história, é importante que voltemos o olhar para as antigas civilizações africanas, para seus modelos e suas formas de existir no mundo.

Esta perspectiva está em consonância com o ideograma Sankofa, que faz parte do conjunto de símbolos gráficos Adinkra, do povo Akan da região de Gana e parte da Costa do Marfim, África Ocidental. De acordo com Nascimento (2008), cada ideograma Adinkra tem um conjunto fábulas que expressam conceitos filosóficos e são utilizados para transmitir ensinamentos.

Sankofa é a estilização do pássaro que vira a cabeça para trás e significa “voltar e apanhar aquilo que ficou para trás”, representa a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. Para Asante (2009), não se vive do passado mas acessar o passado é fundamental para construir o futuro.

A capacidade de replicar, modelar, manipular e controlar vários aspectos da natureza já existia nas civilizações africanas antigas. O movimento de retomada dos nossos sistemas de conhecimento como alternativa ao sistema ocidental é importante, pois o sistema ocidental já mostrou por diversas formas não ser capaz de sustentar o bem comum da humanidade, do planeta e dos seres que aqui habitam.



3 - AFROCENTRICIDADE

3.1 - Levantamento bibliográfico

Com o intuito de compreender o estado da arte do Paradigma da Afrocentricidade aqui no Brasil, realizei uma revisão de literatura utilizando a palavra “Afrocentricidade” nas principais plataformas de trabalhos acadêmicos brasileiras, o portal de periódicos da CAPES, a plataforma Scielo, o banco de teses e dissertações brasileiras e a plataforma Sucupira. Também realizei a pesquisa nos arquivos do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (Enpec) e no Banco de Teses da Associação brasileira de Pesquisadores Negros, entre os anos de 2011 até 2021.

Na plataforma Sucupira a pesquisa se deu nas seguintes áreas de atuação: ensino, educação, filosofia, história e interdisciplinaridade. A busca foi realizada em todas as classificações da plataforma (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C).

No portal de periódicos da CAPES, na plataforma Scielo e na plataforma Sucupira não encontrei trabalho cadastrado com essa palavra-chave. No banco de Teses da Associação brasileira de Pesquisadores Negros também não consta nenhum trabalho registrado com a temática da Afrocentricidade. Nos arquivos do Enpec tinha apenas o artigo:



UMA ANÁLISE DA AFROCENTRICIDADE NA PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS E O TEMA SABERES POPULARES	
Autoras	Kelly Meneses Fernandes, Érica Larusa Oliveira Mascarenhas, Bárbara Carine Soares Pinheiro
Tese/Dissertação/Artigo	Artigo
Ano	2019

Na Biblioteca digital brasileira de Teses e dissertações (BDBTD) foram encontrados 46 resultados, entre teses e dissertações que aparecem a palavra afrocentricidade ou afrocêntrico, afrocentrismo e afrocentrada (que o programa mapeou automaticamente).

Os 46 foram trabalhos analisados, no sentido de verificar quais deles contém alguma discussão sobre a Teoria da Afrocentricidade, seja sobre seu histórico, fundamentos ou pressupostos teóricos-metodológicos. Souza (2017) já havia realizado a mesma pesquisa até o ano de 2017 e encontrou três trabalhos, de lá para cá (2017 até 2021) encontrei mais dois.

Vale reforçar que, embora em 46 teses apareça a palavra “Afrocentricidade”, 41 delas não tem em seu corpo, nenhum pressuposto histórico, teórico e/ou metodológico do paradigma. Essas teses não são portanto do interesse deste trabalho, já que neste capítulo a proposta foi de mapear aqui no Brasil a literatura escrita sobre esta teoria. O que demonstra uma grande lacuna

Dentre eles, vale ressaltar primeiro a dissertação: ADÃO, Jorge Manoel. **O negro e a educação: movimento e política no Estado do Rio Grande do Sul: 1987-2001.** 2002. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002, defendida em 2002, não pode ser analisada porque o texto completo não se encontra na Base de dados da BDBTD, conforme afirma Souza (2017) e verificada também por mim nessa pesquisa.

Assim, no total, até o ano de 2021, no banco de dados da BDBTD apenas 5 trabalhos fizeram alguma discussão sobre a Teoria da Afrocentricidade. São eles:



AFROCENTRICIDADE, EDUCAÇÃO E PODER: UMA CRÍTICA AFROCÊNTRICA AO EUROCENTRISMO NO PENSAMENTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Autor	Ricardo Mateus Benedicto
Tese/Dissertação/Artigo	Tese
Instituição	Universidade de São Paulo
Ano	2016

ÁFRICAS E AFRICANIDADES NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA ESPANHOLA	
Autor	Renan Fagundes de Souza
Tese/Dissertação/Artigo	Dissertação
Instituição	Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ano	2017

“GAROTOS AFEMINADOS” “MENINAS MACHÕES”, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONSELHO TUTELAR DE JUAZEIRO BAHIA	
Autor	Sergio Pessoa Ferro
Tese/Dissertação/Artigo	Dissertação
Instituição	Universidade Federal da Paraíba
Ano	2017

LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA VISÃO AFROCENTRADA A PARTIR DA OBRA DE IBN KHALDUN~UM	
Autor	Rafael Menezes de Farias
Tese/Dissertação/Artigo	Dissertação
Instituição	Universidade de Brasília
Ano	2017

SOPAPO POÉTICO E ETNOMUSICOLOGIA NEGRA: AGÊNCIA, PERFORMANCE, MUSICALIDADE E PROTAGONISMO NEGRO EM PORTO ALEGRE	
Autor	Pedro Fernando acosta da Rosa
Tese/Dissertação/Artigo	Tese
Instituição	Universidade Federal do Rio Grande de Sul
Ano	2020



No artigo apresentado no Enpec de 2019, Fernandes, Mascarenhas e Pinheiro (2019), assim como, Souza (2017) faz uma pequena discussão sobre a afrocentricidade apontando os princípios básicos no que diz respeito principalmente a localização e agência dos povos africanos.

Ferro (2017) trata da perspectiva de afrocentrar o direito e faz uma pequena discussão sobre afrocentricidade apontando os princípios básicos no que diz respeito principalmente a localização e agência dos povos africanos, porém ao longo do texto o paradigma da afrocentricidade aparece de maneira periférica.

Benedicto (2016) traz uma discussão mais aprofundada sobre o tema, fala um pouco do histórico da Afrocentricidade, para ele este paradigma foi influenciado principalmente nas idéias de Cheik Anta Diop e que a afrocentricidade não se desenvolveu no vácuo, ela tem seus antecedentes históricos, conforme também farei o esforço de trazer aqui neste trabalho.

Farias (2017) na seção “Entre eurocentrismos e afrocentrismos” fala das consequências nefastas da mistificação das da história africana pelas teses eurocêntricas e traz também os principais fundamentos da teoria da afrocentricidade. Além disso, ele aponta para a contribuição desta teoria nas pesquisas acadêmicas e rebate algumas críticas feitas a ela.

Benedicto (2016) e Farias (2017) trazem a definição e os principais fundamentos do paradigma da afrocentricidade, trazendo a ideia afrocêntrica, a noção de localização, centro e agência. Além dos principais autores que contribuíram com esta teoria.

Rosa (2020) se detém a fazer uma reflexão sobre os críticos da Teoria da Afrocentricidade no sentido de argumentar que este paradigma não é o eurocentrismo invertido como dizem alguns críticos. Ele trata da temática da afrocentricidade a partir destas críticas, assim, apesar de apresentar alguns pressupostos deste tema, os fundamentos da afrocentricidade também aparecem de forma periférica.

A partir da análise destes trabalhos, percebe-se que há uma lacuna em relação a discussão do Paradigma da Afrocentricidade, ainda que muitos trabalhos se declarem utilizar esta teoria como sua base teórica, dentro dos trabalhos na grande



maioria das vezes não é de interesse das pesquisas, realizarem a discussão aprofundada sobre seus fundamentos.

Nesse sentido, portanto, ainda há espaço para a escrita no que diz respeito aos pressupostos teóricos, metodológicos e a aplicação do paradigma da Afrocentricidade na investigação científica. Por esta razão me proponho a realizar esta pesquisa discutindo a perspectiva Afrocentrada, apontando seu histórico, seus fundamentos e pressupostos metodológicos, para possivelmente contribuir com essa discussão na área das ciências e aqui no Programa de Pós-graduação em Ensino, História e filosofia da Ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana.

O livro *Afrocentricidade – Uma abordagem Epistemológica Inovadora*, da coleção Sankofa, organizado pela pesquisadora Elisa Larkin Nascimento, reúne uma série de artigos sobre o tema da Afrocentricidade que vão desde seu histórico e origens, passando pelos fundamentos e considerações metodológicas até artigos sobre a teoria aplicada a pesquisa científica. Segundo Nascimento (2009), este livro que é uma referência sobre o tema no Brasil, é fruto do ativismo de educadores negros e seus aliados.

O livro *Afrocentricidade – A teoria de mudança Social*, embora sua primeira edição tenha sido escrita em 1980, ele é bastante utilizado aqui neste trabalho, pois nele o tema da Afrocentricidade é abordada de maneira aprofundada quando comparado a outros trabalhos, pelo menos na literatura que tive acesso. O livro contém um histórico detalhado do paradigma com os principais teóricos que influenciaram o desenvolvimento da ideia afrocêntrica, além do detalhamento dos fundamentos da Afrocentricidade.

3.2 - Histórico e fundamentos

A origem da Afrocentricidade como uma ideia intelectual é remetida a publicação em 1980, do livro de Molefi Keti Asante “Afrocentricity: The Theory of Social Change (Afrocentricidade”: A teoria de mudança social), porém de acordo com Asante (2016) a palavra "Afro-cêntrico" foi utilizada por Kwame Nkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, em Legon.



Asante escreveu mais de 60 livros sobre a temática dos estudos de Africanidades e da Teoria da Afrocentricidade e criou o departamento de Africologia desta Universidade além de ter fundado o “Journal of Black Studies”.

A tradição de pensamento afrocêntrico desenvolvida no ocidente foi um ato de resistência ao universalismo europeu. Asante (2016) afirma que por causa do tráfico de africanos durante o comércio e colonização europeia de pessoas, nós fomos afastados de nossos centros culturais, psicológicos, econômicos e espirituais e forçados a adotar a cosmovisão particular da Europa.

De acordo com Alves, Jesus e Scholza (2015), a colonialidade que é um dos elementos constitutivos de um padrão mundial eurocêntrico, incide histórica e secularmente nas produções científicas, invisibilizando o conhecimento de povos tradicionais, afirmando um modo de compreender o mundo em detrimento de outro. Ou seja, privilegia-se um referencial teórico-prático que segue a racionalidade da ciência europeia, reafirmando a cultura hegemônica em detrimento da considerada subalterna.

Asante (2016) afirma que a Afrocentricidade emergiu para que, nós, africanos e africanas do continente ou da diáspora, repensássemos conceitualmente o paradigma ocidental. Para ele, nas últimas décadas, o aparecimento da Afrocentricidade como um novo paradigma tem mudado as perspectivas sobre a natureza das investigações científicas, das ciências sociais, das humanidades e das narrativas históricas.

De acordo com Asante (2014), Afrocentricidade é um modo de pensamento e ação no qual a centralidade dos interesses, valores e perspectivas africanos predominam. Uma teoria de mudança social, que se refere a mudança de perspectiva, ao lugar cultural de onde é feita a narrativa a respeito dos povos africanos e da diáspora. Em termos teóricos é a colocação do povo africano no centro de qualquer análise, ou seja, a localização é um dos pressupostos fundamentais deste paradigma.

Molefi Kete Asante desenvolveu a teoria da Afrocentricidade e tornou essa teoria um paradigma científico possível de ser operacionalizado na ciência ocidental no século XX. Todavia, Nascimento e Finch (2009) colocam que, antes deste período, ela já era extensa na qualidade de modo de pensamento e orientação para investigação.



Para Nascimento e Finch (2009), o pensamento afrocêntrico, precede e muito, a teoria elaborada por Molefi Asanteno século XX. Segundo estas autoras, o pensamento afrocêntrico inclui tratados, depoimentos, discursos, obras abolicionistas e até mesmo textos literários.

Da mesma forma, Mazama (2009) coloca que a Afrocentricidade não surgiu em um vácuo, para ela e na cosmo percepção africana, nada se cria do nada, tudo é continuidade da vida. Assim, a Afrocentricidade integrou princípios de vários sistemas filosóficos africanos, e estes princípios são os alicerces nos quais a Afrocentricidade se constituiu.

Nascimento e Finch (2009) sinalizam como ponto de partida simbólico para o início dessa tradição, a cerimônia de Voodoo conduzida por Boukman Dutty e Cécile Fatiman (Sacerdotisa do culto a Voodoo), com 200 pessoas em Bwa Kayiman, no dia 14 de agosto de 1791. Essa cerimônia acionou a rede de resistência haitiana, que deflagrou uma revolta geral por toda a Ilha. Apesar de não ter sido a primeira Insurreição na Ilha, foi marcada pela presença e condução da matriz africana de filosofia religiosa. De acordo com Nascimento e Finch (2009) essa revolução estava ligada a outra, imediatamente anterior conduzida por François Makandal, nascido na África conhecedor das ervas medicinais, conhecimento ancestral que foi fundamental na revolução.

A tradição intelectual, religiosa e política haitiana são um importante marco de origem para os estudos de afrocentricidade. Nascimento e Finch (2009) colocam que no século XIII a nação haitiana tinha muitos intelectuais negros, e neste período, articularam uma crítica contundente ao colonialismo europeu. Esse fator deu corpo para a vitória da revolução haitiana contra as forças coloniais de Napoleão, outro fator histórico que, para Nascimento e Finch (2009), situa o pensamento afrocêntrico.

No contexto do Haiti, Nascimento e Finch (2009) argumentam também que, além da característica central de luta e resistência, a afrocentricidade possuía duas vertentes: uma delas se constrói na matriz filosófica religiosa e as tradições ancestrais e a outra na produção acadêmica escrita e publicada na língua e no discurso ocidental.

Essas duas vertentes coexistem e correspondem a duas dimensões da afrocentricidade. Por um lado, o pensamento afrocêntrico expresso na sua linguagem própria, ou em sua língua original ligado às referências ancestrais africanas, e por



outro, uma produção acadêmica de autores que dominam e utilizam as ferramentas da academia ocidental para produzir análises próprias e originais.

No Brasil, Nascimento e Finch (2009) citam a “Carta da escrava Esperança Garcia” do Piauí na qual, a autora apresenta queixas diretamente ao Governador da Capitania do Piauí. Nesse texto, Esperança desconstrói estereótipos acerca da submissão considerada “natural” do povo preto, propagados pelo discurso colonial e questiona a ideia da convivência pacífica no Brasil. Outro exemplo colocado é o da escritora, educadora e compositora Maria Firmina dos Reis, para as autoras, Maria Firmina escrevia poesia, ficção e música e dava uma voz inovadora ao tema da escravidão no contexto brasileiro.

Para Mazama (2009), a integração dos princípios espirituais e físicos pode muito bem constituir grande desafio num ambiente dominado pelo positivismo. Nesse sentido, o mesmo processo pode estar operando em outras pessoas, em especial pessoas pretas que vivem a espiritualidade africana.

Nascimento e Finch (2009) destacam que nos Estados Unidos, o livro “Fogo Negro” lançado em 1968, uma antologia da literatura Norte americana organizada por Amiry Baraka e Larry Neal. No prefácio, escrito por James T. Stewart, o autor deixa claro que o ensaio é uma tentativa de construir um modelo particular de olhar o mundo numa perspectiva dos negros, porque segundo ele o modelo e paradigma branco não correspondem à realidade da existência negra.

Outros intelectuais de ascendência africana também fizeram críticas ao eurocentrismo, conforme aborda Benedicto (2016), o nigeriano Olaudah Equiano (1745-1797), a escritora e poetisa etíope Philipis Whetley (1753-1784), Benjamim Franklin (1706-1790), George Washington (1732- 1799), o abolicionista Ganense Ottobah Cugoano (1757-1791), o educador e diplomata afroamericano Edward Wilmot Blyden (1832-1912), o antropólogo haitiano Antenor Firmin (1850-1911) e os intelectuais brasileiros Manuel Quirino (1854-1923), Lélia Gonzalez (1935-1994) e Abdias do Nascimento (1914-2011).

No século XIX a urgência da causa da abolição da escravatura, mobilizou a intelectualidade negra, quando o pensamento Pan-africano começou a se desenhar na diáspora, no Caribe e Estados Unidos. Para as autoras Nascimento e Finch (2009),



os intelectuais e ativistas do pan-africanismo estão entre os mais destacados articuladores do pensamento afrocentrado no século XIX.

Nos Estados Unidos, além da repercussão da independência do Haiti, houve uma forte influência de lideranças vindas do Caribe. Neste contexto, constituiu-se uma vertente do abolicionismo defendendo a emigração de negros, formados no ocidente ou nas Américas, para a África com o objetivo de fortalecer o continente e fazer dele a base de defesa de africanos na diáspora.

No século XX, no contexto dos Estados Unidos a vitória da União e a derrota da escravatura, deu origem às universidades negras que possibilitaram a formação acadêmica de afrodescendentes. No artigo “*Abordagem Afrocentrada, história e evolução*”, Nascimento e Finch (2009) abordam que em 1895, dois anos após a abolição da escravidão, o governo dos Estados Unidos criou o Departamento dos libertos que estabeleceu metas educacionais e de capacitação profissional para os negros recém emancipados. Pessoas brancas da tradição filantrópica também investiram na educação da população afrodescendente do período da abolição até a primeira década do século XX. Parte da população negra cursou então o ensino superior e isso favoreceu a formação de pensadores e pesquisadores.

Para Nascimento e Finch (2009), com esse acesso à universidade e a criação de faculdades Negras, outras lideranças foram formadas e nesse contexto a população negra iniciou um processo de reivindicação de seus direitos civis e o enfoque nacionalista negro que já existia, ganhou corpo e evidência. Após a virada do século, muitos autores se dedicaram a rever a história dos povos africanos com um novo olhar.

No livro “*Afrocentricidade – A teoria de mudança social*” Molefi Asante coloca alguns intelectuais importantes na construção do pensamento afrocêntrico. O primeiro intelectual citado por Asante é Booker T. Wasington, segundo ele, Wasington necessitou de muita sagacidade e coragem para defender na sua época o avanço educacional, econômico e político do povo preto, num tempo em que a Ku Klux Klan havia se formado, linchamentos ocorriam regularmente e brancos dos Estados Unidos, nascidos no sul do país estavam se apropriando de terras de pretos.

Segundo Asante (2014), a visão da realidade histórica em 1895 e início do século XX definiu o dinamismo, dedicação e determinação de Wasington. A partir das



suas posturas filosóficas, principalmente no que diz respeito à educação e economia, ele influenciou outros intelectuais afrocêntricos. Wasington defendia que a economia seria a principal via de crescimento do povo preto.

Dentre os ativistas do Pan-africanismo, Nascimento e Finch (2009) destaca também o intelectual Martim R. Delany que cunhou o conceito de nação negra nos Estados Unidos e hoje é conhecido como pai do nacionalismo negro. Delany estudava o Egito antigo e a questão racial. O sindicalista jamaicano Marcus Garvey, um dos nomes mais importantes do Pan-africanismo, seguiu desenvolvendo essa linha de ação e pensamento no milênio seguinte.

Marcos Mosiah Garvey jamaicano, nascido em agosto de 1887, foi uma das lideranças Pan – africanistas que surgiram no século XX e exerceu uma forte influência no pensamento afrocêntrico. Sua ação foi para Asante (2014), um prenúncio da via afrocêntrica por auto respeito e dignidade. Garvey foi um Pan-africanista que via nitidamente a relação de africanos da diáspora e do continente como variação de um povo.

Para Asante (2014, p. 20), “o garveysmo foi a mais perfeita, consistente e brilhante ideologia da libertação do povo africano, na primeira metade do século XX”. Ainda segundo o autor, Garvey, com suas ideias, pegou a pessoa africana desenraizada de sua cultura e revigorou-a.

Marcos Garvey defendia a ideia de que poderia reunir os povos africanos de todo o mundo, em uma grande congregação para estabelecer um país e um governo. Asante (2014) coloca que Garvey elaborou um programa que tinha sete etapas: despertar e unir todos os povos africanos, transformar o pensamento dos despertados em potencial, canalizar energias emocionais em direção a interesses raciais e construtivos, trabalho sacrificial de massa, apostar na educação de massas através da educação em ciência e indústria e da construção de caráter, preparar nacionalistas para governar nações, manter as novas nações unidas depois que elas fossem formadas.

Asante (2014) defende que as ideias garveystas não são novidade, pois, sempre caracterizaram a visão branca de mundo. Ainda segundo o autor, coloca ainda que o trabalho de Garvey foi multidimensional, embora os críticos tenham se concentrado apenas ao retorno à África.



O autor também traz o intelectual Elijah Muhamad, ao apontar que seu objetivismo foi fundamental para a organização detalhada da Afrocentricidade. Ele coloca que o objetivismo, como desenvolvido por Elijah Muhamad, é o uso dos artefatos culturais e símbolos africanos em todo o trabalho reprodutivo e criativo. Sua base elementar está na atitude mental e seu modo de expressão é simbólico. Conforme relata Asante (2014) Elijah Muhamad explicou que o povo preto tinha se movido em direção ao centro de outro, sem parar e pensar no seu próprio centro.

Elijah ensinou pretos e pretas a reclamar seu próprio ser quando demonstrou a importância de partir do seu centro para a periferia e levar os próprios símbolos. Para Asante (2014) Elijah, assim como Marcos Garvey, compreendeu as realidades econômicas do povo preto e defendeu o controle da produção, já que considerava que o consumismo retirava a autonomia da população afro americana.

Asante (2014) coloca que a plena realização da afrocentricidade só é possível se tivermos como foco o Objetivismo, tal qual desenvolvido por Elijah Muhamad. Elijah inspirou toda uma geração de pesquisa, literatura e ciência. Para Asante (2014), Elijah formou lideranças como, Malcom X, Muhammad Ali e Louis FarraKhan, estes nomes se tornaram símbolo da sua herança criativa, excepcional e poderosa.

Uma liderança do século XX bastante popular nos Estados Unidos foi o pastor evangélico Martin Luther King, nascido em Atlanta em 1929. Segundo Asante (2014), King é visto por boa parte da comunidade afro americana como uma liderança não afrocentrista e contraditória. Ele defendeu a não-violência e realizou protestos anti-racistas pacíficos. Para Asante (2014), sua filosofia não violenta, casada com a desobediência civil e somado a seu carisma possibilitou seu grande acesso às massas e a introdução de inúmeras mudanças legais e sociais nos estados Unidos no século XX. Apesar de seu grande sucesso como liderança, sua trajetória foi marcada por contradições na comunidade afro-americana.

Quanto mais King se colocava entre estas forças opostas, mais contradições emergiam dentro da comunidade, o que pode ter enriquecido as discussões acerca do que viria a ser o afrocentrismo. Porém, sua atuação direta não pode ser reivindicada como afrocentrista, mas apenas como uma filosofia de ação (ASANTE, 2014).



O escritor, historiador, editor e ativista Wiliam Edward (W.E.B) Du Bois, que estudou na Universidade Fisk em Massachusetts, conforme apontam Nascimento e Finch (2009), também exerceu forte influência ideológica na comunidade afro americana. Du Bois, concluiu seu doutorado em sociologia na Universidade de Harvard e escreveu, entre outras obras, o livro “*As almas da gente negra*”, que de acordo com Nascimento e Finch (2009), foi o primeiro livro significativo publicado sobre a questão racial no século XX.

De acordo com Asante (2014), Du Bois dominou o panorama intelectual em matéria econômica, política, social e histórica no seu tempo. A grande maioria das suas produções eram sobre questões africanas ou afro-americanas, porem Du Bois não era afrocêntrico, ele empregava métodos eurocêntricos para estudar o povo negro. Poucos acadêmicos africanos de seu tempo conseguiram romper com o pensamento europeu. Apesar disso, discutia as limitações da Europa e frequentemente rompia com suas barreiras.

Conforme abordagem de Nascimento e Finch (2009), Du Bois exerceu grande influência sobre toda uma geração posterior de intelectuais afrocentrados, com seu livro “*O mundo e África*” (1965). E segundo Asante (2014), Du Bois preparou o mundo para a afrocentricidade, ele reconheceu a importância da humanização, dos valores espirituais e da interconectividade entre todas as coisas, princípios nitidamente africanos.

Malcom X, outra liderança Pan-africanista, nos anos 60, rejeitou o pensamento ideológico europeu e, segundo Asante (2014) se tornou referência para a inversão radical desta lógica de dependência da ideologia dos brancos. Ele acreditava que a libertação ocorre apenas e só através da determinação ativa de uma pessoa. Para Asante (2014), o apelo de Malcom era que o povo preto utilizasse “qualquer meio necessário” para se livrar do fardo da escravidão, e assim como Franz Fanon, era um ativista crítico numa trajetória revolucionária, a caminho da Afrocentricidade.

Para Asante (2014), o professor Maulana Karenga entendeu que o tempo de redefinição tinha ocorrido na década de 60 e o tempo de reconstrução havia chegado. Ele mergulhou intensamente na história e tradição africana, e criou uma ideologia sistemática (Kawaida) baseada em sete critérios: história, mitologia, impulso criativo, ethos, organização social, organização política e organização econômica. Estes



critérios, para ele, seriam elementos necessários para estabelecer um sistema de pensamento. De acordo com a percepção de Asante (2014), Karenga entendeu que tínhamos que organizar nossa mitologia a fim de dar propósito, identidade e direção ao povo preto.

Karenga criticou o cristianismo por seu fanatismo e colocava que o propósito final desta filosofia religiosa, era destruir as realidades espirituais que realmente fazem parte da história do povo preto. Asante (2014) coloca que ele era defensor de que o pensamento afrocêntrico jamais deveria separar o material do espiritual. Karenga reconhecia que o povo africano compreende a realidade a partir da continuidade entre espírito e a matéria e que os ancestrais se reúnem a fim de nos inspirar e trazer a vitória.

No contexto dos Estados Unidos, uma geração de intelectuais e ativistas se propuseram então, a buscar independência ideológica das correntes estabelecidas, além de buscar recuperação e articular valores africanos de referência e identidade. Essa geração, segundo Nascimento e Finch (2009), foi fundamental para a construção do pensamento afrocêntrico.

Outro intelectual que exerceu profunda influência no pensamento afrocêntrico foi o escritor George G. M. James, no seu livro *“O legado roubado”* ele esquematiza o processo pelo qual foram transmitidos a Grécia o conhecimento e a cultura das civilizações do Vale do Nilo. De acordo com Nascimento e Finch (2009) ele foi encontrado morto em 1954, mas antes conheceu em Paris o senegalês Cheik Anta Diop.

Cheikh Anta Diop, já citado neste trabalho, nasceu na aldeia Caytou, região de Diourbel, ao Leste de Dakar, no Senegal, na África (CASA ÁFRICA, 2021). Diop é considerado um dos maiores historiadores e egiptólogo de sua época e pioneiro nos estudos da historicidade do continente africano.

Diop escreveu vários livros artigos e fez inúmeras conferências, mas para Finch III (2009), seus livros, *“A unidade cultural da África negra”*, *“África negra pré-colonial”*, *“Anterioridade das civilizações negras”* e o livro *“Civilização ou barbárie: uma antropologia sem complacência”*, foram suficientes para que Diop fosse considerado o mais importante intelectual da produção acadêmica afrocentrada.



Conforme informação de (CASA ÁFRICA, 2021), a partir de 1960, Diop voltou para o Senegal e deu continuidade a seu trabalho de reconstituição científica do passado da África e a restauração da consciência histórica do continente, atuando como pesquisador e professor na Universidade de Dakar (atualmente denominada Universidade Cheick Anta Diop). No ano de 1961 deu início a construção de um laboratório para a datação do carbono-14, o IFAN – Instituto Fundamental da África Negra (em francês – *Institut de l’Afrique fondamentale Noire*).

Diop em suas pesquisas no laboratório tinha objetivo principal identificar o nível de melanina na pele das múmias dos faraós Keméticos de modo a confirmar a origem negra dos povos Kemético, que foi negada pelos pesquisadores e historiadores/egiptólogos de seu tempo, todos brancos europeus.

De acordo com Finch III (2009), Diop “quase sozinho”, deu início a uma mudança de paradigma de como a África era estudada, criou novos modelos de investigação e disciplinas inteiramente novas de produção acadêmica africanista. Encontrou muitas dificuldades na sua vida acadêmica e teve sua tese sobre a origem africana da civilização egípcia rejeitada duas vezes.

Asante (2016) afirma que, em primeiro lugar, Diop teve que desafiar os principais estudiosos da Europa, derrotar seus argumentos com a ciência e estabelecer o próprio caminho da África para a sua história. Para Asante (2016), Diop é um líder de originalidade intelectual que foi capaz de demonstrar que a tentativa da Europa de tirar pessoas negras para fora do Egito e o Egito para fora da África foi o ponto central da falsificação europeia das contribuições da África para a história mundial.

Asante (2016) coloca que vários estudiosos interiorizaram a causa da agência africana e escreveram sobre Afrocentricidade e educação, ciência política, psicologia e egiptologia. Ele cita Linda James Myers, C. Tsehloane Keto, Daudi Azibo que além de introduzir o trabalho em outras áreas, expandiram a ideia afrocentrica. Tais livros e artigos ajudaram a criar o discurso que impulsionou o conceito no público em geral e no mundo acadêmico.

Benedicto (2016) coloca também outros intelectuais que tiveram alguma contribuição para a construção da teoria da afrocentricidade, são eles: Wade Nobles (1932-), Na'im Akbar (1944-), Yoseph Bem Jochannan (1918-2015), Charles Finch III,



Runoko Rashid (1954-), Asa Hilliard III (1933-2007), Jacob Carruthers (1930-2004), John Henrik Clar, Ivan Sertima (1935-2009), Mwalimu Shaujaa. E alguns teóricos que trabalham em uma perspectiva afrocêntrica na Universidade de Temple: Abu Abarry, Clement Tseholane Keto, Kariamuwelsh-Asante, Terry Kersaw, ele destaca também outros intelectuais que contribuíram para a construção do paradigma afrocêntrico: Wade Nobles (1932-), Na'im Akbar (1944-), Yoseph Bem Jochannan (1918-2015), Charles Finch III, Runoko Rashid (1954-), Asa Hilliard III (1933-2007), Jacob Carruthers (1930-2004), John Henrik Clar, Ivan Sertima (1935-2009), Mwalimu Shaujaa.

Aqui neste trabalho, destaco a Ama Mazama por que, de acordo com Asante (2016), esta autora, através de seu livro *"The Afrocentric Paradigm"* (O Paradigma Afrocêntrico) ela ela descreveu, estruturou e solidificou o paradigma da Afrocentricidade como uma importante escola teórica de pensamento no campo da Africologia. Com este trabalho clássica ela norteou estudiosos do mundo inteiro que estavam considerando escrever sobre Afrocentricidade e civilização, mas não tinham encontrado "a saída adequada para suas energias intelectuais" (ASANTE, 2016, p. 12). Sem dúvidas o trabalho de Mazama foi um marco para o paradigma da Afrocentricidade, além disso, ela organizou um grupo de estudiosos e conduziu a Afrocentricidade como uma teoria cultural e prática para a transformação coletiva do povo Africano.

A doutora em Antropologia Marimba Ani que em seu livro *"Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior"* (Yurugu: Uma crítica africano centrada do pensamento e comportamento cultural europeu), assumiu, segundo Asante (2016), a tarefa de fazer uma crítica completa da cultura eurocêntrica e civilização a partir de uma perspectiva afrocêntrica.

Mazama (2009) traz também, duas importantes intelectuais, Cleonora Huson-Weems e Nah Dove, que fizeram grandes contribuições ao discurso afrocêntrico sobre mulheres e homens africanos. Cleonora Huson-Weems cunhou o termo mulherismo africana em 1987 depois de perceber, o que para ela era a inadequação do feminismo em apreender a realidade das mulheres africanas e proporcionar-lhes meios de alterar essa realidade. Segundo ela, por ser uma teoria forjada na matriz europeia, o feminismo ou feminismo negro não pode refletir as crenças ou interesses de mulheres



africanas e afrodiáspóricas. Hudson afirma que o mulherismo é alicerçado na cultura africana e, portanto, enraizado nas experiências, lutas, necessidades e desejos singulares das mulheres africanas.

Asante (2014) nos traz um posicionamento que é bastante atual, de que tudo o que aconteceu desde o colapso das organizações políticas centrais a partir da desintegração do Kemet durante as invasões estrangeiras até a escravização dos africanos representou um deslocamento maciço de africanos para fora do seu centro. A história particular da Europa e a realidade dos europeus são apresentadas como conjunto de toda experiência humana. O eurocentrismo impõe suas perspectivas como se fossem o “universal”, isto é, apresentando o branco como representante da condição humana, enquanto todo não-branco é visto como um grupo específico, portanto, não “humano”.

Asante (2014) coloca, portanto, que desde a era colonial, todas as sociedades adotaram por meio da imposição, a ideologia e símbolos das sociedades ocidentais decadentes. Então, as comunidades africanas no mundo, ao invés de adotar governos baseados em valores e padrões tradicionais, seguem o sistema ocidental que provou não ser eficaz nem em suas terras nativas.

Desta forma todos os povos colonizados, se tornam reprodutores do comportamento europeu tanto no continente como na diáspora e as estruturas que sobreviveram a milhares de anos, inúmeras vezes são abandonadas em favor de uma ideologia importada. Porém, Finch III (2009) argumenta que as posições, ideologias, cosmologias particulares do povo europeu, não explicam as outras realidades.

Asante (2016) coloca, porém que a Afrocentricidade, condena a valorização etnocêntrica às custas da desqualificação das perspectivas de outros grupos. No entanto, a Afrocentricidade não representa um contraponto à eurocentricidade, mas é uma perspectiva particular para a análise que não quer ser universal, ou seja, não quer ocupar todo o espaço e o tempo como o eurocentrismo tem feito.

Asante (2014) aponta que existem cinco níveis de consciência que levam a transformação para a afrocentricidade. O primeiro nível é o reconhecimento de pele, quando a pessoa reconhece sua pele ou herança, o segundo nível que é o reconhecimento do meio, a pessoa percebe como o meio define sua negritude através do abuso e da discriminação. O terceiro nível é a consciência de personalidade,



quando a pessoa reconhece sua personalidade de pessoa africana descendente, por meio de gostos musicais, etc.

O quarto nível é a preocupação\interesse, no qual a pessoa reconhece os outros níveis e demonstra preocupação e interesse com os problemas e tenta lidar de forma inteligente com os erros do povo africano (ASANTE, 2009). E o último nível que é a consciência Afrocêntrica, quando a pessoa caminha consciente do processo de libertação de sua própria mente. Neste ponto, a pessoa afrocentrista está ciente da determinação da consciência coletiva.

Asante (2009) traz que o modo de expressar Afrocentricidade se chama demarcação. Segundo ele, intelectual ou ativista afrocentrada sabe que deve traçar uma fronteira cultural em sua pesquisa, texto, artigo, atividade etc. Isto pode ser feito, através da explicitação de determinada simbologia africana ou da menção de heroínas e heróis da história e cultura africana, por exemplo.

A Afrocentricidade torna-se uma crítica da dominação europeia, que nega o poder da hegemonia cultural. Asante (2016) insiste, portanto, que a comunicação, o comportamento e as atitudes africanas devem ser examinadas dentro do contexto da cultura africana, não como parte da percepção europeia do mundo.

Nesse sentido, Asante (2009) coloca que a Afrocentricidade propõe a interpretação e explicação dos fenômenos do ponto de vista dos africanos como sujeitos, em vez de vítimas ou objetos. Portanto, a Afrocentricidade coloca a África no centro de todos os estudos que se relacionam com este continente e com os povos de descendência africana, tornando a pessoa africana sujeito da sua própria imagem cultural.

Para isso, Asante (2009) traz o conceito de agência, que para ele é a “capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana” (ASANTE, 2009, p. 94), e o conceito de agente, que é um “ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses” (ASANTE, 2009, p. 94).

Nessa mesma direção, Benedicto (2016) afirma que o afrocentrista pretende proteger e defender os valores e elementos culturais africanos, tendo como direção uma humanidade que respeite o modo de ser africano.



Para Asante (2016), os povos africanos que sofrem coletivamente a experiência do deslocamento, devem com agência e responsabilidade se realocarem para um lugar centrado na cosmo percepção Africana. Ao recentralizar a pessoa africana como agente, segundo Asante (2016) a Afrocentricidade força a hegemonia europeia a perder o poder de situar os africanos como marginais.

Nota-se que, por um lado, a Afrocentricidade busca corrigir o sentido de lugar do africano e, por outro, fazer uma crítica ao processo de deslocamento causado pela dominação econômica, política e cultural europeia. Isto, para Asante (2016) não é dizer que a Europa é má e a África é boa, colocar a questão dessa maneira, para ele é perder o ponto da Afrocentricidade. Porém a imposição da cultura europeia como normativa e universal é inaceitável e não deve ser a única forma de examinar a vida e as experiências da humanidade.

Em termos culturais, econômicos, políticos e sociais, um pesquisador ou pesquisadora afrocêntrica deve ter consciência que a agência africana sempre existe. O que, segundo Asante (2009), pode ser analisado é se a agência é forte ou fraca. Se a agência não for considerada, o fenômeno africano analisado, cai na condição da marginalidade.

A conscientização sobre a agência dos povos africanos também está no centro da teoria da Afrocentricidade, essa é, para Asante (2009), a chave para a reorientação e a recentralização dos povos africanos em todo o mundo.

Asante (2009) propõe algumas características mínimas para um projeto afrocêntrico: Interesse pela localização psicológica, compromisso com o lugar do africano como sujeito, defesa dos elementos culturais africanos, compromisso com o refinamento léxico, compromisso com uma nova narrativa da história da África.

O interesse pela localização é uma ideia perspectivista. É a capacidade de olhar os fenômenos do ponto de vista dos próprios africanos. Para Asante (2009), uma pessoa oprimida, está deslocada quando opera de uma localização centrada na experiência do opressor.

Em todo lugar e qualquer circunstância, a pesquisadora afrocentrista está preocupada em descobrir a posição de sujeito da pessoa africana. Segundo Asante (2009), isso não é fácil, devido às complicações de identidade das pessoas africanas



do continente ou da diáspora, porém é premissa do estudioso ou estudiosa afrocentrada a descoberta do lugar de africanas\aficanos como sujeito.

A afrocentrista, deve estar preocupada em defender e proteger os elementos culturais e valores africanos como parte do projeto humano. Asante (2009) afirma que a pesquisadora afrocentrista, deve usar elementos linguísticos, psicológicos, sociológicos e filosóficos para defender os valores culturais africanos.

Para explicar o compromisso com o refinamento léxico Asante (2009), coloca a ideia de que um pesquisador afrocentrista, não deverá, por exemplo, chamar a casa africana de “choupana”. Já que essa palavra remete a algo primitivo, em contraposição a palavra casa que remete a ideia de uma moradia moderna.

Da mesma forma, Benedicto (2016) utiliza os exemplos dos termos tribo e primitivo. Ele coloca que é comum caracterizar os povos que habitam o continente africano, como pessoas que vivem em tribos com o intuito de atribuir a ausência de organização sofisticada no continente africano. Benedicto (2016) continua colocando que Wade Nobles chamou esse fenômeno de “erro transubstantivo”, que ocorre quando uma orientação cultural (sistema de crenças) de uma cultura é utilizada como orientação cultural de outra cultura. Este fenômeno pode ser observado também quando a orientação eurocêntrica caracteriza as religiões de matriz africana.

Por fim, Asante (2009) traz o importante compromisso com uma nova narrativa da história da África. A pesquisadora ou pesquisador afrocentrista, deve ter clareza de que uma das obrigações fundamentais é se contrapor a marginalização da África e as falsificações dos registros históricos africanos por parte de pesquisadores eurocêntricos.

Os estudos de Cheik Anta Diop sobre a origem africana da humanidade, que revelam o alto grau civilizatório destas civilizações e comprovam que a África foi a base para as ciências e a religião ocidentais, para Asante (2016), fragilizam o discurso ocidental, que para funcionar recorreu a imposição através de forças institucionais, psicológicas e emocionais. Para ele, deve-se resgatar os valores, a história e a tradição africanas em todos os aspectos da vida humana abrangendo seus sistemas de cura, idéias espirituais e símbolos religiosos.

Durante milênios as civilizações clássicas africanas estiveram entre as principais elaboradoras de conhecimento humano. De acordo com Nascimento e



Finch (2009), a abordagem afrocêntrica tem algumas missões, uma delas é estudar a produção científica africana negada por um ocidente que se auto denominou o único dono da ciência e a outra é levantar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento, como por exemplo a filosofia religiosa tradicional.

Asante (2016) aponta, portanto, a necessidade da reorientação em direção às civilizações do Egito e da Núbia para reconhecermos o papel que os africanos e a África desempenharam na história mundial. Para ele, Monomatapa, Mapungubwe, Kongo, Borno, Khart-Haddas, Gana, Mali, Songhay, Axum, Nubia e Kemet se tornaram as fontes para uma nova historiografia com africanos no centro de sua própria história.

Desse modo, Asante (2014) coloca que a Afrocentricidade reconhece a mitologia, a história, o ethos e as ideias criativas africanas como expressão da determinação coletiva do povo africano. Assim, ele propõe o estabelecimento de uma visão neo Kemética no mundo, e segundo ele este movimento resultaria em uma explosão positiva na arte, política, ciência, cultura, arquitetura e filosofia, para isso deve-se, porém, retornar ao estudo do passado clássico africano.

Para Asante (2016) é hora de acabar com a desintegração da nossa consciência coletiva, através da introdução da Afrocentricidade em todas as situações. Isto é necessário para agitar nossas consciências e despertar posições ativas.

A educação eurocentrada faz com que estudantes não brancos vejam a si mesmo e seus grupos como passivos, raramente leem ou ouvem histórias de pessoas não brancas como ativas. Para Asante (2019), numa educação afrocentrada os estudantes têm oportunidade de estudar o mundo, seus povos, conceitos e história para verem a si mesmo como sujeitos e não como os que apenas buscam conhecimento mas como participantes integrais da construção dele.

Asante (2014) traz a importância de enfatizarmos que a afrocentricidade não é a visão negra do eurocentrismo. O eurocentrismo é baseado em noções de supremacia branca e seus propósitos são proteger o privilégio e vantagens da população branca na educação, na economia, na política e assim por diante.

De acordo com Asante (2009), a Afrocentricidade coloca a África no centro de todos os estudos que se relacionam com este continente e com os povos de



descendência africana. Ao reconhecer nosso quadro de referência, a Afrocentricidade nos torna análise e síntese, ela se torna fonte de regeneração de nossos valores e crenças.

Essa teoria compreende a pessoa africana como sujeito da sua própria imagem cultural, assim ela é uma alternativa aos estudos negros. Asante (2009) coloca que, não adotar essa teoria seria mergulhar em uma “aventura” intelectual com perspectiva europeia sobre africanos, instrumentos brancos de estudos negros.

Asante (2014) coloca que a perspectiva afrocêntrica, envolve um processo holístico, orgânico. Desta forma, todas as questões políticas, artísticas, econômicas, éticas e estéticas estão conectadas com o contexto do conhecimento afrocêntrico. Para ele, mente, matéria, espírito, fato, verdade e opinião, são todos eles aspectos ou dimensões de nosso processo vital. E devem estar presentes em uma produção afrocentrada.

Asante (2009) enfatiza que no contexto da afrocentricidade, o termo “africano”, não é essencialista, não é algo que se baseie simplesmente no sangue ou gene. Para ele, “africano” é “alguém que participou de mais de 500 anos de resistência à dominação europeia” (ASANTE, 2009, p.102), muitas vezes sem saber que participava. Nesse sentido, o processo de conscientização é importante para definir quem está sintonizado no campo da Afrocentricidade. No final, Asante (2009) argumenta que a consciência e não a biologia, determina a abordagem afrocentrada. É do lugar da consciência que toda a análise procede.

Outro ponto colocado por Asante (2014) é a questão da libertação da linguagem que deve ser uma prioridade. Para ele, temos que retirar da nossa linguagem os termos degradantes colocados pelo opressor. O que é um grande desafio, tendo em vista, os séculos de tentativa de destruição da nossa linguagem em todos os sentidos.

Para Asante (2014), num contexto revolucionário, o compromisso com a afrocentricidade é ocupar o lugar central de poder. Quando sabemos qual é o centro, as outras coisas se tornam evidentes. Quando as margens forem eliminadas, mais forte e autossuficiente será a Afrocentricidade. Na arte, na ciência, na medicina e engenharia, ele coloca que somos a vanguarda do humanismo e do respeito pelos seres humanos, então para Asante (2014), não há professor maior que a nossa própria história (Asante, 2014).



Ainda de acordo com Asante (2014) há uma diferença entre consciência de opressão e de vitória. Para ele, a pessoa negra pode saber o que acontece com ela na sociedade, mas não sabe como escapar de seus problemas. É necessária, portanto, uma consciência vitoriosa fundamentada na afrocentricidade, ele afirma que a pessoa em consonância com o campo da afrocentricidade, deve estabelecer valores vitoriosos, criar excelência e rejeitar a resignação. Nenhum afrocêntrico ou afrocêntrica deve ter meramente consciência de dor, opressão e sofrimento. É uma premissa da Afrocentricidade que o presente e o futuro devem ser projetados como vitória, sobretudo o presente deve ser vivido vitoriosamente.

Para Asante (2009), a afrocentricidade não ignora a lógica nem a emoção e qualquer africano independentemente do quão distorcida seja sua realidade aceitará a base cultural da africanidade. Nesse sentido, Asante (2009) afirma que como um povo, as nossas conquistas mais valiosas são as conquistas do espírito. Com o espírito afrocêntrico criamos espaços para todas as possibilidades, esta é para ele a fonte do compromisso revolucionário genuíno.

Mazama (2009) examinou os principais conceitos, pressupostos e convicções do paradigma afrocêntrico. Ela coloca que o conceito de paradigma é ambíguo e recebeu múltiplas definições desde que foi proposto por Thomas Kuhn em 1952. Segundo Mazama (2009), um dos principais feitos do conceito de paradigma, tal como desenvolvido por Kuhn, é tornar explícita a existência de premissas particulares nas quais todas as investigações intelectuais se baseiam, tornando assim insustentável a ideia de neutralidade e universalidade científica.

Sobre a ideia de paradigma, Alves, Jesus e Scholza (2015) relatam que enquanto Kuhn discutia a ideia no âmbito acadêmico eles colocam que Edgar Morin ampliou o conceito ao afirmar que ele provém de visões de mundo compartilhadas pelas comunidades científicas, porém não se limita a ela. Nessa perspectiva, as autoras entendem que paradigma civilizatório é um conjunto de pressupostos, concepções, saberes, práticas valores e crenças compartilhadas por um grupo de pessoas, e que transcende os limites geográficos de onde vivem, além de dar vivacidade e organização a um modo de observar, agir e compreender o mundo.

Para Alves, Jesus e Scholza (2015), o “Paradigma Dominante” criado a partir da racionalidade da ciência moderna é um “modelo totalitário” de observar e



compreender o mundo, pois nega o caráter racional as outras formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. Nesse sentido, Mazama (2009) também critica o comportamento europeu, que tenta impor por meio de disfarce de ideias, teorias e conceitos sua visão particular, como universal e natural.

Embora o conceito de paradigma tenha sido elaborado no centro da visão acadêmica ocidental, ele converge com uma premissa fundamental da Teoria da Afrocentricidade, que é o reconhecimento de que qualquer ideia ou teoria, por mais que se afirme “neutra”, constitui o produto de uma matriz cultural e histórica particular. E sua ampliação como proposta por Edgar Morin e relatada por Alves, Jesus e Scholza (2015) converge também na mesma direção que a compreensão holística do paradigma da Afrocentricidade.

Mazama (2009) afirma também que para ter utilidade, o paradigma da Afrocentricidade, deve ativar a consciência africana, o que segundo ela é compatível com uma antiga tradição africana existente no Kemet, onde os sacerdotes abriam a boca das estátuas dos Deuses para insuflar-lhes vida e consciência, para que estes servissem ao povo que lhes servia.

A tese de Mazama (2009) é que a Afrocentricidade se encaixa na definição de paradigma, para isso ela expõe seus aspectos cognitivos: o metafísico e o sociológico. Além de expor o aparato conceitual, a epistemologia, a metodologia e os métodos deste paradigma.

De acordo com Mazama (2009) o princípio organizador do aspecto metafísico do paradigma da Afrocentricidade é a percepção de que toda realidade é baseada na centralidade da experiência africana para os povos africanos. Este princípio, não pode ser questionado para quem se declara afrocêntrico.

Asante (2009) coloca que como o paradigma da Afrocentricidade admite ideais e valores negros como as formas mais elevadas de expressão da cultura africana (centralidade africana), sua conscientização é um aspecto funcional para uma abordagem revolucionária do fenômeno. As implicações epistemológicas da centralidade africana são para Mazama (2009) de longo alcance e tem implicações infinitas, se estendem ao ato de ler, escrever, comer, correr, estudar, lutar, amar, trabalhar etc.



Na dimensão sociológica, segundo Mazama (2009) este paradigma, cobre a dinâmica social e psicológica, as línguas, as expressões literárias e oratórias, a história, as expressões artísticas e assim por diante, dos estudos afro americanos. O conjunto da experiência cultural e histórica que define os africanos como um povo. Para ela, os estudos afro americanos se dedicam ao exame de todos os aspectos da vida de africanas e africanos, da mesma forma que os estudos europeus realizam essa tarefa em relação a vida dos europeus.

Asante (2009) afirma, porém, que o aspecto social e o aspecto cognitivo de um paradigma são incompletos sem o aspecto funcional. Há algo além do conhecimento num sentido afrocentrado, existe também o fazer. A afrocentricidade sustenta que todas as definições são autobiográficas. Na compreensão das civilizações africanas não existe conhecimento sem vivência.

Assim, a partir, principalmente, da Obra de Asante (2009) e Mazama (2009), foi possível operacionalizar cientificamente o paradigma da afrocentricidade, dentro do espaço acadêmico e colaborar para que estudos de africanidades produzam um conhecimento que liberte e traga empoderamento ao povo preto.

3.4 - Afroperspectivando a experiência

De acordo com Christian (2009) não existe homogeneidade nas comunidades afro diaspóricas, para ele pertencer a diáspora africana é vivenciar de alguma forma a marginalidade social e psicológica na interação social cotidiana com a cultura europeia majoritária.

Porém a experiência da colonização é real, mas Asante (2009) argumenta também que apesar das diferenças geográficas esses povos se conectam e se convergem em vários níveis. Assim, em uma perspectiva afrocentrada o que nos define, como já foi colocado neste trabalho, é o sistema cultural africano intercontinental, transmitido por meio da oralidade através de gerações que está presente em comunidades pretas em todo o mundo. Na Bahia, ele é facilmente identificado em terreiros de candomblé, irmandades pretas, grupos de capoeira e em comunidades periféricas afro diaspóricas.



Sendo assim o que une as populações afrodiáspóricas no mundo, está para além da experiência comum de deslocamento, exploração discriminação e resistência. O que nos une é a nossa africanidade é o nosso sistema cultural intercontinental que sobreviveu e sobrevive até hoje e torna única a nossa experiência.

Asante (2009) traz também que é importante, reconhecer o “hibridismo” na cultura africana da diáspora. Há particularidades nas experiências de africanos e africanas da diáspora e que estas devem ser consideradas. Não existe uma identidade africana fixa nem um absolutismo étnico. Para Asante (2009) é necessário entender como e de que maneiras a experiência de africanos na diáspora se conectam umas com as outras. Essa abordagem não deve negar as diversidades destes povos, mas reconhecer um conjunto de princípios comuns que podem nos fornecer pistas da identidade africana no mundo.

Nossa experiência diaspórica na Terra não é homogênea, cada local tem sua particularidade criada a partir da convergência de realidades naturais, sociais, políticas e culturais que se estabeleceram ao longo da história. Então, estudiosos afrocêntricos devem considerar cada local a partir da sua forma africana e/ou sincrética de ser. De acordo com Christian (2009), padrões de convergência que constituem as “realidades culturais africanas” também devem ser explorados em uma investigação afrocêntrica.

O paradigma da Afrocentricidade como já foi dito irá suportar teórica e metodologicamente este trabalho, porém ao longo do processo de estudo e escrita, me causou desconforto o fato dele ter sido elaborado no contexto dos estados Unidos e, portanto, a partir da experiência de afroamericanos, outro fator de incômodo é que a grande maioria dos pesquisadores e intelectuais são pessoas em corpos masculinos.

Assim, dentro da minha compreensão, esse paradigma traduz e contempla parte da minha experiência e da experiência da comunidade que participo, porque historicamente sofremos o “deslocamento” devido ao processo colonial europeu. Nesse sentido, me proponho também a afro perspectivar (NJERI 2019; NOGUERA 2012) minha experiência sempre que possível, ao longo do trabalho.

Abdias Nascimento (2009) criou o conceito Quilombismo demonstrando assim uma interseção no modo de ser afro-brasileiro. Para ele, o Quilombismo se constitui



nos focos de resistência física e cultural, objetivamente, nas redes de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba etc, e outros grupos não legalizados. Os dois formam uma unidade, uma única forma de afirmação humana ética e cultural e integram uma prática de libertação. Essas organizações afro-brasileiras particularizam nossa experiência e assim constituem nossa identidade afro diaspórica.

Seguindo esta trilha, Noguera (2012) coloca na área da educação o conceito de afroperspectividade, onde ele desdobra a afrocentricidade de Asante, trazendo a ideia de afroperspectiva.

Simplificadamente, este conceito aborda o “conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas” (NOGUERA, 2012, p.147). Em termos da Afrocentricidade, a Afroperspectiva utiliza os conceitos de localização e agência. Além da Afrocentricidade, a Afroperspectividade, tem como referências o quilombismo de Abdias do Nascimento e o perspectivismo ameríndio de Tânia Stolze.

Segundo Noguera (2019), na filosofia Afroperspectivista, a ancestralidade é o alvo do culto do pensamento, além de que se trata de um movimento que não pretende buscar o verdadeiro em oposição ao falso, mas se coloca pelo movimento em si mesmo. O que parece também estar em consonância com a Afrocentricidade, já que não estão em busca do universalismo, mas pretendem firmar a cultura e o modo de existir africano, para africanos e africanas.

Njeri (2019) compreende que o paradigma afrocêntrico na educação, deve inserir na prática pedagógica as contribuições dos não-brancos para humanidade e expandi-la através de perspectivas não eurocêntricas, nas diversas áreas, como: história, cultura, língua, política, economia, tecnologia e ciência. Para ela, essa prática torna o processo de ensino-aprendizagem e a socialização escolar mais plurais e emancipadores.

De acordo com Njeri (2019) a educação afrocêntrica apresenta um tripé estruturante: conhecimento acadêmico, conhecimento de mundo, conhecimento de seu povo e história. Assim, ela compreende que para construir a educação afrocêntrica da diáspora afro-brasileira, deve-se em primeiro lugar localizá-la, aplicar sua agência e em seguida, afroperspectivar a partir da territorialidade brasileira e a



história desta diáspora. Essa prática deve também conduzir, encorajar e dirigir os estudantes para as tecnologias do futuro, de forma a garantir sua sobrevivência na contemporaneidade.

Benedicto (2016) afroperspectiva a educação afrocêntrica a partir do conceito de quilombismo de Abdias Nascimento (1980). Para ele, a educação afrocêntrica deve ser inspirada na experiência dos quilombos, já que nestas sociedades os africanos se organizaram sem renunciarem a sua africanidade, e se mantiveram abertos aos indígenas e brancos excluídos do sistema colonial. Nesse sentido, ele coloca que a educação quilombista, deve ser compreendida como um processo de formação “amefricano” no Brasil. Este processo poderá valorizar a transmissão de crenças, costumes e conhecimentos e permitir que os afro-brasileiros vivam de maneira adequada nesta sociedade.

Para Njeri (2019) uma pedagogia afrocêntrica e afroperspectivada não tem caráter excludente, pois busca na natureza xenofílica negro africana, assim para empregá-la no processo educacional, ela coloca que deve haver o deslocamento para o eixo civilizatório africano e afroperspectivá-lo a partir da experiência da territorialidade afrodiáspórica e no nosso caso, afro-brasileira.



4 - METODOLOGIA

Neste capítulo pretendo traçar o caminho metodológico percorrido no esforço de trazer uma perspectiva que integre os elementos práticos, teóricos, intuitivos e espirituais presentes no desenvolvimento deste trabalho. Para Asante (2009) é importante reorganizar a força metodológica afrocêntrica, que foi distorcida no momento do deslocamento que ocorreu quando do comércio de escravos europeu. Dessa forma ele traz que a metodologia afrocêntrica deve voltar sua percepção para a ontologia, a cosmologia, a axiologia e a estética do povo africano.

Ani (1994) compreende que as visões de mundo dos africanos e dos americanos nativos têm conceitos cósmicos similares. Ela coloca que, suas tradições intelectuais e sistemas de pensamento se apóiam no pressuposto de inter-relação cósmica.

Nesse sentido, as civilizações africanas não há um “eu” individualizado e separado da existência, o “eu” está integralizado com o todo, por esta razão não há também objetificação do universo.

Mazama (2009) também coloca que em uma metodologia afrocentrada, a imersão no sujeito é necessária, em consonância, Asante (2009) afirma que a pesquisadora afrocentrada deve saber o seu lugar no processo, sua imersão cultural e social.

A partir desta cosmo percepção, o conhecimento é apreendido e transmitido por meio da vivência. A metodologia proposta neste trabalho segue essa lógica, assim, a “escrevivência” Evaristo (2006) na área da cosmetologia ancestral africana, pode ser considerada o ponto central desta metodologia. A unidade da experiência é



materializada aqui, pela comunicação entre o conhecimento prático, teórico (por meio da tradição oral ou escrita) e as conexões intuitivas e espirituais acessadas.

Soares et all (2017) desenvolve a noção de “Escrevivência”, cunhada por Conceição Evaristo, como método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada. Para ela, a escrevivência é um recurso metodológico de escrita, que utiliza-se da experiência da autora para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres negras.

O sentido do coletivo, também é fundamental, pois embora a perspectiva intuitivo-prática-teórica abordada neste trabalho possa ser nova para o Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, ela faz parte do cotidiano de pessoas afro diaspóricas e por isso, não é nenhuma novidade para este grupo de pessoas.

Assim, nesta “escrevivência” em cosmetologia ancestral, estão presentes a minha vivência (individual e coletiva) em terreiro de candomblé, que me permite uma compreensão afro referenciada do holístico e do espiritual, a prática na produção de cosméticos naturais, essa por sua vez, embebida de um conhecimento acadêmico ocidental na área da química. E por fim, a leitura com o olhar em afro perspectiva, na área da cosmetologia, aromaterapia e ervas medicinais. O processo intuitivo esteve e está presente em todas as etapas deste trabalho.

É importante colocar também que esse movimento faz parte da minha vida, ele já existia antes do trabalho acadêmico e continuará depois dele. Aqui neste espaço, estou “escrevivendo” realidades. Nesta altura, quero destacar principalmente que, o olhar afro perspectivado no campo da leitura na área da cosmetologia, aromaterapia e ervas medicinais precede (e muito) a ideia de submeter um trabalho nesta instituição e foi a que sempre exigiu muito esforço.

Os estudos na área da cosmetologia de uma forma geral, não estão em uma perspectiva afro-referenciada e em seus textos, pouco referenciam as civilizações africanas antigas. Neste trabalho, Sartore, Lopes, Guaratini (2010) e Pinheiro, Rosa, Conceição (2019) abordaram a origem africana da cosmetologia e da maquiagem kemética.



Muitas referências na área da aromaterapia e ervas medicinais, citam a origem africana em estudos, porém não discutem ao longo de seus textos essa perspectiva. A dificuldade de encontrar autores que desenvolvam, na área da aromaterapia e ervas medicinais, uma perspectiva afro-referenciada, se deve ao processo de colonização, que proporcionou o apagamento histórico das contribuições ancestrais africanas.

Sobre a visão holística africana, os trabalhos de Afua (2000) e Creation Energy (2009), Sawandi (2016) e Afrika (2014) tratam desta perspectiva. Porém na obra de Faur (2011) por exemplo, o trabalho foi de “formiguinha”, como se diz no popular, para encontrar a referência africana nos textos de seus livros, pois esta autora não trata da visão holística de maneira afro-referenciada.

Mazama (2009) aborda também que toda investigação afrocêntrica deve ser determinada pela experiência africana, nesse sentido Asante (2009) traz a importância da localização do fenômeno em relação à centralidade africana.

No que diz respeito às produções científicas africanas, os trabalhos de Machado (2014), Dass (2020), Nascimento (2008), Pinheiro (2021) e African Creation Energy (2009), estão em uma perspectiva afro-referenciada, o que facilitou a pesquisa.

O levantamento teórico na área da aromaterapia, cosmetologia, ervas medicinais e nos textos sobre a perspectiva holística, foi realizado com os autores e autoras, afrocêntricos ou não, que fazem essa discussão no meio acadêmico no Brasil e fora dele. Porém, nos casos onde as leituras não eram afro-referenciadas, apliquei a metodologia afrocentrada, ou seja, meu olhar foi a partir de uma perspectiva de centralidade e agência africana.

Asante (2009) traz que, o método afrocêntrico é crítico cultural e examina a ordem e os usos etimológicos das palavras e termos para localizar as fontes, articular ideias e ações para reconhecer o que é pejorativo ou construtivo para o povo africano. Deve estar atento para descobrir o que está por trás das máscaras da retórica do poder, privilégio e hierarquia e estabelecê-lo como o principal lugar de produção de mitos. Por fim, o método afrocêntrico deve também localizar a estrutura construtiva de sistemas econômicos, partidos políticos, política de governo, forma de expressão cultural através da atitude, direção e linguagem do fenômeno.



A pesquisa teórica na área da cosmetologia ancestral africana só foi possível, devido ao “olhar afrocêntrico, ou em afro perspectiva” que faz parte da minha vida, essa é a busca que me move diariamente

Mazama (2009) em sua pesquisa sobre a metodologia afrocentrada destaca que o conhecimento afrocêntrico é validado por uma combinação de compreensão histórica, material e intuição, ou seja, que o conhecimento é ao mesmo tempo racional e supra racional. A compreensão histórica, material e intuitiva neste trabalho está presente em diversas etapas.

O caminho metodológico percorrido foi primeiramente pensado a partir da seguinte pergunta: que entidades para além da natureza física da matéria, estão presentes no desenvolvimento das produções científicas africanas e nos produtos científicos gerados?

Assim, busquei articular a discussão proposta por estes autores sobre as produções científicas africanas, com a perspectiva holística africana. Na área da cosmetologia ancestral africana retirei dos livros de cosmetologia, alguns exemplos trazidos pelos autores, em referência à origem africana e me esforcei para propor correlações possíveis entre estas produções, a perspectiva holística africana.

Da experiência prática, para compor e articular a discussão em direção a uma compreensão da natureza holística da ciência africana, utilizei conhecimentos da tradição oral que aprendi em comunidade periférica de Salvador e em Terreiro de Candomblé e na produção de cosméticos naturais..

Para Asante (2009) toda investigação afrocêntrica deve ser ativada pela “alma” da pesquisadora, a qual, em última instância, está ligada ao ritmo, o pulso íntimo do cosmo. Compreender as tecnologias ancestrais africanas de forma holística faz parte da minha trajetória, seja na teoria ou na prática da produção de remédios, cosméticos e utilização de ervas medicinais.

Ainda segundo Mazama (2009), no paradigma da afrocentricidade o holismo é um imperativo, deve-se confiar na intuição e nem tudo é mensurável porque nem tudo que é importante é material. Para ela, o conhecimento gerado pela metodologia afrocêntrica deve ser libertador.

Por “estar” no mundo em afro perspectiva, gosto de admitir que a minha intuição também está presente na “escrevivência” na área da cosmetologia ancestral, aqui



apresentada. Sobre o processo intuitivo, este se deu de modo transversal em todas as etapas da pesquisa, desde antes da elaboração do projeto inicial em 2019, até esta que é (até então) a última versão do texto.

Para mim, a ativação da intuição se dá pela utilização de ervas medicinais, plantas enteógenas de forma ritualística e cosméticos naturais. Estas ervas utilizo dentro do terreiro de candomblé sob orientação litúrgica e fora deste espaço, a partir do meu próprio impulso e movimento, mas sempre reconhecendo e honrando-as como espíritos vegetais e não como objetos. Nestes lugares (espaço/tempo) acesso portais internos que me levam ao autoconhecimento e, me conectam com a ancestralidade, assim recebo informações dos caminhos a percorrer na vida de um modo geral e na pesquisa científica

Ainda no campo da intuição e em unidade com a experiência, também estão presentes outros elementos. Destes, alguns são awô, que, em tradução simplificada significa “segredos” acessados somente por pessoas iniciadas e por fim, outros elementos que eu mesma desconheço, são os mistérios que fazem parte do mundo intangível.

Ani (1994) coloca que, na cosmo percepção africana, temos consciência que fazemos parte de outras realidades que são o resultado da sensível, consciente e espiritual coexistência no universo. Assim, as civilizações africanas reconhecem e aceitam que as dimensões mais profundas da existência não podem ser compreendidas e/ou verbalizadas, pois a palavra (ou a escrita) não são capazes de alcançar o significado da experiência.

No que diz respeito à espiritualidade, Mazama (2009) coloca que na metodologia afrocentrada ela é importante e deve ser colocada no seu devido lugar.

E qual é o lugar da espiritualidade na perspectiva africana?

O atravessamento provocado pelo sistema colonial atingiu várias dimensões do nosso ser afro diaspórico. Em especial, nossa dimensão espiritual foi e é bastante desqualificada, atacada e reprimida pela perspectiva ocidental racionalista.

Nesse sentido, embora os sistemas espirituais africanos sejam facilmente identificados nas comunidades pretas em toda a diáspora, muitas questões pairam no ar porque eles foram quebrados e hoje temos que trabalhar no sentido de reconstruir essa comunicação, ou seja, (re) afinar a nossa percepção com o espiritual.



O espiritual para pessoas africanas é a força criativa que une todos os fenômenos. É a fonte de toda energia, movimento, causa e efeito. Ele é o nível significativo da existência (ANI 1994).

Para os povos africanos a essência da vida é espiritual, isso não significa negar o aspecto material da vida, mas compreender que quando tudo foi dito e feito o que permanece não é a aparência das coisas e sim o espírito a unidade com a Natureza, a interconexão fundamental com todas as coisas:

Os métodos afrocêntricos assim como o conhecimento afrocentricamente gerado, devem refletir a primazia do espiritual, a relação entre o físico e o espiritual, assim como a interconexão entre todas as coisas (MAZAMA, 2009, p. 123).

A espiritualidade se manifesta no dia-a-dia, numa folha que cai, em um inseto que aparece insistentemente (ou não), na chuva, na ligação de um amigo ou qualquer outro fenômeno aparentemente aleatório, dependendo do contexto e da situação, pode ser interpretado de forma simbólica e pode nos ajudar a fazer escolhas conscientes.

Faladé (2021) coloca que um dos pilares da tradição yorubá é o princípio do interacionismo. Este princípio traz a ideia de que os mundos físicos estão em constante interação com os mundos não físicos. Ele afirma que este princípio é difundido em toda sociedade. A cosmologia yorubá vê o ciclo rítmico de vida e morte como uma fusão dos mundos material e espiritual, ambos ocupando o mesmo espaço.

Em consonância, Ani (1994) aborda que, na compreensão africana antiga (e permanece até hoje), conforme o princípio do inter-relacionamento cósmico, a espiritualidade não é retratada como parte separada da existência, ela se manifesta na vida cotidiana. Sobre a espiritualidade ela coloca:

É a apreensão do inter-relacionamento cósmico. Habilidade de se relacionar com os níveis metafísicos da experiência. Ela une pensamento e sentimento e assim, permite a compreensão intuitiva. Este sentido cognitivo/afetivo é transmitido através da relação ancestral coletiva.(ANI, 1994, p.)

Para nós, pessoas afro diaspóricas de uma maneira geral e em especial, pessoas de candomblé, a comunicação com a espiritualidade é natural e diária. Da



nossa vivência em afro perspectiva, a espiritualidade são orixás, caboclos, catiços e outros encantados da natureza, além de espíritos de ancestrais.

A interação com estes seres, não fica apenas restrita a cerimônias, momentos específicos de oração ou ao transe. Podemos invocar a espiritualidade ao ver uma planta, ao olhar para o céu ou entrar no mar. Os códigos desta comunicação são apreendidos com os mais velhos dentro da comunidade.

Sendo assim, é importante estar explícito neste trabalho que a espiritualidade, também apontou caminhos para sua construção. Em todo o processo de materialização dele, dialoguei com a espiritualidade solicitando que me mostrassem as conexões dos produtos científicos com a unidade da experiência e me apontassem as referências que eu pudesse utilizar. Minhas solicitações foram no sentido de que, a espiritualidade, me mostrasse o caminho para traduzir a compreensão holística da ciência africana, em uma linguagem tida como “coerente” para este espaço acadêmico ocidentalizado.

Sobre o modo epistemológico europeu Ani (1994), coloca:

[...] Roube o universo de sua riqueza, negue a importância do simbólico, simplifique fenômenos até que se tornem mero objeto, e você tem uma quantidade cognoscível. Aqui começa e termina o modo epistemológico europeu. (ANI, 1994, p. 29)

Este formato da ciência ocidental e seus padrões e regras que privilegiam o racional e a natureza física da matéria e a separa do espiritual, relega a experiência africana e de outros povos não materialistas, a uma condição hierarquicamente inferior. Assim a identidade de pessoas pretas nestes espaços é recortada e essa pode ser uma das razões do distanciamento, estranhamento e sofrimento de boa parte de pretos e pretas no meio acadêmico.

Dyane (2009) aborda que historicamente, o sistema educacional brasileiro esteve distante de um mundo prático, tendo como principal função a produção de símbolos de status da cosmo percepção ocidental. Nesse sentido, ela defende, em sua tese, a implementação (na universidade) de políticas de permanência material e simbólica de pessoas pretas.



Qualquer espaço que tenha limites tão demarcados entre o material e o espiritual, pode impactar de forma negativa na construção e reconstrução da identidade de pessoas pretas. Mente, corpo e espírito, para nós enquanto povo, não podem ser experimentados de maneira tão díspares, desconexas e antagônicas.

Conforme aborda Mazama (2009), além da interação entre a pesquisadora e o tema, a metodologia afrocêntrica deve partir do autoconhecimento. Assim, pesquisadores afrocêntricos acreditam que o autoconhecimento e o ritmo desempenham um papel especial ao determinar a metodologia e os métodos adequados.

Nesta escrevivência acadêmica na área da cosmetologia ancestral e reconhecimento da natureza holística da ciência africana, tive a possibilidade de construir e reconstruir uma dimensão da minha identidade aqui neste espaço. Desse modo, (re) aproprio-me de um percurso e de uma história de vida que são meus e também fazem parte de uma relação ancestral coletiva.



5 - UM LEVANTAMENTO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS AFRICANAS

Aqui serão apresentadas algumas produções científico-tecnológicas das civilizações africanas antigas nas áreas da matemática, medicina, astronomia, etc. Assim, pretendo assumir o desafio de buscar conexões possíveis destas produções com o aspecto holístico da ciência africana.

Neste capítulo, me proponho também a trazer algumas reflexões iniciais sobre o papel de mulheres com ventre na ciência africana em sociedades matriarcais e fazer correlações possíveis entre suas produções científicas, sua ciclicidade menstrual e a conexão com a lua. Tema que pretendo me dedicar em tempos futuros.

No livro *“Black people invented everything: The Deep History of Indigenous Creativity Paperback”* o Dr. Sujana Kumar Dass traz muitas contribuições dos nossos antepassados africanos em todas as áreas. Para ele, as tradições científicas mais antigas do mundo pertencem ao povo africano. Através delas, engenheiros, astrônomos, arquitetos, geólogos, médicos desenvolveram inúmeras tecnologias que conhecemos hoje.

De acordo com o Dass (2020), na área médica em toda África possuía escolas de medicina. Segundo ele, os treinamentos médicos foram desenvolvidos há mais de 20000 anos. Na cidade de Djenné no Mali por exemplo, o centro de ensino em medicina, ensinava o uso de mais de 1.000 plantas e de produtos de origem animal no tratamento de doenças.

Machado (2014) coloca que nas cidades de Saís e Heliópolis existiam escolas médicas ou "casas da vida" ou "Per Ankh", no antigo Egito, estes eram os nomes das



instituições que tinham o nível mais avançado, funcionando também como biblioteca, arquivo e oficina de cópia de manuscritos. E de acordo com Afrika (2014), no Papiro Médico de Berlim (*Berlin Medical Papyrus*) é afirmado que escolas médicas foram estabelecidas muito antes do Egito.

Havia segundo Dass (2020) cirurgiões que executavam operações complexas como cirurgia de catarata, por exemplo. O procedimento de amputação de membros também já era realizado, no museu do Cairo se encontra uma prótese articulada datada de 2900 a.C., encontrada presa ao pé de uma mulher que morreu com idade de 50 ou 60 anos (figura 1).

Figura 1: prótese articulada datada de 2900 a.C



Fonte: Museu de Imagens¹

Médicos ou médicas do povo banyoro, da região hoje conhecida como Uganda também, de acordo com Nascimento (2008) demonstraram conhecimentos de conceitos e técnicas de assepsia, anestesia, hemóstase, cauterização e outros.

Nascimento (2008) também relata que há registros de que Imhotep já conhecia a vacinação, assepsia, anestesia, hemóstase e cauterização desde 2.800 a.C. De acordo com Dass (2020), nos livros médicos de Imhotep também está descrito um aparelho Kemético que expelia fogo e era utilizado para tratamento de tumores.

¹ Disponível em: <<https://www.museudeimagens.com.br/protese-mais-antiga/>> Acesso em outubro de 2021.



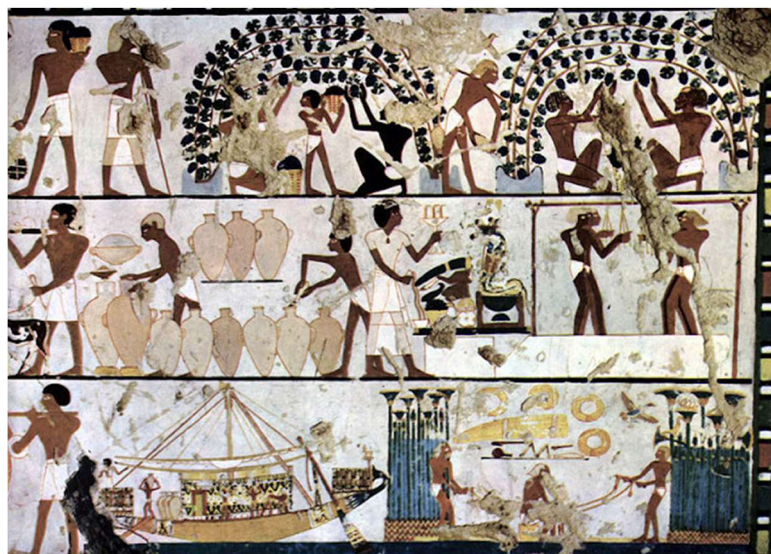
A cauterização de feridas, para Dass (2020) não era um conhecimento isolado, na Ásia era utilizada uma mistura de enxofre e salitre e em algumas regiões da África, América do Sul e Índia eram utilizados cupins, sanguessugas, formigas ou escaravelhos para fechar feridas sem necessidade de dar ponto.

Segundo Dass (2020) em algumas regiões da África a utilizar teias de aranha Estes fios de seda que as aranhas produzem são conhecidos pela grande resistência e também por suas propriedades no combate a infecções ainda hoje muitas comunidades pretas ainda há utilizam como “bandaid” natural. Ele coloca que em 2006 a rede de televisão americana publicou uma reportagem onde cientistas estavam usando teia de aranha como método mais efetivo no tratamento de lesões nos ligamentos do joelho.

Dass (2020) coloca também que o povo Kemético foram os primeiros da história a descobrirem a penicilina. O saber médico do Kemet (antigo Egito) tem como referência o cientista Imhotep. De acordo com Afrika (2014), nos livros médicos de Imhotep (20 volumes) está descrito o uso alopático, homeopático e naturopático de ervas, a utilização da maquiagem Kemética dos olhos e inúmeras técnicas de diagnóstico e terapêutica.

De acordo com Pinheiro (2021) os primeiros registros da produção de vinho são do kemet e datam de 3000 anos a.C.. O povo kemético produzia vinho a partir de técnicas avançadas e os produtores da época conseguiam distinguir qualidade de vinho (figura 2).

Figura 2: Produção de vinho pelo povo kemético



Fonte: Commons Wikimedia²

Dass (2020) também coloca que uma análise de ossos de Núbios antigos do norte da África demonstrou que as sociedades pretas antigas tomavam cerveja. O antropólogo George Armelagos e sua equipe de pesquisadores analisaram estes ossos e encontraram a tetraciclina, um antibiótico que hoje é usado para tratar desde acnes até infecção urinária.

Conforme relata Dass (2020), o uso terapêutico desta cerveja em terras africanas é descrito em livros de medicina, porém há apenas 50 anos esse antibiótico é usado comercialmente. Pinheiro (2021) relata que registros Keméticos mostram um processo de produção de cerveja em 5000 a.c., a partir de uma mistura de cereais e pães. Outra utilização da cerveja, segundo ela, era para a conexão com as divindades.

Machado (2014) relata, que alguns povos africanos de língua Banta, utilizam a casca do tronco da *Salix capensis* (Salgueiro) para produção da aspirina ou AAS. Pinheiro (2021), afirma também que há registros nos livros médicos de Imhotep, da utilização do ácido salicílico (aspirina ou AAS) suportado em tablete de argila. Esta substância era retirada também da planta Salgueiro e outras plantas ricas em salicilato.

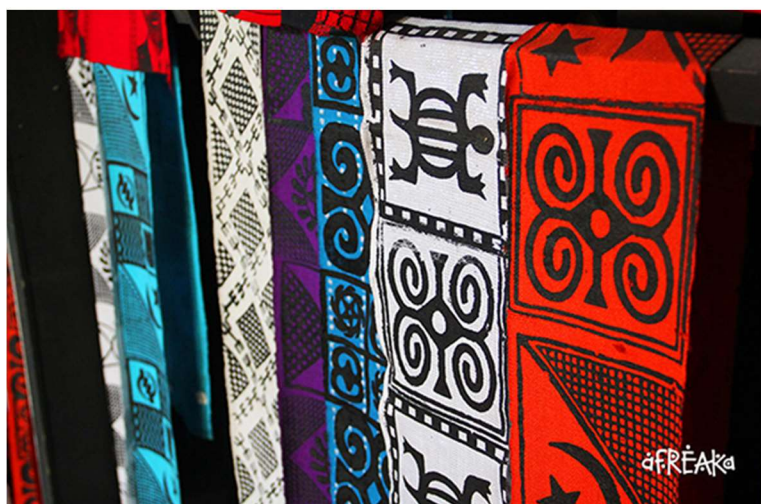
² Disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d7/%C3%84gyptischer_Maler_um_1500_v._Chr._001.jpg/800px-%C3%84gyptischer_Maler_um_1500_v._Chr._001.jpg> Acesso em outubro de 2021.



Para Machado (2014) a “Indigoferia tinctoria” é nativa da África Oriental e Austral, embora tenha sido amplamente cultivada na África Ocidental, eram mulheres que tingiam o pano com índigo na maioria das áreas com os Yorubás da Nigéria. Os símbolos gráficos Adinkra, por exemplo, são estampados com tinta vegetal, em tecidos de algodão e são utilizados em ocasião fúnebre ou em homenagens (figura 3).

Figura 3: Tecido estampados com os símbolos Adinkras



Fonte: Afreaka³

De acordo com Machado (2014) é notória também a habilidade de Imhotep como arquiteto e astrônomo. Imhotep foi contemporâneo de Hesy-Re e Merit-Ptah, na língua Kemética, seu nome significa "aquele que vem em paz". Ele foi um cientista egípcio da Terceira Dinastia e tinha a função de vizir (chanceler do faraó), além de ser sumo sacerdote de Rá (Princípio/divindade ligado ao sol) e outros títulos, conforme relata Machado (2014). A partir do Primeiro Período Intermediário Imhotep também passou a ser reverenciado como poeta e filósofo. A estátua de Imhotep foi imortalizada com ele segurando seus pergaminhos médicos e desenhos arquitetônicos (Figura 4).

Figura 4: Estátua de Imhotep

³ Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>> Acesso em outubro de 2021.

Fonte: Greelane⁴

De acordo com Machado (2014) a existência histórica de Imhotep é confirmada através de duas inscrições contemporâneas feitas na base de uma das estátuas de Djoser, e outra na muralha da pirâmide incompleta de Sekhemkhet. A pedido do Faraó Djoser, Imhotep arquitetou o mais antigo edifício de pedra do mundo: a primeira pirâmide do Egito - a pirâmide de Saqqara entre 2630-2611 a. C., com seis enormes degraus, e que atinge aproximadamente 62 metros (figura 5). Embora ele não fosse o primeiro a construir com pedra, o historiador egípcio Manetho creditou a ele a invenção do método de construção em pedra durante o reinado de Djoser. Imhotep foi responsável pelo primeiro uso conhecido de colunas em arquitetura (MACHADO, 2014).

Figura 5: Pirâmide de Saqqara

⁴ Disponível em: <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%c3%b3ria--cultura/imhotep-4772346/>>
Acesso em outubro de 2021.



Fonte: Greelane⁵

Antes de Djoser, faraós eram enterrados em túmulos chamados de mastaba. Segundo Machado (2014), construção de pisos, vergas e muros de pedra já tinham aparecido esporadicamente durante o Período Arcaico, porém, edifícios do tamanho das pirâmides e feitos inteiramente de pedra, nunca haviam sido antes construídos. Ainda de acordo com Machado (2014), a pirâmide de degraus também foi projetada para servir como um lugar para adorar o Sol.

A prerrogativa de “pai da medicina” dada a Hipócrates é, de acordo com Nascimento (2008), inexata. Afrika (2014) coloca que os livros médicos de Imhotep, foram encontrados nas mãos do estadunidense Edwin Smith e em 1872 comprados pelo egiptólogo alemão Georg Ebers. Estes livros estão atualmente na Universidade Karl Marx, Leipzig, Alemanha e são chamados de “Papiro de Ebers”.

Machado (2014), coloca que as pesquisadoras Beatrice Lumpkin e Margaret Alic em seu livro “*History of Women in Science from Antiquity through the Nineteenth Century*” afirmam que no papiro médico de Kahun do Kemet (figura 6), na seção ginecológica, as mulheres Keméticas, tinham a gravidez diagnosticada, adivinhava-se o sexo do feto a partir de características da gestante, além de procedimentos para testar a esterilidade e tratamentos para a dismenorria (menstruação irregular),

⁵ Disponível em: <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%C3%B3ria--cultura/imhotep-4772346/>>
Acesso em outubro de 2021.



mulheres cirurgiãs realizavam cesáreas, removiam seios cancerosos e tratavam ossos cancerosos com talas.

Figura 6: papiro médico de Kahun



Fonte: AntigoEgito.org⁶

As autoras, de acordo com Machado (2014), afirmam também que os instrumentos desenvolvidos por estas mulheres ainda são utilizados nos laboratórios de química dos tempos modernos. A evidência do trabalho científico precoce das mulheres pode ser rastreada através de tradições orais e escritas.

Pinheiro (2021) coloca que para realizar o teste de gravidez, as mulheres urinavam em sacos de cevada e emmer (variedade de trigo). O resultado era interpretado a partir do crescimento da semente. Se a cevada aumentasse de tamanho seria menina, caso fosse o emmer, seria menino. O não crescimento das sementes, indicava teste negativo para gravidez.

Dass (2020) aborda que o papiro de Kahun é um dos textos médicos mais antigos do mundo na área que trata questões da mulher, seus diagnósticos e tratamentos, sendo uma evidência da ciência praticada por nossas ancestrais há mais de 3000 anos.

Nascimento (2008) afirma que, no povo banyoro, da região hoje conhecida como Uganda, especialistas já realizavam cirurgia cesariana no século XVIII. Dass (2020) coloca que estes especialistas foram vistos performando uma cesárea bem-

⁶ Disponível em: <<https://antigoegito.org/artigo-a-saude-da-mulher-e-a-continuidade-da-familia-concepcao-e-contracepcao-no-papiro-medico-de-kahun/>> Acesso em outubro de 2021.



sucedida em 1.879, porém esse tipo de cirurgia já é realizada há milhares de anos no antigo Egito.

Para Dass (2020), a maioria das parteiras eram mulheres e esta é uma das profissões médicas mais antigas do mundo. Ele coloca que o conhecimento africano sobre obstetrícia e nascimento de crianças pode ser rastreado até o surgimento da própria humanidade. Apesar das mulheres estarem presentes em todas as esferas das sociedades africanas antigas, isto não está registrado na história ocidental.

Dass (2020) coloca que Peseshet foi uma médica que atuou na quarta Dinastia egípcia cerca de 2500 a.C. Ela possuía o título de senhora supervisora das médicas além de atuar na supervisão, treinava mulheres para serem parteiras em uma antiga escola médica egípcia localizada na cidade de Saís.

Antes de Peseshet, tem Merit Ptah que, de acordo com Machado (2014) e Dass (2020), é a primeira mulher considerada cientista. Merit Ptah nasceu no Kemet durante a Idade do Bronze, por volta de 2700 a.C.. Ao que parece, Merit Ptah viveu em Saqqara, a necrópole da antiga capital egípcia de Mênfis, cerca de 19 km ao sul do Cairo. Segundo Machado (2014), nesta cidade, seu filho, um Alto Sacerdote, inscreveu no seu túmulo o título: "médica chefe". Merit Ptah em egípcio quer dizer amada do deus Ptah, foi uma cientista egípcia, considerada a primeira médica registrada do mundo.

De acordo com Machado (2014), Beatrice Lumpkin e Margaret Alic afirmam que as mulheres do Neolítico foram muitas vezes vistas como detentoras de poderes mágicos, não só por causa de sua capacidade de dar à luz, mas também por causa de suas habilidades nas ciências, devido a estas habilidades foram personificadas como deusas.

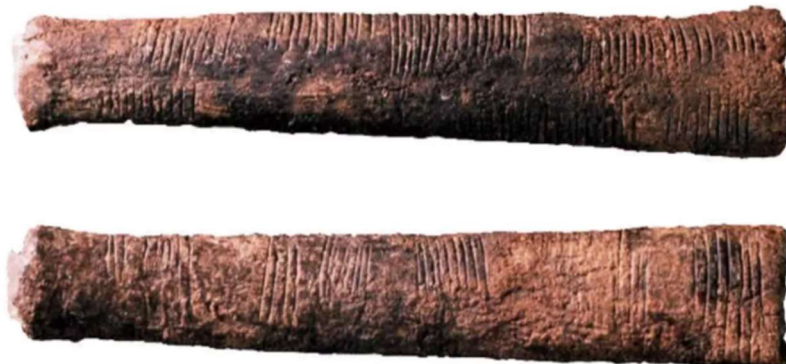
No livro "*Supreme Mathematic African Ma'at Magic*", escrito pela organização americana African Creation Energy, os pesquisadores afirmam que a origem da matemática pode ter a mesma localização geográfica da origem da humanidade e que os objetos mais antigos desenvolvidos para contar o tempo foram encontrados na África.

African Creation Energy (2009), o mais antigo artefato matemático encontrado até hoje é o Osso de Lebombo e tem 37.000 anos (figura 7), foi descoberto na Suazilândia (também chamado Ngwane), onde vive o povo Zulu. O osso de Lebombo



é um osso de fíbula (perna) de um babuíno que foi encontrado marcado com 29 entalhes semelhantes a palitos de calendário, cada entalhe possui 7,7 centímetros. Outro osso encontrado é o osso de Ishango de 20.000, este osso também é a fíbula de um babuíno e foi descoberto na África, na nascente do rio Nilo entre os países Uganda e Congo.

Figura 7: Osso de Lebombo



Fonte: CearáCriolo⁷

De acordo com African Creation Energy (2009), tanto no osso de Ishango como no de Lebombo foi encontrado um cristal de quartzo anexado em uma extremidade e três colunas de marcas de contagem, assimétricamente esculpidas ao longo dos lados. A maioria dos relógios modernos usam cristais de quartzo para regular o cálculo e medição do tempo, essa tecnologia pode ter sido desenvolvida na África há milhares de anos.

Para African Creation Energy (2009), estes dois artefatos matemáticos foram usados como calendários lunares conforme indicado pelos agrupamentos de 28 a 30 marcas de contagem, seguidas por um marcador distinto. Evidências arqueológicas indicam que contar, portanto a aritmética, foi desenvolvida por mulheres africanas como forma de medir ou quantificar o tempo e mapear seu ciclo menstrual em relação ao ciclo lunar.

⁷ Disponível em: <<https://cearacriolo.com.br/o-osso-de-ishango/>> Acesso em outubro de 2021.



Faur (2011), assim como African Creation Energy (2009), também coloca que a observação do ciclo menstrual e sua relação com as fases da lua deram origem a conceitos da medição e da passagem do tempo dividido em noites e lunações.

O padrão rítmico da lua formou a semana de sete dias e o mês lunar de 28 dias, equivalente ao ciclo menstrual da mulher. Faur (2015) coloca que, um mês durava de uma lua nova até a seguinte, cada quarto durava uma semana e treze lunações formavam um ano. Faur (2015) coloca também que as mudanças que ocorriam no corpo da mulher ao longo de suas vidas eram relacionadas às fases da lua e suas características.

A lua sempre foi um marcador natural das mudanças periódicas que ocorrem no reino mineral, vegetal e animal. De acordo com Faur (2015), há estudos “modernos” que comprovam o efeito das fases lunares sobre os organismos vivos e fenômenos naturais, por exemplo o movimento das marés.

Nas mulheres que menstruam, o ciclo menstrual (que coincide com o ciclo lunar) é regulado por uma interação complexa de hormônios. Neste período, devido a grande variação hormonal, estas mulheres passam por alterações físicas e emocionais.

Para Faur (2015) nas civilizações sedentárias matriarcais, as mulheres associaram suas variações comportamentais às fases da lua, nestas civilizações as mulheres menstruavam coletivamente no período da lua nova. Porém diferente das sociedades patriarcais onde estas variações são vistas como negativa, no matriarcado, a menstruação e todas as variações que dela decorriam, permitia a estruturação e o desenvolvimento das sociedades, e a lua era considerada o símbolo das energias criativas dos ciclos femininos.

A partir da percepção de seu ciclo em sintonia com as fases lunares, as mulheres participavam das tomadas de decisão na gestão política, econômica e social destas civilizações, assim como no ambiente doméstico. A lua mostrava o tempo certo para o plantio, a colheita, o acasalamento dos animais, a caça, a pesca, as viagens e as mudanças climáticas, o período de nascimento das crianças, a realização de ritos e cerimônias e etc.



Eis um fragmento de Ofó (palavras de poder) Yorubá, rezada por mulheres que menstruam: Mo bọwọ fun oşupa, alabaşışepọ ayeraye ti aye! “Eu reverencio a lua, a eterna companheira da Terra”.

O Kemet é caracterizado como uma civilização materno-centrada, que evoluiu a partir de sociedades agrárias sedentárias Dove (2015). Desde os primórdios da humanidade, atribuía-se ao sangue menstrual um poder sagrado. Afua (2000) coloca que no Kemet, o aspecto espiritual do ventre no corpo é chamado de Arit, a palavra kemética original para “centro de energia espiritual” ou “portal”. Aritu (plural) também são referidos como chakras, os sete centros básicos de energia sutil do corpo. O arit do ventre corresponde ao segundo chakra, representando os aspectos da procriação, inspiração e família. Ela coloca que o Arit do ventre é governado pela lua.

A African Creation Energy (2009), fala que Seshat (figura 8) era o princípio\divindade Kemética da sabedoria, conhecimento, escrita, arquitetura, astronomia, astrologia, construção, matemática, representada por uma mulher com uma planta\papiro (que simboliza a escrita) acima da cabeça, um par de chifres de vaca representando uma lua crescente invertida. Esta divindade, também foi representada escrevendo numa haste de palmeira entalhada a contagem do tempo. Nesta imagem Seshat veste uma pele de leopardo que significava relação com construtores, artesãos e a capacidade de praticar magia e engenharia. Seshat foi considerada uma engenheira e seu símbolo representava a fonte da intuição e todas as ideias criativas.

Figura 8: Representação de Seshat



Fonte: Alamy Stock Photo⁸

O conhecimento dos arquétipos da mulher em torno de seu ciclo menstrual, as fases da lua e os aspectos espirituais destes eventos, pode ter sido desenvolvido em paralelo com a matemática e os métodos de contagem do tempo e até mesmo outros conhecimentos científicos. O papel da mulher no desenvolvimento da ciência nas civilizações africanas antigas ainda merece muitos estudos.

É possível que a contribuição de mulheres tenha sido fundamental para o avanço científico/tecnológico na antiguidade e também para a ciência moderna na agricultura, medicina, química etc

Para Dass (2020), na África estão os mais antigos artefatos matemáticos e o mais antigo texto matemático encontrado. O papiro matemático da 11 Dinastia (Conhecido como Papiro de Moscou) foi encontrado a 4000 anos e é a mais antiga escrita matemática encontrada.

De acordo com African Creation Energy (2009), vários outros textos matemáticos foram encontrados. O escriba e matemático Ahemes (que significa nascimento da lua) da 18 dinastia, copiou um antigo papiro do império médio,

⁸ Disponível em: <<https://www.alamy.es/foto-luxor-egipto-templo-de-luxor-ipet-resyt-la-escritura-de-la-diosa-seshat-esculpido-en-la-estatua-del-rey-ramses-ii-85628112.html>> Acesso em outubro de 2021.



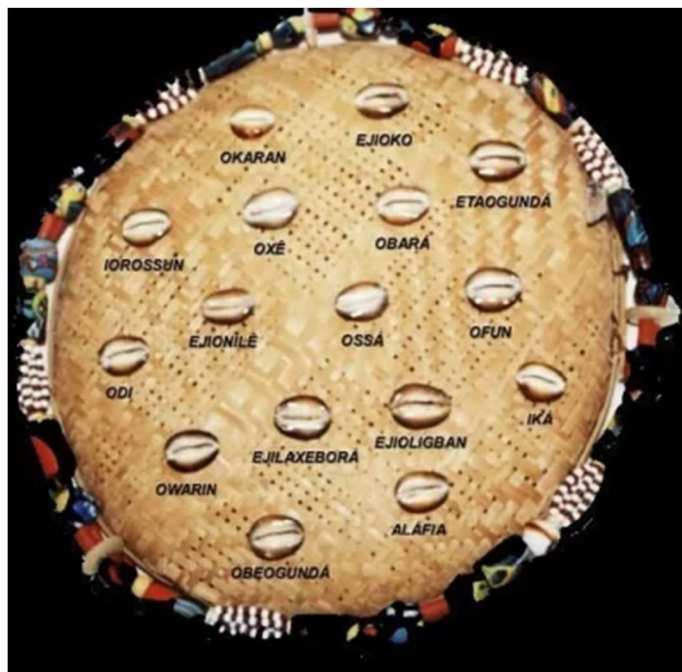
intitulado: “Métodos para saber todos os mistérios e segredos”. Nos primeiros parágrafos deste papiro, há a seguinte definição para matemática: “A matemática é o método para investigar a natureza e obter o conhecimento correto de todas as coisas de todos os mistérios e todos os segredos”.

Os povos Yorubás, de acordo com Machado (2014), também tinham um sistema numérico extremamente complexo utilizado tanto para contar dinheiro (usavam adição, multiplicação e subtração), como no seu sistema divinatório. Segundo Alamu (2020), há mais de 12.000 anos, os Yorubás desenvolveram a divinação do Oráculo de Ifá com base no quadrado de 16 ($16 \times 16 = 256$).

O corpo literário de Ifá consiste em 256 possibilidades chamadas Odu, que são um conjunto de signos que revelam histórias através de poemas (Beniste, 2009), e indicam caminhos de transformação para que a pessoa supere dificuldades, resolva problemas e conquiste o bem-estar. Dentro de cada um dos 256 Odu, existem 1.680 Versos Sagrados, todos apresentados em formato de parábola, assim, o corpo de Ifá consiste em 430.080 mensagens para a humanidade (ALAMU; AWORINDE; ISHARUFE, 2020). Deste modo o conjunto oracular Ifá, contém todas as mensagens adequadas e compatíveis com a vida, fase da vida e o tempo de cada pessoa na terra.

Alamu, Aworinde e Isharufe (2020) também colocam que dezesseis dos Odu são os principais (figura 9), enquanto os 240 restantes são os Odu mistos ou menores. Cada Odu misto é formado pela combinação de dois Odu principais. Cada um dos Odu (principal e menor) é representado por um sinal específico, de natureza binária. Para Alamu, Aworinde e Isharufe (2020), Ifá, o oráculo\divindade Yorubá, é um sistema binário de computador que, vinculou com êxito a probabilidade dos números às complexidades da condição humana e ao fluxo de eventos.

Figura 9: Dezesseis Odu



Fonte: Limenez⁹

De acordo com Sacerdote de orixás, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo o professor Síkírù Sàlámi, a consulta a Ifá é realizada por meio de três sistemas: ikin, opelé e erindilogun (jogo de búzios). Os jogos com ikin e opelé são sistemas sofisticados e complexos, que exigem um prolongado tempo de aprendizagem - no mínimo 16 anos. Quanto ao jogo de Ifá realizado com búzios, cujo tempo de aprendizagem é menor, trabalha-se somente com 16 odus. Para proceder com uma boa divinação o sacerdote ou sacerdotisa depende de dois elementos: domínio da técnica e intuição (SÁLAMI, 2018).

O Eridilogun ou Merindilogun, chamado de “Jogo de búzios”, é decodificado por sacerdotisas e sacerdotes do Candomblé, os códigos utilizados para decifrar este sistema divinatório são passados através das gerações por meio da oralidade, quem aprende a decodificar este sistema, tem acesso a inúmeros textos com, entre outras coisas, receitas para curar males físicos, emocionais e espirituais por meio da utilização de terapias ancestrais africanas, como entoação de palavras de poder e orações, plantas medicinais e inúmeros medicamentos de origem mineral, vegetal e animal desenvolvidos pelos yorubás.

⁹ Disponível em: <<https://lilamenez.wordpress.com/2012/06/07/184/>> Acesso em outubro de 2021.



Na matemática, outro relevante produto científico africano foi o conhecimento prévio da geometria fractal, este conhecimento pode ser encontrado em vários aspectos da vida africana, como a arte, designer de estruturas e nos sistemas divinatórios. Em diversas coletividades em toda África, grande parte da arquitetura tradicional foi construída a partir da estrutura de fractal, onde uma pequena parte da estrutura tende a ser semelhante a peças maiores. Machado (2014) coloca que existiram duas grandes tradições nessa categoria: Estilo Zimbábue e Estilo Livre do Transvaal, ele relata que europeus ao chegarem em localidades com estas arquiteturas, acharam desorganizada a forma como as casas eram distribuídas nas aldeias.

Para Dass (2020), o povo preto projetou grandes obras consideradas proezas arquitetônicas há mais de 5 mil anos. Ele afirma que há pirâmides não apenas no Egito, mais em toda a África.

Na área da Astronomia segundo Dass (2020), antes dos mouros retomarem o estudo das estrelas, astrônomos pretos no mundo antigo calculavam movimentos celestes. Em Nabta Playa (Egito), existem monumentos de pedra, devidamente arrumados na natureza por nossos ancestrais, que mapeiam nossa galáxia e datam de 10.000 anos atrás.

Machado (2014) coloca que no lado oeste do Lago Turkana, no Quênia o sítio arqueoastronômico de Namoratunga (figura 10) foi encontrado pelo ocidente em 1978, por Mark Lynch e Maats Chap da Universidade Estadual de Michigan (EUA), este sítio é datado de 300 a.C., tem 19 colunas de basalto alinhadas com os 7 sistemas estelares: Triangulum, Plêiades, Belatrix, Aldebaran, Órion Central, Saiph e Sírius. Os cientistas americanos defendem que os pilares de basalto indicam as constelações ou estrelas para o calendário lunar de 12 meses e 354 dias dos Kuschuitas.

Figura 10: Sítio arqueoastronômico de Namoratunga



Fonte: Fatocuriosos¹⁰

Estas evidências demonstram a complexidade dos conhecimentos científicos da África subsaariana na “pré-história”. Para Nascimento (2008), estes artefatos sugerem que foi desenvolvido até o primeiro milênio na África Oriental, um calendário complexo e preciso, baseado em calendários astronômicos. Machado (2014) coloca também que sítios arqueoastronômico podem ser encontrados em toda a África e que três tipos de calendários foram desenvolvidos por povos africanos: o lunar, o solar e o estelar.

Nascimento (2008) relata que os Dogons (figura 11), povo africano que vive na região do antigo Mali, conheciam o sistema solar e descreveram a estrutura espiral da via láctea, além de conhecerem as luas de Júpiter e os anéis de saturno. Os Dogons também sabiam da natureza desértica e infecunda da lua, que comparavam com o “sangue seco”.

Figura 11: Povo Dongon

¹⁰ Disponível em: <<https://fatocuriosos.club/namoratunga-fascinante-sitio-megalitico-do-kenia-voltado-para-estrelas-e-constelacoes-especificas/>> Acesso em outubro de 2021.



Fonte: Afreaka¹¹

Nascimento (2008) afirma também que este povo, antes do período colonial desenvolveu conhecimentos complexos acerca do satélite da estrela Sirius, o Sirius B, invisível a olho nu. O calendário de festas sagradas dos Dogons, há mais de setecentos anos, define-se a partir da trajetória de Sirius B, que a astronomia ocidental só conseguiu observar em 1862, quando traçaram gráficos da trajetória elíptica deste satélite e identificaram a semelhança com os gráficos feitos pelos Dogons.

Os Dogons eram conhecedores de 86 elementos fundamentais e identificaram as propriedades do material que compõem a estrela Sirius B e chamavam-no de “Sagala”. A descrição dos cientistas Dogons trata principalmente da densidade deste material, para eles se trata de um material tão pesado que todos os homens da terra não poderiam levantá-lo (NASCIMENTO, 2008). Estas características relatadas pelos astrônomos Dogons, estão em consonância com os dados da ciência ocidental, que identificou Sirius B com altíssima densidade, eles afirmam que essa estrela do tamanho da Terra e com a massa equivalente a do sol, 35 toneladas de sua matéria, caberia em 14cm³, que é o tamanho de um camundongo (NASCIMENTO, 2008).

Os Dogons também sabiam que Sirius B demora 50 anos para completar seu ciclo em torno de Sírius, fato confirmado também pela astronomia ocidental. Os

¹¹ Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/a-filosofia-dogon-e-a-origem-do-mundo/>> Acesso em outubro de 2021.



Dogons também têm o conhecimento que Sirius B gira uma vez por ano em torno do seu eixo e comemoram este evento com o festival Bado (NASCIMENTO, 2008). A ciência ocidental ainda não conseguiu identificar esse comportamento no satélite de Sirius e consideram imensurável este período de rotação.

Os Dogons têm uma mitologia complexa sobre a existência humana na Terra com muitas referências à estrela Sirius, segundo eles, seu local de origem. Eles chegaram aos resultados sobre a trajetória de Sirius B e as propriedades dos materiais que a compõem, sem necessariamente visualizar este satélite e sem os instrumentos que a ciência ocidental conhece hoje.

De acordo com Ani (1994) a visão de mundo africana e de outros povos que não tem origem europeia, têm características em comum. Em geral, nestas culturas, o conhecimento do universo vem através de relacionamento com ele, o que Ani (1994) chama de “inter-relacionamento cósmico”.

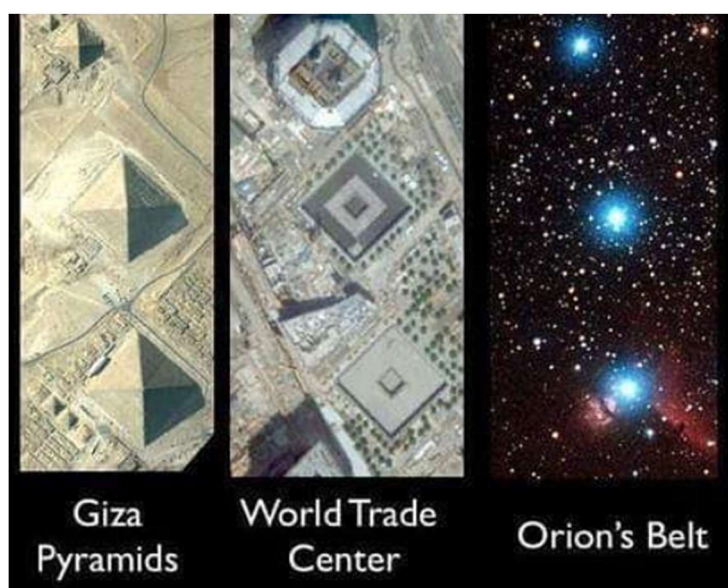
Parece não ser possível, a partir dos códigos da ciência ocidental, descrever/compreender qual a metodologia utilizada pelos Dogons para chegar a seus resultados no campo da astronomia. Uma hipótese a ser levantada na perspectiva da ciência espiritual africana, é que os Dogons tenham adquirido este conhecimento porque sua vivência e sentidos estão em profunda conexão com o cosmos e isso lhes permite experimentar percepções “mais sutis”, aquelas que não são usualmente “treinadas” em uma cultura científica baseada no modelo racionalista. Para Ani (1994), a visão-de-mundo africana é “razoável”, mas não racionalista, assim ela tende a ser expressa através de uma lógica de metáfora e simbolismo complexo.

De acordo com Machado (2014), no Kemet, a astronomia começa nos tempos pré-históricos, os astrônomos Kemetyus alinharam as pirâmides ao polo Norte usando duas estrelas como referência. O alinhamento se manteve por alguns anos e atingiu sua precisão absoluta por volta de 2500, a responsável por essa pesquisa, Kate Spence da Universidade de Cambridge supõe que eles utilizaram duas estrelas muito brilhantes que em 2.467 a.C. estavam perfeitamente alinhadas entre si e o polo Norte. Essas estrelas estavam associadas com a eternidade e a vida, os Kemetiuyys acreditavam na conexão entre o espírito dos mortos embalsamados nas pirâmides e as estrelas. Outras construções parecidas com as pirâmides podem ser encontradas em Meroé no Sudão e em outras partes da África.



De acordo com *Kushite-Kemetic Spiritual Science* as três pirâmides de Giza (figura 12) estão alinhadas ao cinturão de órion, os conhecimentos na área da astronomia, eram utilizados também para alinhar a posição das construções aos astros, esta prática está em sintonia com o princípio da Unidade cósmica conceituado por ANI (1994). Para *Kushite-Kemetic Spiritual Science* os europeus apenas quando passaram a estudar o Kemet no século XVIII enraizaram seu pensamento na lógica, o que os levou a revolução industrial e a era científica europeia.

Figura 12: Pirâmides alinhadas



Fonte: página do Zauskush no Instagram ¹²

As ruínas de Monomopata, cidade-estado localizada no Zimbábue, tem um muro com 250 metros de extensão, quinze mil metros de granito, dois metros de espessura, cada metro tem 4.500 blocos de granito. Esta construção é considerada uma façanha da engenharia, historiadores europeus atribuíram-na povos exógenos a África e até a extraterrestres (NASCIMENTO, 2009).

O astrofísico americano Neil DeGrasse Tyson, se contrapõe a versão bastante propagada socialmente sobre a participação de extraterrestres na construção das pirâmides. Ele coloca que europeus ao chegarem na África se depararam com um

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bq17wfXlam8/?utm_source=ig_web_copy_link>
Acesso em outubro de 2021



desenvolvimento tecnológico que não conheciam e necessitavam evocar algo externo que pudesse justificar sua construção.

Vários fatores contribuíram para o apagamento, segundo Nascimento (2008), desde a falsificação pura e simples, a devastação de centros africanos ao longo de séculos e a grande quantidade de jovens africanos com capacidade de criar e construir se tornaram cativos.

Na área da linguagem e escrita, os povos africanos utilizaram diferentes formas de se comunicar, diversos alfabetos podem ser identificados em toda a África. A língua gestual de Adamorobé é uma língua de sinais, desenvolvida pela etnia Akau, onde tem um alto índice de surdez entre as pessoas (MACHADO, 2014).

De acordo com Dass (2020), o povo preto desenvolveu os primeiros idiomas falados, há mais de 100 mil anos na África. Para ele, todas as línguas do mundo podem ser conduzidas de volta a uma língua africana. A linguagem escrita segundo ele foi desenvolvida por mais de 5 mil anos, podendo ser há 30 mil anos.

Inclusive os primeiros registros da confecção do papel (papiro como material para escrever) são do Kemet e data de 3000 anos a.C., conforme relata Pinheiro (2021). O papiro era feito com a planta de mesmo nome muito comum na região do vale do rio Nilo. O talo da planta era cortado em tiras longas e estreitas, posto para secar e depois de secas as tiras ficavam de molho na água e vinagre durante alguns dias. Após nova secagem eram prensadas durante alguns dias, marteladas e alisadas.

As línguas Nigero – congolésas são tonais por natureza e podem ser faladas ou tocadas em tambores. A transmissão de mensagens a distância por meio de ondas sonoras era praticada em regiões da África por meio dos “tambores falantes”, que exploram o aspecto tonal da língua podendo transmitir mensagens. Machado (2014) coloca que em bulu, língua Banta, cada morador tem sua assinatura no tambor ancestral e uma mensagem pode ser transmitida por até 160 Km de aldeia em aldeia, dentro de duas horas ou menos, utilizando os “tambores falantes”.

Para Dass (2020) as mais antigas tradições musicais do mundo e os mais antigos instrumentos musicais (o tambor e a flauta) são africanos e tem no mínimo 3000 anos. Ele coloca que as melodias modernas africanas usam a mesma escala pentatônica encontrada nestes instrumentos antigos.



Dass (2020) coloca que foi encontrado no sudoeste da Turquia um navio naufragado de 2.900 a.C. contendo produtos de no mínimo sete culturas, entre eles a resina amarela do terebinto (espécie de planta) também encontrada em túmulos no Kemet. O propósito da utilização deste material é desconhecido.

Para Dass (2020) o povo preto construiu as primeiras minas do mundo, com conhecimentos geológicos que ainda não foram entendidos completamente. Ele coloca que o povo preto forjou os primeiros artefatos de metais há mais de 6 mil anos no leste da África. Há pelo menos 5000 anos estas comunidades podiam produzir aço carbono de alta qualidade, muito antes dos europeus desenvolverem este processo em 1800.

Diop (2014) traz que as antigas civilizações africanas, além de ter sido responsáveis pelo descobrimento do ferro (metal extraído a partir do minério hematita), conheciam a pólvora (substância que queima produzindo uma onda de deflagração subsônica), utilizada por Sacerdotes no Kemet para fins religiosos em ritos. Este material também é utilizado em rituais no Candomblé da Bahia.

Pinheiro (2021) coloca que o continente africano desenvolveu as primeiras ligas metálicas por volta do século V a.C. e essa tecnologia impulsionou as migrações do povo Bantu, o que gerou desenvolvimento em toda a África. Machado (2014) traz que além do ferro metálico, os africanos produziam ligas de latão e bronze.

De acordo com Machado (2014), a cidade de Ifé, que fazia parte da civilização Yorubá, produziu estátuas realistas em latão a partir de um (figura 14) a tradição artística do início do século 13 (figura 13). Benin dominava o bronze durante o século 16 e produziu retratos e relevos em metal pelo processo de cera perdida, além de ter sido um fabricante de vidro e contas de vidro, a produção de corantes e tinturaria também era amplamente difundida na África oriental e Austral.

Figura 13: Estátua em Ifé



Fonte: Africaeafrikanidades¹³

Figura 14: Placa de bronze do Benin

¹³ Disponível em: <<https://africaeafrikanidades.online/edicao19.html>> Acesso em outubro de 2021.



Fonte: World History¹⁴

Nesse sentido, de acordo Machado (2014), o povo Haya de fala bantu, localizado em uma região da Tanzânia, produzia aço, há mais de dois mil anos em fornos com temperatura de duzentos a quatrocentos graus centígrados, essa temperatura não teria sido atingida por fornos europeus até o século XIX.

Para a civilização lorubá a mineração e a metalurgia estão associadas à divindade Ogum. Na espiritualidade científica lorubá, Ogum é o princípio/divindade civilizatória que tem a força capaz de transformar um ambiente natural hostil a vida humana, em um ambiente que é possível a nossa sobrevivência, por essa razão é também associado a tecnologia. Não à toa a era do ferro proporcionou um enorme avanço nas civilizações (DASS, 2020).

Ogum, segundo Sálami (2020), foi quem (mitologicamente) teve o impulso de utilizar o fogo para transformar minério de ferro em ferro metálico e depois ferro metálico em ferramentas para agricultura, guerra, etc. A energia expansiva deste princípio/divindade, ou seja, seu axé é invocado através do fogo em processos terapêuticos yorubás para trabalhar o medo e a insegurança das pessoas.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18066/o-reino-do-benin/>> Acesso em outubro de 2021.



O axé de Ogum pela sua natureza expansiva/agressiva também é invocado para fins bélicos. Um exemplo prático desta utilização foi a cerimônia Vodou (culto a Orixá no Haiti) fundamental para a vitoriosa revolução do Haiti já citada neste trabalho.

Abdias Nascimento (2009) dá pistas sobre a possível relação entre os sistemas espirituais do Kemet com os Iorubás. Para ele as relações eram tão íntimas a ponto de se poder considerar como um fato histórico a posse conjunta do mesmo habitat pelos Iorubas e Egípcios. Abdias Nascimento (2009) coloca que Diop levantou a hipótese de que a latinização de Horus, filho de Osíris e Ísis, resultou no apelativo Orixá. Ele coloca que há entre estas duas civilizações, similaridade ou identidade de linguagem, identidade de crenças religiosas, identidade de ideias e práticas religiosas, uma sobrevivência de costumes lugares nomes de pessoas, objetos, práticas e assim por diante.

Dass (2020) coloca que o chamado “Olho de Ouro”, um olho artificial encontrado em uma mulher no Kemet, datando 2.900 a.C., foi feito de uma resina preta de um material ainda não identificado pela ciência moderna e estava banhado em ouro.

Na área da produção de pigmentos, Dass (2020) coloca que um dos pigmentos mais avançados produzido no Kemet e também um dos mais antigos do mundo é o chamado “azul egípcio”, que é considerado o primeiro pigmento sintético e foi utilizado por milhares de anos. Para Dass (2020), o azul egípcio foi o pigmento mais valioso do mundo, valendo mais do que o Ocre vermelho produzido no interior da África. O exemplo mais antigo possui cinco mil anos e foi encontrado na Tumba pertencente ao reinado de Ka-sem, o último faraó da primeira dinastia.

Figura 15: “Azul egípcio” presente nas pinturas e hieróglifos no interior do Templo de Dendera em Quena, Egito.



Fonte: História das Artes Visuais I¹⁵

Jaksch (1983) também coloca que o Azul egípcio é um pigmento multicomponente e foi registrado no antigo Egito desde a Quarta Dinastia do Império Antigo (2600–2480 a.C.). O pigmento consiste em cuprorivaita ($\text{CaCuSi}_4\text{O}_{10}$) com quantidades variáveis de volastonita (CaSiO_3), vidro rico em Cu e cuprita (Cu_2O) ou tenorita (CuO).

Parece que o protocolo químico de preparação deste pigmento foi perdido, porém, Jaksch (1983) coloca que é possível que tenha sido preparado derretendo um ingrediente rico em cobre, com cal e areia do deserto. Baixas temperaturas de fusão (abaixo de $742\text{ }^\circ\text{C}$) foram alcançadas pela adição de cinzas de plantas semelhantes a fundentes. Provavelmente limalhas de bronze foram aplicadas pela primeira vez como matéria-prima, indicando assim uma inovação tecnológica.

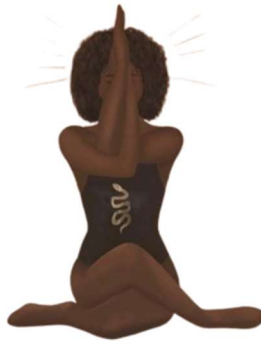
Para ele, a alta qualidade dos pigmentos coletados em monumentos da Quinta Dinastia (2480–2320 a.C.) pode indicar que a primeira manufatura ocorreu no início das eras dinásticas ou talvez pré-dinásticas. Durante o reinado de Tutmosis III (18ª Dinastia, 1490–1436 a.C.).

Atualmente, segundo Dass (2020), o pigmento azul (sua formulação e método de obtenção) está despertando novamente o interesse de pesquisadores, para uso

¹⁵ Disponível em: <<https://hav120151.wordpress.com/2018/06/05/trashed/>> Acesso em outubro de 2021.



deste produto africano na aplicação biomédica nano tecnologia em sistemas avançados de comunicação.



6 - A COSMETOLOGIA ANCESTRAL AFRICANA, O EXEMPLO DA MAQUIAGEM KEMÉTICA DOS OLHOS E A EXPERIÊNCIA DA KEMEYA

O termo cosmetologia deriva da palavra “cosmos” que está relacionada com organização, harmonia e equilíbrio (SARTORI; LOPES; GUARATINI, 2010). A palavra cosmetologia nesse sentido, conforme aborda Sawandi (2016) tem equivalência com a palavra Kemética Maat. O conceito de Maat, a ideia de verdade, harmonia, ordem, equilíbrio, justiça, retidão e reciprocidade é um conceito africano que surgiu das civilizações do Vale do Nilo (ASANTE, 2016).

Nada precedia Maat, que era um conjunto de princípios (leis) espirituais que funcionavam para conter o caos na vida pessoal e coletiva. Para Asante (2016) no Kemet, era a busca do equilíbrio e da harmonia que orientava as relações humanas. Sem Maat o povo do Vale do Nilo, não poderia elevar suas almas e não poderia criar uma ordem comum que fosse funcional para o benefício de todos os seres humanos.

Para Sawandi (2016), a palavra cosmetologia significa “organizar ou “pôr em ordem”, “em equilíbrio” para “performar Maat”, porém é utilizada para se referir a ciência de embelezar-se, que inclui estilo de cabelo, cuidados com a pele, manicures pedicures, etc.

Os Kemets viviam conforme a filosofia Maat, o princípio ordenador do cosmo Kemético. Afua (2000) coloca que na filosofia Maat, haviam leis que regiam a verdade, harmonia, equilíbrio, justiça, sobriedade e ordem cósmica. Sawandi (2016) aborda que a cosmetologia embasada em Maat enquanto ciência e arte de embelezar-se é uma arte que pessoas africanas têm feito há milhares de anos (figura 16).



Figura 16: Mulher ganesa



Fonte: Filha do Quilombo¹⁶

Numa perspectiva ocidental, de acordo com Correa (2012), cosméticos são preparações destinadas para conservar a beleza da pele e dos cabelos. De acordo com a definição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) cosméticos são:

Produtos de Higiene Pessoal, Cosméticos e Perfumes, são preparações constituídas por substâncias naturais ou sintéticas, de uso externo nas diversas partes do corpo humano, pele, sistema capilar, unhas, lábios, órgãos genitais externos, dentes e membranas mucosas da cavidade oral, com o objetivo exclusivo ou principal de limpá-los, perfumá-los, alterar sua aparência e ou corrigir odores corporais e ou protegê-los ou mantê-los em bom estado (ANVISA, 2005).

Essa definição refere-se a fatores externos como aparência e odor. No caso das sociedades africanas, segundo Sawandi (2016), o embelezamento externo é um meio e uma expressão de busca da humanidade pelo equilíbrio em todos os aspectos da vida.

¹⁶ Disponível em: <<http://filhadoquilombo.blogspot.com/2018/11/penteados-na-comunidade-africana.html>> Acesso outubro de 2021.



Nesse sentido, um cosmético, portanto, não é somente um produto “com o objetivo exclusivo ou principal de limpá-los, perfumá-los” (ANVISA, 2005) qualquer prática terapêutica que reestabeleça a ordem, harmonia e o equilíbrio da saúde e consequentemente beleza pode ter sido considerado um cosmético.

Um cosmético ancestral africano ao mesmo tempo que serviu para o embelezamento, serviu para saúde e cura. De acordo com, Bâ (2010), a tradição africana “não corta a vida em fatias”. Ele coloca o exemplo de que o “Conhecedor” não é um “especialista”, na maioria das vezes, é um “generalizador” (BÂ, 2010, p. 175). Para ele um velho conhecerá não apenas a ciência das plantas, ou seja, as propriedades boas ou más de cada planta, mas também a “ciência das terras” que inclui as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo por exemplo, a “ciência das águas”, cosmogonia, astronomia, psicologia, etc.

Segundo Afrika (2014), sacerdotes africanos eram agricultores, astrólogos, cientistas sociais, físicos e químicos. Os templos sacerdotais eram colégios de aprendizado em arte, ciência e religião. Para ele, a Herbologia, diagnósticos e métodos de tratamento holísticos vieram de impérios Africanos como Mali, Songhai e Kush. É possível que a produção e utilização de cosméticos estivessem inseridas nestas práticas.

Afrika (2014) afirma que estes herbalistas/sacerdotes/agricultores levaram o conhecimento medicinal intacto para a Europa e com distorções e modificações culturais, ajustaram-no para um baixo nível de conhecimento e vocabulário limitado.

No sistema lorubá, conforme aborda Sawandi (2016), os sacerdotes são considerados médicos e parte do seu treinamento como sacerdote é aprender a interpretar a linguagem da Natureza.

A Teoria das Assinaturas das plantas muito utilizada na Aromaterapia é atribuída ao suíço Paracelso, porém Sawandi (2016) coloca que os terapeutas das civilizações africanas antigas, já tinham sistematizado essa compreensão do reino vegetal e sua relação com a cura.

De acordo com esta teoria, acredita-se que a cor, a forma, o odor e o sabor das plantas se relacionam com suas propriedades terapêuticas, podendo dar indícios de seu uso clínico. Sobre o sistema lorubá para classificação das plantas, Verger (2000) afirma que é diferente do sistema de classificação ocidental elaborado pelo botânico



e médico Carl Von Linné. Na terra Iorubá a nomeação das plantas leva em consideração seu cheiro, sua cor, a textura de suas folhas, sua reação ao toque e a reação provocada por seu contato.

Parece que o ocidente chama de Teoria da assinatura das plantas é o sistema de classificação botânico do povo Iorubá, no qual o nome de cada planta é relativo ao que ela conta de si mesma. Sawandi (2016) afirma que segundo a ciência curativa Iorubá, a Força da Vida ou Energia Espiritual que cerca todos os seres vivos é compartilhável entre plantas, animais e seres humanos. Através desse compartilhamento, uma pessoa e uma planta se tornam uma. Essa unidade é o que torna possível uma sensibilidade mútua, permitindo que plantas e seres humanos não apenas intercomunicam, mas interajam energeticamente.

Em toda a África, segundo Dass (2020), são encontradas formas de artes corporais com pinturas, escarificações, tatuagens, etc, utilizadas em cerimônias e celebrações. No corpo de uma mulher no Kemet que viveu entre 2160 e 1994 a.C., havia traços e pontos inscritos na região abdominal, de acordo com Dass (2020), a tatuagem pode ter relação com cultos à fertilidade.

Muito antes dos pigmentos modernos, nossos ancestrais decoravam seus corpos com pigmentos naturais feitos a partir de minerais triturados e outros produtos de origem vegetal e animal. Segundo Dass (2020), o Ocre foi o pigmento mais popular utilizado por milhares de anos. As cores mais utilizadas eram vermelho, amarelo, branco e marrom. Muitos destes pigmentos são utilizados até hoje como maquiagem pela indústria de cosméticos.

O povo Maasai utiliza um pigmento vermelho e pintam todo o corpo (figura 17). Já o povo Nuba do leste da África faz pinturas corporais “malhadas” (figura 18). O povo Himba (figura 19) na região da Namíbia utiliza a pasta “Otjize” que é uma mistura de manteigas e minério de ferro para passar em todo o corpo e cabelos (DASS, 2020). Nada é puramente estético nas civilizações africanas, as cores, os símbolos e o tipo de material utilizado tem um propósito, um significado, assim como nas escarificações e nos penteados do cabelo (figura 20).

Figura 17: Homem do povo Massai



Fonte: Virusdanet¹⁷

Figura 18: Homem do povo Nuba

¹⁷ Disponível em: <<https://virusdaarte.net/africa-o-povo-massai/>> Acesso em outubro de 2021



Fonte: Leni Riefenstahl, 1970.

Figura 19: Mulher do povo Himba



Fonte: melhoresdestinos¹⁸

Figura 20: Pessoas do povo Suri

¹⁸ Disponível em: <<https://guia.melhoresdestinos.com.br/himba-village-216-6024-l.html>> Acesso em outubro de 2021.



Fonte: Fonte: página giovannaphotography no Instagram¹⁹

Souza (2018) relata no Kemet de 3.000 a.C. a 200 d.C. o uso de mel, leite e farelos vegetais para fazer pastas, o emprego de gorduras animais, vegetais e cera de abelhas para fazer cremes para a pele, além do uso de óleos perfumados e essências como tomilho, olíbano, cânfora e mirra.

Sartore, Lopes, Guaratini (2010) e Pinheiro, Rosa, Conceição (2019) destacam também o pioneirismo do povo do Kemetico, no campo da química e da cosmetologia, entre outros. Para elas, a utilização de substâncias químicas pelo ser humano, para fins cosméticos, tem seus primeiros indícios na pré-história (aproximadamente no ano 30000 a.C.). Substâncias oleosas e perfumes na forma de unguentos e incensos também foram utilizados, bem como materiais para maquiagem.

Os recursos terapêuticos desenvolvidos na medicina africana são retirados dos reinos animal, vegetal e mineral. SÂLÂMI (2020) coloca que do reino vegetal são retiradas folhas, favas, raízes, sementes. Outras partes como resinas, flores e frutos também são retirados. Do reino animal são utilizadas as fezes, lágrimas, sangue, urina, bile, veneno, saliva, esperma, partes do corpo, leite, gordura muscular, tutano e ovo. De cada um deste recursos derivam-se uma infinidade de preparações e combinações.

Assim temos o exemplo da prescrição de fígado e galinha ao molho pardo (víscera e sangue), por nossas mais velhas, para tratar anemia. A ciência ocidental já

¹⁹ Disponível em : <https://instagram.com/giovannaphotography?utm_medium=copy_link> Acesso em novembro de 2021.



utiliza este princípio para prescrever medicamentos hemoderivados (obtidos a partir do sangue humano), conforme o “*Termo de referência de hemoderivados*” emitido por CGEE (2016), para tratar diversas doenças.

Outro exemplo da utilização de partes de animais como remédio é a utilização de sebo de carneiro (encontrado na feira de São Joaquim) para tratar o furúnculo. O sebo é aquecido e passa para o estado líquido, assim ele é colocado ainda quente no abcesso por alguns dias e vai acelerar o “amadurecendo” do furúnculo até que possa ser extraído.

O óleo de Argan, outro produto utilizado na indústria cosmética e bastante conhecido pelos seus benefícios e por seu preço alto, é um óleo africano produzido há milhares de anos na região do Marrocos. O único local do mundo onde nascem as árvores de argan é a região das Montanhas Atlas, no Marrocos.

Parece que desde o século 13 até os dias de hoje, as mulheres Berberes (nativas do norte da África), produzem e usam o óleo de argan, que é extraído das sementes da árvore, para fins culinários e cosméticos. Correa (2012) coloca também que as árvores dos óleos de amêndoa e óleo de gergelim são originárias da África. É possível que a produção destes óleos também tenha ocorrido primeiramente na África.

Dass (2020) afirmou que povo preto desenvolveu o sabão e possuem diversas fórmulas de sabão africano, além de que algumas formulações continham bicarbonato de sódio. No Kemet também há evidências da formulação de sabão e desodorantes com bicarbonato de sódio.

Com o movimento crescente de pessoas pretas utilizando cabelos naturais tem crescido o interesse da indústria de cosméticos por este público e cada vez essa indústria tem utilizado o conhecimento africano para compor suas formulações.

O tutano do boi também é utilizado por nós como cosmético capilar. Eu aprendi a fazer massagem de tutano na infância com Dona Bida (minha vizinha de Mussurunga), a massagem é preparada em três luas. O tutano é retirado do boi, batido com colher de pau ou pedaço de madeira, coloca-se água e deixa de um dia pro outro e esse processo é feito durante três dias. Outra parte do boi também utilizada para remédio é o esterco, mas esse é utilizado para tratar doenças espirituais.

Uma mistura para umectação capilar de origem animal e vegetal é a “maionese” de ovo de galinha e óleo de rícino. Coloca-se um pouco de óleo de rícino no



liquidificador, liga ele e vai adicionando o ovo aos poucos. Estará pronta a “maionese” umectante quando ficar com uma consistência de creme.

A indústria cosmética já utiliza a lecitina (proteína do ovo) para tratamento capilar. De acordo com Correa (2012) a lecitina possui grande afinidade com o cabelo e é bastante utilizada pela indústria cosmética. Ela suaviza os fios e “ocupa-o”, formando uma fina camada, recobrando-o, assim impedem a adsorção de agentes agressivos.

A tecnologia de produção de manteigas vegetais no mundo também foi desenvolvida primeiramente por nossas ancestrais africanas e transmitida através de gerações. Segundo Dass (2020) a manteiga de Karité por exemplo, que é um produto muito utilizado na indústria cosmética, foi desenvolvida primeiramente no continente africano. Para produzir tais manteigas, nossas ancestrais utilizaram técnicas de fermentação, secagem, moagem e aquecimento.

A palavra karité significa “árvore da vida” devido às múltiplas e importantes aplicações. Segundo Correa (2012), a manteiga de Karité é extraída do fruto seco da *Butyrospermum parkii*, uma árvore denominada Ka-ree-tay originária da região leste da África.

As mulheres lorubás produzem manteiga de Karité há milhares de anos. Estas mulheres desenvolveram um material que amolece em uma margem de temperatura muito pequena, sendo sólido na temperatura ambiente e líquido na temperatura do sangue. Um produto rico em antioxidantes e de fácil absorção pelo corpo humano. É possível que na ciência africana, por sua característica holística, os rituais estejam presentes no desenvolvimento e utilização dos materiais e/ou tecnologias.

Nas tradições africanas a presença dos rituais para celebração, reconexão, separação, etc são cotidianas. Os elementos de um ritual, conforme aborda Somé (2009), nos permite estabelecer uma conexão com o nosso ser, com a comunidade e com as forças naturais ao nosso redor. Para ela, os rituais nos ajudam a remover obstáculos dentro de nós mesmas e com os outros espíritos à nossa volta, sejam eles do reino mineral, vegetal ou animal.

O ritual realizado utilizando Manteiga de Karité como elemento mágico é feito com cânticos e entoação de palavras de poder. É possível que a palavra entoada seja um componente fundamental da ciência holística africana e afrodiásporica. Nesse



sentido, ela (a palavra), enquanto agente no processo científico africano é falada pela boca e sai através do hálito humano e pelo sons de alguns instrumentos. Para os lorubás, o hálito (èmí) é um “elemento sagrado” (JAGUN, 2019, p.53).

De acordo com (JAGUN, 2019), para os lorubás, as palavras têm poder, elas possuem força divina transformadora e realizadora. A extração do axé dos elementos tanto no momento da confecção quanto na sua utilização é feita com entoação de palavras cantadas, encantadas, louvadas, narradas, sentenciadas ou refletidas.

Objetos artesanais, minerais, vegetais e animais que são encantados pelo poder das palavras, se transformam em símbolos. Eles podem também ser transmutados, ou seja, a energia deles pode mudar pela força da palavra positiva ou negativamente, ou ainda, há a transbordabilidade que faz expandir os potenciais já contidos nos elementos (JAGUN, 2019).

Em conversa com meu tio, Baba Mi Elieligi, que é Ogã, ele me trouxe o ensinamento de que os “atabaques falam”. Do conjunto de três que são utilizados na cerimônia do candomblé, por exemplo, segundo ele, um compõe as sílabas, o segundo forma as palavras e o terceiro as frases. Assim, por meio da fala dos atabaques, os objetos são imantados.

A Aloe Vera (Babosa) é uma planta de origem africana (LORENZI; MATOS, 2008; SAAD et al., 2016). De acordo com Pereira e Frasson (2007) é a planta mais utilizada pelas indústrias cosmética e farmacêutica e mais estudada nos centros de pesquisa que buscam conhecer e aplicar suas propriedades.

A utilização dessa planta remete à antiguidade africana. Afrika (2014) coloca que os impérios Africanos do deserto controlavam o mercado de Aloe vera, além das ervas: Baga de Espinheiro, Café, Alfarroba e Eucaliptos, entre outras.

Atualmente na indústria cosmética a Babosa é utilizada como ativo de xampus, condicionadores, umectantes, loções pós-sol, calmantes, bases faciais, removedores de maquiagem, produtos antiacne, sabonetes, cremes de barbear, protetores solares, entre outros (PEREIRA; FRASSON, 2007).

Saad et al. (2016) relatam que nos Livros médicos de Imohtep foram descritas algumas fórmulas contendo Aloe Vera. As prescrições indicam que o medicamento a base desta planta, seria um poderoso agente para equilibrar as “qualidades” do corpo e para o prolongamento da vida. As ilustrações da utilização desta erva estão no



túmulo de Tutankhamon e em desenhos nas paredes dos Templos Keméticos. Mulheres Keméticas também utilizavam a babosa para higienizar suas partes íntimas.

As atividades farmacológicas da Babosa (agora mapeadas também pela ciência ocidental) indicam que ela é excelente na cicatrização de ferimentos e estimulam a atividade de células que são responsáveis pela síntese de colágeno e proteoglicanos que promovem a reparação dos tecidos (SAAD et al., 2016).

As máscaras faciais contendo Aloe Vera com propriedades antissinais ou antirrugas são uma tendência atualmente na indústria cosmética para cuidados com a pele do rosto. Vale registrar aqui a apropriação científica, pelas marcas ricas, do conhecimento africano na área da cosmética pelas marcas ricas, que inclusive patenteiam as formulações.

Nós, mulheres afrodiáporicas de Salvador da Bahia, utilizamos a babosa para muitas coisas, como cicatrizante, como alimento (batido no suco com outras frutas) e como cosmético. Uma receita maravilhosa com babosa é a seguinte massagem capilar: retira-se o sumo da babosa (abre a folha no meio e raspa com uma colher), bate junto com a polpa do abacate e óleo de côco. Esse é um excelente creme capilar, com propriedades hidratantes, umectantes e emolientes.

Queen Afua, mulher afroamericana, fitoterapeuta, parteira, professora de ioga kemético e estudiosa da medicina holística Kemética, afirma que a Aloe vera (babosa) foi utilizada em abundância por nossas ancestrais africanas para realçar a beleza e a saúde (AFUA, 2000). De acordo com Afua (2000), a babosa também foi prescrita para limpeza uterina. Baseada na medicina holística Kemética, ela indica no seu livro "*Sacred Woman – A guide to healing the feminine body, mind and spirit*", um rito a ser feito por mulheres durante sete dias, utilizando essa erva e entoação de palavras de poder, para limpeza do ventre e restauração da beleza (harmonia) do corpo, mente e espírito.

Conforme aborda Sawandi (2016), os lorubás, por exemplo, referem-se ao benefício da utilização de remédios de plantas, não apenas para curar doenças físicas, mas também para males no campo emocional e espiritual. Afua (2000) indica também a utilização florais de Romã para desejos criativos conflitantes e floral de Íris para potencializar a inspiração.



De acordo com Afrika (2014), ervas e essências florais medicinais foram encontradas na tumba de Khufu, um regente do Kemet, durante a quarta Dinastia (3360 a.C.). Ele coloca que os tratamentos africanos por essências florais, hoje em dia são chamados de remédios “florais de Bach” e seu desenvolvimento é atribuído ao médico inglês Edward Bach. Florais são extratos hidroalcoólicos de flores e outras partes da planta, em pequenas concentrações e são utilizados contra o desequilíbrio emocional que altera o campo energético das pessoas.

Para Sawandi (2016) a visão dos cientistas espirituais africanos é de que as plantas estão vivendo, respirando, se comunicando e são dotadas de personalidade e de atributos da alma. Segundo ele, um dos textos de Ifá, decodificados por meio do meridilogun (jogo de búzios), diz que as flores são a própria essência e a mais alta concentração da força vital da planta.

A materialização do universo como concebido pela mente europeia, gerou um efeito devastador sobre os aspectos não-técnicos da ciência espiritual africana, já que por meio do processo de avaliação instituído pelo modelo europeu, um é considerado “bom”, positivo, superior; o outro é considerado ruim, negativo, inferior, conforme aborda Ani (1994). Dessa forma os aspectos simbólicos do modelo africano foram fetichizados, considerados magia ou superstição e seus conhecimentos foram considerados meras técnicas, destituídos de “filosofia”. Concepções holísticas tornam-se quase impossíveis nesta mentalidade.

De acordo com Lomazzi (2006) Aromaterapia é o tratamento terapêutico que utiliza óleos essenciais extraídos de partes de plantas aromáticas, como flores, frutos, caule e etc. Para ela, a Aromaterapia está muito ligada à fitoterapia, pois utiliza ervas para curar enfermidades.

Muitos óleos essenciais da Aromaterapia são utilizados na cosmetologia atual para a fabricação de perfume, xampu, sabonetes, hidratantes, óleos corporais, máscaras faciais, etc. Um óleo essencial é um extrato proveniente de partes de uma planta aromática submetida à destilação (BAUDOUX, 2018).

Sobre o processo de Destilação, segundo Baudoux (2018), o Kemet teria sido o berço da arte da destilação apesar de existirem poucas referências atuais disso. Bektran (1996) também considera que a destilação foi desenvolvida em Alexandria, como uma técnica de se operar sobre a matéria. Segundo ela, em textos alquímicos



alexandrinos que sobreviveram até nossos dias em cópias manuscritas feitas entre os séculos XI e XV, estão algumas figuras de instrumentos que os químicos de hoje podem facilmente associar com aparatos destilatórios. Estudos realizados sobre esses textos, os termos como ambix, lopas ou cucurbita e mesmo desenhos de alambiques estariam presentes apenas nos escritos Keméticos.

Na área da produção e utilização de óleos essenciais, algumas referências remetem à origem africana deste conhecimento. De acordo com Baudoux (2018), nos escritos de Imhotep, já havia a prescrição da utilização de óleos essenciais para tratamento de doenças e práticas terapêuticas.

Manuscritos keméticos datados de 2000 a.C. falam de “finos óleos”, perfumes e incensos utilizados em templos. Segundo Afua (2000) os óleos essenciais de cinamon, lotus ou lavanda também já eram usados no Kemet para unção e para acalmar as emoções.

Lomazzi (2006) afirmou que no kemet sacerdotes preparavam os “bálsamos” em salas adjacentes ao templo e conheciam bem suas propriedades curativas. Ela coloca que os Kemets chamavam estes produtos de “plantas da vida” e eram utilizadas para curar o corpo e a mente.

Os óleos essenciais Keméticos eram utilizados também no embalsamento dos corpos. De acordo com Lomazzi (2006), nas vísceras das múmias foram encontradas lascas de madeiras odorizadas e bandagens impregnadas de resinas. O rosto era pulverizado com sete (número ritual) óleos diversos e o corpo se purificava com vinho de palma misturado com incensos. Em 1922 foi descoberta a tumba de Tutankamon, Lomazzi (2006) afirma que os óleos essenciais contidos nos vasos estavam tão perfumados que impregnaram o ar.

Diop (2012) mostra uma ilustração de mulheres no Kemet fabricando perfume e de acordo com Dove (2015), a deusa Sakhmet, é representada com o símbolo de um frasco de perfume e está associada possivelmente a rituais de visitas em santuário e oferendas (figura 21). Baudoux (2018) afirma que o povo Kemético produziu vários perfumes e conheciam alguns óleos essenciais, entre eles, os óleos essenciais de terebintina (madeira de Pinheiro) e a resina mastique, foi o primeiro óleo essencial obtido por destilação a seco.



Foram realizadas cerimônias a exemplo as cerimônias com o óleo essencial de olíbano como oferenda ao Deus Sol (Rá) e óleo essencial de mirra oferecido à lua - Baudoux (2018). Veloso e Neves (2018), também colocam que o óleo essencial de olíbano era utilizado em cerimônias religiosas e sua resina, depois de ser carbonizada, gera um pó preto, o Kolhl utilizado nos olhos do povo Kemético como maquiagem.

Figura 21: mulheres fabricando perfume



Fonte: Diop, 2012, p. 31.

Baudoux (2018), coloca ainda que vários alabastros encontrados em túmulos de faraós datados de mais de 6000 anos atrás, continham óleos essenciais e que os keméticos utilizavam gomas e óleos essenciais no processo de embalsamento dos corpos, para ele os keméticos eram peritos na área da cosmetologia e reconhecidos por seus preparados.

Foi mencionado nos livros médicos de Imhotep que o óleo essencial de Sândalo era utilizado como especiaria no Kemet, já o óleo essencial de Cedro e Gálbano foi utilizado no processo de embalsamento dos corpos para preservá-los da putrefação e na perfumaria e cosmética (VELOSO; NEVES, 2018).

Segundo Lomazzi (2006), os perfumes eram uma fixação no Kemet, a rainha Cleópatra utilizava combinações aromáticas diversas para as diferentes partes do



corpo, por exemplo, nos pés óleo de amêndoas com laranja, mel e canela e nas mãos cálamo, cássia, citronela, zimbros, mirra e menta.

Veloso e Neves (2018) colocam que o óleo essencial de mirra mencionado nos livros médicos de Imhotep, também foi utilizado no embalsamento dos corpos e no tratamento de pele e higiene oral. Outro óleo essencial utilizado no Kemet na fabricação de perfume e incenso, foi o óleo essencial de cisto.

As tradições intelectuais e sistemas dos povos africanos, se apoiam no pressuposto da inter-relação cósmica. Ani (1994) coloca que no berço cultural africano, um eu cósmico deve ser integral, portanto a doença e a cura que se processam na matéria, se manifesta também nos planos emocional, racional e espiritual, na comunidade e em todo o Universo.

Seguindo a lógica da cosmetologia embasada em Maat e a integralidade de todas as coisas na área da cosmetologia ancestral africana, a escova de dente, na minha compreensão, pode ser considerada um artefato da cosmetologia. Dass (2020) e Pinheiro (2021) relatam que as primeiras escovas de dente remetem ao Kemet e datam de 3000 a.C. Dass (2020) afirma que estas escovas foram feitas com produtos naturais, a partir do ramo da *Salvadora Pérsica* com pontas desfiadas amarradas em um pedaço de madeira. Essa planta tem alto teor de tanino (adstringente e anti bacteriano) e outros compostos com benefícios para a saúde.

Esse tipo de escova de dente ainda é utilizada na África e no Oriente Médio, para fazer a limpeza dos dentes, gengiva, língua e do interior das bochechas. Dass (2020) coloca que de acordo com a associação dentária americana, a raspagem da língua com os galhos destas plantas é melhor para nossa boca do que o fio dental, enxaguante bucal e escovas de dentes modernas.

Para Sawandi (2016) o que é chamado de cosmetologia na linguagem moderna tem relação também com o processo matemático de aplicar maat, ordem e combinação para embelezamento, o que envolve criar padrões geométricos simétricos que sejam esteticamente agradáveis, proporcionais e balanceados. Os princípios matemáticos de aplicação de Maat na cosmetologia são mais evidentes nos padrões geométricos simétricos encontrados nos estilos de cabelos africanos e na maquiagem Kemética.



6.1 - A maquiagem kemética dos olhos

De acordo com Dass (2020), muitos sítios pré-históricos ainda contêm diversas cores conservadas na forma de lápis de cera algumas delas estavam em paredes e foram encontrados recentemente. No Kemet, um dos principais artefatos da primeira dinastia se chama “Paleta Narmer” (figura 22), com um conjunto de cosméticos que não havia sido descoberto pelos europeus até 1800.

Figura 22: Frente e verso da Paleta Narmer



Fonte: stringfixer²⁰

Sartore, Lopes, Guaratini (2010) afirmam também que existem também relatos sobre a utilização de maquiagem colorida, composta pela mistura de sais metálicos e pigmentos extraídos de espécies vegetais da família Rubiaceae. Nesse caso, a composição do produto final continha substâncias orgânicas (pigmentos coloridos que contêm carbono em sua estrutura molecular) e inorgânicas (compostos metálicos). A purpurina que é um pigmento da família das antraquinonas, segundo as autoras já foi bastante relatado.

Walter et al. (1999) e Tapsoba et al. (2010) colocam que inúmeras caixas cosméticas encontradas em túmulos da civilização Kemet demonstram que este povo

²⁰ Disponível em: <https://stringfixer.com/pt/Narmer_palette> Acesso em outubro de 2021.



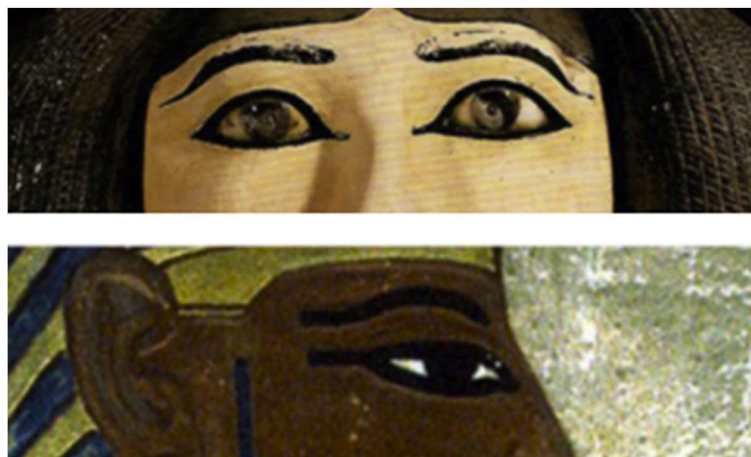
africano já manipulava pigmentos das cores branca, vermelha, amarela, azul, verde e preta que datam de cerca de 2500 a.C. Embora a paleta de cores utilizada fosse amplamente colorida, o preto e o verde foram as mais utilizadas (CLARKE, 2011; TAPSOBA et al., 2010; WALTER et al., 1999).

Sartore, Lopes, Guaratini (2010) e Pinheiro, Rosa, Conceição (2019) afirmam que, de acordo com as evidências arqueológicas, o início do uso destes produtos tenha ocorrido próximo ao ano 2000 a.C..

Walter et al. (1999) realizou análises químicas e de cristalografia quantitativa em amostras datadas entre 2000 e 1200 a.C. preservadas em caixas originais da civilização Kemet, constatou a presença de compostos de chumbo, dois pós naturais: galena (PbS) e cerusita ($PbCO_3$) e dois compostos sintéticos: fosgenita ($Pb_2Cl_2CO_3$) e laurionita [$Pb(OH)Cl$]. Walter et al (1999) e Tapsoba et al. (2010) defendem que a fosgenita e laurionita foram sintetizadas pelo povo Kemético pela técnica da “química úmida”, devido a suas propriedades médicas.

Pinheiro, Rosa e Conceição (2019) colocam que esses sais de cloreto de chumbo estão na forma de cristais sólidos que refletem a luz, o que justifica sua utilização como maquiagem.

Para Tapsoba et al. (2010) a produção intencional da maquiagem Kemética dos olhos (figura 23) é o primeiro exemplo encontrado de um processo químico em larga escala. Segundo ele, não é de se admirar que a palavra química tenha origem na palavra Kemet. Dass (2020) coloca que a maquiagem Kemética era produzida a partir de conceitos químicos relativamente avançados Walter et al. (1999) e Tapsoba et al. (2010).



Fonte: adaptado de arqueologiaegipcia²¹

A maioria dos pesquisadores acredita que a ocorrência de substâncias à base de chumbo no Kemet é surpreendente, uma vez que este metal é pouco abundante naquela região. A fosgenita pode ser formada naturalmente pela oxidação de minerais contendo chumbo apenas em locais onde o minério entra em contato com gás carbônico e águas cloradas. Porém, para Walter et al. (1999), sua abundância é pequena demais naquela região para explicar o uso extensivo deste material em cosméticos durante um período de oito séculos.

Para os pesquisadores é improvável também que estes compostos tenham sofrido intemperismo químico em seus recipientes originais, além de que muitas caixas cosméticas têm inscrições em tinta preta, com a descrição de seus componentes. Muitos destes materiais ainda não foram identificados.

Para Walter et al. (1999), a utilização de minerais originais, a síntese inorgânica e a adição de ácidos graxos em variadas proporções permitiram que os cientistas do kemet produzissem uma gama de cosméticos para fins específicos. Sartore, Lopes, Guaratini (2010) também relataram a presença de materiais orgânicos como proteínas, lipídeos, resinas e ceras misturadas ao pigmento de cor rosa. Esses materiais misturados ao pigmento, conferiam ao produto final uma característica pastosa que seria fundamental para a adesão na pele.

Walter et al. (1999) relata que em papiros médicos Keméticos foram encontradas mais de cem receitas para tratar problemas das pálpebras, íris e córnea,

²¹ Disponível em: <<http://arqueologiaegipcia.com.br/tag/maquiagem-no-antigo-egito/>> Acesso em outubro de 2021.



bem como tracoma e conjuntivite. Em particular, durante as inundações do Nilo, os habitantes do Kemet sofriam de numerosas doenças oculares e inflamações como conjuntivite bacteriana. Daí a presença de receitas para prevenir ou curar tais bactérias.

Na receita está descrita que a tinta deve ser misturada a gordura animal, de fato, os constituintes orgânicos foram analisados por cromatografia gasosa e Walter et al (1999) identificou a presença de ácidos graxos em uma quantidade variável de até 7% de lipídios. Eram adicionados compostos orgânicos aos sais de chumbo sintetizados, o que explica a variedade de texturas nos pós cosméticos encontrados. Uma vez que os sais utilizados pelos egípcios são muito insolúveis em água, deveriam estar em concentração muito baixa quando em contato com fluidos corporais (nos olhos e em feridas).

Sartore, Lopes, Guaratini (2010) afirmam também que o médico grego Dioscórides no século I d.C. relatou posteriormente, que essas maquiagens eram boas para os olhos e para o rosto, nos casos de pele enrugada ou com manchas. Os procedimentos de produção em larga escala, foram também encontrados de forma bem detalhada, demonstrando assim os primeiros indícios da popularização do uso de produtos de cuidados pessoais.

O chumbo não possui nenhuma função fisiológica conhecida no organismo humano. Tapsoba et al. (2010) coloca que por possuir características físico-químicas similares a outros íons bivalentes Ca^{2+} , Zn^{2+} , Fe^{2+} , Cu^{2+} e Mg^{2+} faz com que participem dos mesmos mecanismos de troca iônica e dessa forma o chumbo é absorvido pelo corpo humano. Uma vez associado a estas biomoléculas o íon Pb^{2+} altera suas funções, e forma espécies pouco solúveis em água.

A toxicidade dos compostos de chumbo é bem estabelecida na química, e Tapsoba et al. (2010) coloca que, na idade média europeia, vários alquimistas apresentaram problemas com o saturnismo (intoxicação por chumbo). O nome “saturnismo” se deve ao fato do elemento chumbo ser associado ao planeta Saturno na astrologia.

De acordo com Moreira e Moreira (2003) os processos de absorção do chumbo podem ser influenciados por vários fatores endógenos (constituição genética, fatores antropométricos e estado de saúde) e exógenos (carga de trabalho, exposição



simultânea a várias substâncias, drogas, álcool e fumo). Segundo os autores, a absorção do chumbo pelo trato gastrointestinal depende mais de fatores nutricionais tais como ingestão de cálcio (Ca), ferro (Fe), fósforo (P) e proteínas, do que propriamente da solubilidade dos compostos de chumbo, nos ossos, depende da baixa ingestão de vitamina D, e no sangue baixa ingestão de vitamina D e ferro.

Tapsoba et al. (2010) colocam que a utilização destes materiais não se restringe às classes mais altas. A maquiagem era aplicada nos olhos e pálpebras de todo o povo Kemet. Alguns questionamentos são pertinentes a respeito da toxicidade do chumbo nos corpos do povo Kemet: É razoável pensar que este povo desconhecia a toxicidade do chumbo no corpo humano e que se contaminou por aproximadamente 800 anos? Há registro nos livros médicos do Kemet de doenças com sintomas similares ao saturnismo? É possível que os keméticos não sofressem contaminação por chumbo devido a fatores endógenos e/ou exógenos (sua dieta e modo de vida)? Essas perguntas podem ser respondidas a partir do aprofundamento nos estudos sobre a produção destes materiais.

Outra característica dos “colírios” Kemet além da variedade dos materiais era o refinamento das formas (traços ou sombreamentos) e a preocupação com o delineamento e a harmonia dos traços. É notório que o “colírio” utilizado pelo povo Kemet se tornou, na área da maquiagem, verdadeira obra de arte e as técnicas desenvolvidas pelos Kemets são utilizadas até os dias de hoje. A maquiagem dos olhos utilizadas pelas mulheres na atualidade, são idênticas a maquiagem Kemética em estilo e técnicas de aplicação.

A maquiagem Kemética era ao mesmo tempo remédio e cosmético, um produto científico na área da “química” sintetizado no contexto filosófico daquela civilização.

Em uma sociedade embasada em Maat, harmonia é expressão do divino. O embelezamento externo é a integralização da harmonia e saúde. Parece que, no caso da maquiagem Kemética, o processo se deu pela integralidade entre a saúde dos olhos e a arte/beleza. Esse aspecto difere rigorosamente da ciência ocidental, que para Biko (1971) faz uma distinção clara entre o natural e o sobrenatural, o racional e o não racional e descarta o sobrenatural e o não racional como superstição.

Para o povo Kemet o auto-cuidado (amor a si mesmo) ocorre através da sacralização dos membros do Corpo, nesse sentido os olhos eram associados a



divindade Het-Heru (divindade ligada à imagem) e os pés, por exemplo a divindade Ptah (estabilidade e força) (AFUA, 2000).

Het-Hru no Kemet é um princípio\divindade feminina muito importante nesta civilização, justamente porque está ligada a imagem, essa divindade pode ser sincretizada com o Orixá Oxum que tem um espelho como símbolo. No ocidente, estes princípio\divindade são superficialmente associados a beleza exterior, porém seus fundamentos estão ligados a imagética.

Para os Kemets, uma vez percebida através dos sentidos, a imagem torna-se referência ou matriz mental, assim as imagens acessadas orientam os hábitos humanos, porque a mente evoca as particularidades imagéticas apreendidas. Nesse sentido, a preocupação com a harmonia dos traços e o culto ao belo, características da maquiagem Kemética era importante não por causa do apelo meramente estético, para eles, ter critério com as referências imagéticas acessadas ajudavam a afirmar a beleza interior e a criação de hábitos que impulsionam a expressar grandeza humana na Terra.



6.2 - A experiência da Kemeya

Como já mencionei aqui neste trabalho, em 2019 criei a Kemeya Cosmetologia Ancestral, uma marca de cosméticos naturais (figura 24). A palavra Khemeia foi utilizada, porque é uma palavra africana (da região do Kemet) e deu origem à palavra química (GOLDFARB, 2005).

Figura 24: logomarca da Kemeya



Fonte: acervo da autora

Assim iniciei a comercialização dos produtos naturais que eu já desenvolvia pra mim mesma e para as pessoas mais próximas.

A Kemeya surgiu de um desejo de me expressar, algumas pessoas escrevem poesia, outras desenham, cantam... eu gosto de estar próxima ao reino vegetal, aprender com ele e produzir remédios, cosméticos para minha própria cura e para quem mais se interessar e confiar neste propósito.

Em 2021, convidei a amiga e doutoranda em síntese orgânica, mulher preta Rosiene Mattos e juntas estamos conduzindo a Kemeya. Temos uma parceria que se encaixa e Rose tem colaborado bastante, tanto na parte estrutural da marca, quanto no compartilhamento de seus saberes na área da química orgânica.



Na Kemeya são produzidos cosméticos naturais de maneira semi artesanal. As definições legais sobre a cosmetologia natural ainda estão em fase inicial de elaboração, porém, de acordo com a ABIHPEC - Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (2019), as discussões sobre ingredientes e cosméticos orgânicos acontecem no âmbito da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A partir dessas discussões, foi criada a norma ISO 16128, que estabelece conceitos importantes que podem ser aplicados aos produtos do setor. São eles: Natural e derivado natural; Mineral e derivado mineral; Orgânico e derivado orgânico.

A organização internacional EWG (Environment Working Group), pesquisa desde 1993 ingredientes com potenciais nocivos como agrotóxicos e produtos para formulações cosméticas. A EWG criou a classificação selo verde (produtos com pouco ou nenhum risco ambiental e a saúde), selo amarelo (produtos com risco moderado ao meio ambiente e/ou a saúde e o selo vermelho (produtos que agredem a natureza e/ou a saúde). Esta classificação também tem sido utilizada por pequenos produtores de cosméticos naturais, para guiar suas produções e classificar de forma mais criteriosa os materiais produzidos.

Para ABIHPEC - Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (2019), um cosmético é classificado como natural, quando possui mais de 90% de ingredientes deste tipo em sua formulação. Sendo assim, os cosméticos produzidos na Kemeya podem ser considerados 100% naturais e orgânicos, pois além de atender a norma ISO 16128, são classificados como selo verde pela EWG.

Além das ervas, outros materiais naturais são utilizados na síntese dos produtos Kemeya, são eles: glicerina vegetal, álcool de cereais, conservantes, emulsificantes e tensoativos naturais.

Sawandi (2016) abordou que nigerianos e pessoas pretas em todo o mundo começaram a estabelecer negócios com ervas em números cada vez maiores. Para ele as ervas são a cura das nações, os adeptos da medicina tradicional yorubá, são muitas vezes aconselhados a utilizar ervas como remédio antes de buscar a medicina alopática.



Vale reafirmar que sou iniciada na tradição de Candomblé de Ketu, que é herdeira da tradição dos povos yorubás. Com os yorubás, chegaram também, aqui no Brasil no período escravocrata, os conhecimentos da sua farmacopeia e outras tecnologias ancestrais desenvolvidas por estes povos desde o início da humanidade.

Porém, pessoas africanas chegaram aqui de diversas partes do continente, assim outras tecnologias ancestrais africanas se fundiram com a perspectiva yorubá, foram reinventadas e se perpetuam em diversos territórios afro diaspóricos e em especial, em terreiros de Candomblé, junto com o culto aos Orixás. Desse modo, a experiência vivida e apresentada aqui, tem bases na percepção tradicional dos povos yorubás, porém está em “afro perspectiva” (NOGUERA 2012).

Na medicina yorubá, preparar e misturar ervas, conforme aborda Sawandi (2016), é um ritual pessoal que traz às sacerdotisa\curandeira yorubá, uma consciência interior das propriedades sutis das plantas e do seu papel espiritual no diagnóstico e cura.

Esta sabedoria foi baseada no conhecimento africano sobre a “assinatura das plantas”. De acordo com essa “ciência”, todas as plantas têm o seu propósito medicinal, cada planta é possuidora de virtudes terapêuticas que estão “escritas” em suas folhas, caule, flor, fruto e raiz.

Em 22 de abril de 2021 lançamos a linha corporal “Os quatro elementos” que foi inspirada na mitologia yorubá, no Ìtàn (mito) Àyànmó\ Akosèjayé (traduzido grosseiramente como destino\pegada). Neste Ìtàn, estão contidos versos sobre a passagem dos seres humanos (èniyàn) do plano intangível (Orun), para o plano tangível (Ayê).

Na perspectiva yorubá sobre o início do mundo, na origem, o que existia era a cabaça da existência (Igbá Ìwà), o Útero mítico ancestral. A cabaça da existência é o lugar onde ficaram guardados os quatro elementos, que são a matéria primordial para a composição do Ayê (plano tangível). A partir destes materiais, Erupè (Terra), Omi (Água), Iná (Fogo) e Atégùn (Ar), o mundo e os seres que aqui habitam foram modelados.

No que diz respeito aos seres humanos (èniyàn), cada um, cada uma de nós, antes de descer ao ayê (plano tangível), escolhemos o nosso Ori (cabeça), assim escolhemos também nosso Àyànmó\ Akosèjayé, nosso propósito da existência, a



nossa contribuição no Ayê. O Àyànmól Akosèjayé é o elemento etéreo que está registrado em nosso Ori.

Fáladé (2021) coloca que os versos do Ìtàn Àyànmól Akosèjayé, trazem porém, que antes de escolher Ori, o ser humano (èniyàn) se dirige até Obàtálá (divindade Yorubá) que tem a responsabilidade de moldar o corpo humano. Obàtálá desenha e molda o corpo humano, com os quatro elementos: Erupè, Omi, Iná e Atégùn.

Para compor o nosso corpo, recebemos pequenas porções de cada um dos elementos, em quantidade suficiente para cumprirmos o nosso propósito. Depois que Obàtálá termina seu trabalho, Oládumarè respira èmí (força vital) no corpo. Èniyàn, então, segue para a casa de Àjàlá (o modelador de cabeças), para escolher seu Ori.

Ori é nossa divindade pessoal, uma extensão direta da fonte encontrada dentro de nós (FALADÉ 2021). A divindade interior que nos acompanha quando passamos para o Ayê e nos acompanha quando retornamos para a “massa original” no Orun. Ori orienta nossas experiências para que possamos cumprir os acordos feitos antes de passarmos para o lado tangível da existência.

Conforme também aborda Jagun (2019), para os yorubás, os quatro elementos estão em torno de nós e também dentro de nós, somos compostos por Erupè, Omi, Iná e Atégùn.

Desse modo, todos os materiais naturais podem ser classificados conforme os quatro elementos, assim temos pedras, ervas e animais com o axé das águas, da terra, do fogo e do ar. Estes elementos, as pessoas e todos os materiais naturais que compõem o plano tangível (Ayê), para os yorubás possuem axé, que é um princípio energético vital, ou seja, uma potência de vida, a energia cósmica e telúrica que nos integra à existência.

As ervas, de acordo com a teoria yorubá da assinatura das plantas, são: Ewé Omi (folhas da água), Ewé Iná (folhas do fogo), Ewé Atégùn (folhas do ar), Ewé Erupè (folhas da terra) (JAGUN 2019). Nesta teoria, as ervas também podem ser, masculinas e femininas, calmantes ou estimulantes, etc., porém, nos produtos Kemeya, me detive as características das plantas que estão ligadas aos elementos.

A linha corporal “Os quatro elementos” foi inspirada no Ìtàn (mito) Àyànmól Akosèjayé, as ervas e a associação delas aos elementos, foram feitas a partir do meu conhecimento prático sobre ervas que recebi em Terreiro de Candomblé, nas minhas



leituras sobre ervas medicinais e nos conhecimentos na área da Química Ocidental. Foi sintetizado um conjunto hidratante/óleo/sabonete líquido, com ervas que contém o axé de cada um dos elementos: Erupè (Terra), Omi (Água), Iná (Fogo) e Atégùn (Ar).

Todos os processos, desde a formulação, confecção, embalagens e rótulos são feitos por nós e/ou a partir das nossas idéias. As ervas utilizadas foram compradas na feira de São Joaquim. A seguir, duas imagens de extratos feitos na Kemeya para a síntese dos produtos da linha “Os quatro elementos” (figuras 25 e 26).

Figura 25: Extrato glicólico (feito com glicerina vegetal) de flores de calêndula.



Fonte: acervo da autora

Figura 26: Extrato de Poejo feito com álcool de cereais



Fonte: acervo da autora

Ao utilizar os produtos feitos com extrato de ervas, óleos vegetais, essenciais e manteigas, a pessoa pode se conectar com o axé dos elementos e conseqüentemente com a cura que cada um deles pode nos proporcionar. A seguir estão imagens dos produtos da linha “Os quatro elementos” enfrascados e rotulados (figuras 25 e 26).

Figura 27: Hidratantes corporais dos quatro elementos



Fonte: acervo da autora

Figura 28: Sabonete líquido Erupé



Fonte: acervo da autora

Na prática dos povos yorubás as ervas são utilizadas com fins medicinais/espirituais. Das ervas são feitas defumações, banhos, remédios e artefatos religiosos, cada um destes produtos, possuem inúmeras formas de preparação.

Os materiais naturais que estão presentes aqui no Ayê podem nos ajudar na cura de nossas doenças físicas, emocionais e espirituais. De acordo com Sálami (2020) os elementos da Natureza determinam o caminho para se alcançar o axé. É possível extrair os princípios vitais destes materiais e assim eles doam suas propriedades curativas.

A utilização de ervas e outras medicinas ancestrais, podem reativar o axé destes elementos no nosso corpo e assim colaborar para que a nossa caminhada no Ayê, esteja alinhada ao nosso propósito e ao bem viver comum.

Em relação aos quatro elementos, cada um deles possui um significado simbólico e espiritual, não se resumindo apenas aos fenômenos naturais. Eles podem se expressar também através de emoções, sentimentos, pensamentos e outras características humanas.

Erupè, o elemento terra é a fertilidade. Nela, a humanidade se estabelece e pode exercer o seu destino (JAGUN, 2019). Pessoas com uma estrutura predominante deste elemento, possuem uma mente prática e uma compreensão inata de como funciona o mundo material. Estas pessoas têm maior clareza e confiança



nos seus sentidos e raciocínios práticos, do que nas intuições e inspirações espirituais.

Omi está presente em cerca de 80% do corpo humano, além de estar presente em todos os alimentos (JAGUN, 2019). Simbolicamente, este elemento atua no campo das emoções. Pessoas com a predominância desta energia, possuem uma grande percepção das nuances e sutilezas dos sentimentos que estão por trás do que não é dito por meio de palavras.

A água pura é um material mineral com muito axé, além de matar a sede dos seres humanos e dos animais, é usada para preparar alimentos e para a cura seres humanos de várias outras formas. Água de cachoeira, de nascente, de chuva, água do mar possuem seus axés específicos e podem ativar diferentes qualidades humanas. Além disso, a água em exposição ao sol (água solar), ou a lua (banho de lua) tem seus princípios curativos também muito importantes para os seres humanos.

Inà sempre existiu, nos raios de sol, na larva dos vulcões e nas descargas naturais, porém a humanidade não tinha a habilidade de criá-lo. Este elemento tem uma energia universal irradiante e dinâmica. Pessoas com este elemento predominante em sua estrutura, possuem geralmente uma experiência centralizada na identidade pessoal.

Atégùn está presente no nosso sistema respiratório e é o símbolo da divindade. Pessoas com predominância deste elemento, têm a capacidade de ter um ponto de vista imparcial a respeito de experiências da vida cotidiana. Assim apresentam com maestria a objetividade e a capacidade de abordar com raciocínio lógico tudo o que fazem.

Do reino vegetal podemos extrair o chamado sangue verde, o sumo. Folhas, cascas, raízes, sementes, resinas e frutos são aproveitáveis e têm cada um sua função. Sàlámi (2020) coloca que as raízes dão sustentação à vida; as cascas oferecem resistência; às sementes promovem limpezas e estabelecem o bem; e as folhas promovem também, sacralização e limpeza.

Para Sàlámi (2020) a utilização litúrgica, ritualística e teológica de materiais naturais para cura são tão antigos quanto a humanidade. A origem destas tecnologias ancestrais se confundem com a origem da humanidade.



Das partes das plantas, podemos fabricar diversos tipos de extratos, óleos, manteigas, hidrolatos, etc... os princípios curativos das partes desses vegetais, podem ser alcançados pela ingestão de chás, por meio do banhos de ervas, utilização de emplastos, defumações e outros tipos de remédios.

A linha "Os quatro elementos" foi produzida com base nesta percepção. Dentro da nossa compreensão, as propriedades curativas das ervas presentes nas formulações dos produtos desta linha, também atuam nos campos físico, mental e espiritual de quem as utiliza.

O hibisco e a manteiga de karité, por exemplo, foram utilizados na formulação dos produtos Erupè. O hibisco, que também é chamado de graxeira, de acordo com Jagun (2019) é uma Ewé Erupè. Essa planta é comum nos jardins e quintais brasileiros e fácil de pegar. É utilizado em banhos para a recuperação da energia física, seu princípio curativo é da natureza da terra. O elemento terra, no sentido do simbólico, está ligado diretamente ao nosso corpo físico, nos conecta com a realidade do aqui e agora do mundo material, além de nos dar base e sustentação.

A manteiga de Karité é utilizada em ritos de Candomblé como fundamento (elemento de magia) e é chamada de banha de Ori. Este produto é utilizado tanto para cuidar do corpo físico, quanto do corpo espiritual, ligado a Erupè, está presente em cerimônias de renascimento. A simbologia envolvida nestas cerimônias é extensa, porém, de interesse aqui é que a manteiga de Karité ajuda no processo de "encarnação" do propósito, ou seja, alinhamento com o elemento terra.

De acordo com Corrêa (2012) quando utilizada, na área da cosmetologia, a manteiga de Karité, tem um grande resultado na pele e nos cabelos, desde o simples sensorial conferindo maciez até o combate de irritações e diversas outras alterações.

Nos produtos Omi, estão presentes também a Água de Alevante e Macassá. Água de alevante, ou Água de levante é uma Ewé Omi (JAGUN 2019). Essa erva contém o axé do elemento água. É utilizada também para banhos e das folhas secas pode ser feita a defumação para atrair boas energias. O uso tópico na testa, do óleo essencial presente na água de alevante, também indicou ter efeito calmante e na redução da cefaléia, sendo tão potente quanto 1g de paracetamol administrado por via oral (SAAD (2018) et all)



A Macassá é uma “erva cheirosa”, originária da África, região da Nigéria. É usada para banho com maceração das folhas ou chás. Atua acalmando as emoções, daí a sua afinidade com Omi. É utilizada na indústria cosmética para a fabricação de perfumes e água de colônia. Nós associamos essa erva, às divindades da águas (Oxum, Yemanjá e Nanã). Nos produtos Omi da Kemeya, essas ervas juntas, formam uma sinergia que potencializa seus axés e podem ativar nossa intuição e sensibilidade.

O gengibre, utilizado nos produtos Inà é chamado de atalè (planta que tem o poder de iluminar) (AZEVEDO 2014). Ligado ao elemento fogo que ilumina e aquece, essa erva tem o sabor picante. Potencializa e afirma a expressão individual, característica consonante com Inà, que simbolicamente está ligado ao sentido da decisão e da fé em si mesmo.

O gengibre é utilizado em algumas regiões da África para acender o fogo interno do corpo (SAAD (2018) et all) . De acordo com Azevedo (2014), essa erva, ritualisticamente pode ser utilizada com a entoação do Ofó (palavras de poder): “acenda o fogo em nossas bocas, mas que esse fogo não queime, que ele ilumine nossas palavras”. O gengibre é associado ao Orixá Ogun.

A canela está presente em textos clássicos da medicina Kemética em incensos, perfumes e culinária. Presente na formulação do perfume Megaleios (Saad (2018) et all , é uma erva quente ligada ao elemento fogo e também foi utilizada na formulação dos produtos Inà. O princípio curativo do gengibre com a canela, são uma medicina ancestral que ajuda o ser humano a firmar seus pontos de vista e expor sua personalidade.

O Capim limão ou capim santo de acordo com Lorenzi et all (2008) tem eficácia farmacológica em estados de nervosismo e intranquilidade. Essa erva tem axé de Atégùn e foi utilizada na formulação dos produtos Kemeya juntamente com o algodão. O capim santo ajuda a acalmar a mente acelerada e assim pode levar a racionalização e entendimento das melhores opções para a tomada de decisões.

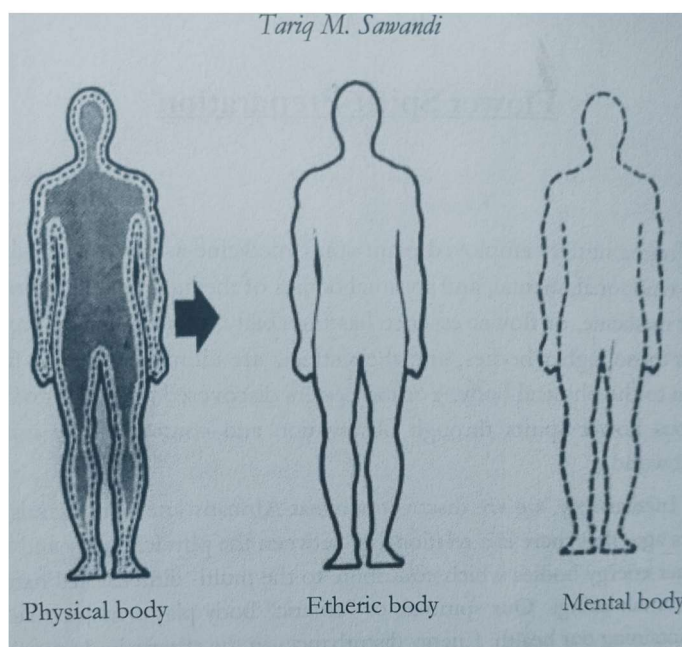
O algodoeiro é uma árvore caridosa e benfeitora pois doa parte de si para vestir a humanidade e é utilizado em ritos e liturgias que visam curar as feridas da alma e tranquilizar a cabeça. Por ter a leveza do ar, seu axé pode nos ajudar a “limpar” o campo mental, nos dando mais clareza no “mundo das idéias” e pensamentos mais



consonantes com o nosso propósito. Um ofó importante ligado ao princípio curativo do algodoeiro é: "purifique nossos corações para que nossas cabeças se iluminem" (AZEVEDO 2014).

No livro "African Medicine - A complete Guide to Yorubá healing science and african herbal remedies", o autor Tariq M. Sawandi coloca que cada vez mais estamos descobrindo que os yorubás sabiam a milhares de anos atrás que existe uma relação entre o corpo físico, o corpo espiritual e o corpo mental (figura 27), para os yorubás essa relação forma a natureza multidimensional do ser humano.

Figura 29: Ligada ao elemento Ar seu nome em yorubá é ewé òwú



Fonte: Sawandi (2016, p 40)

Quando "cientistas\curandeiras" africanas usam o termo "energia espiritual", estão utilizando outro termo para "frequência" ou "vibração". Nesse sentido, Sawandi (2016) afirma que a diferença entre "matéria física" e "matéria sutil" ou "corpo espiritual" é que a primeira vibra em baixa frequência e a segunda em alta frequência. Nesse mesmo sentido, Ani (1994) coloca que para os povos africanos, à medida que o espírito se torna mais denso, ele se manifesta como matéria.

Conforme percepção yorubá, perturbações de energia no corpo espiritual precedem a manifestação da doença no corpo físico. Cientistas\curandeiras yorubás,



desenvolveram inúmeras tecnologias ancestrais, que são instrumentos de diagnóstico e tratamento de doenças no corpo físico e\ou espiritual.

Essas tecnologias foram feitas a partir de materiais naturais animais, vegetais ou minerais, do desenvolvimento de oráculos e consulta a divindades, por meio de sons, movimentos de dança e etc.

As medicinas ancestrais interagem com o campo energético (corpos físico\mental e espiritual) humano, apontando caminhos, apaziguando, limpando, acalmando e dando clareza às questões humanas. Assim elas ajudam Ori a fazer escolhas mais conscientes, para que possamos experimentar nosso potencial superior.

Conforme aborda Sawandi (2016), para os cientistas espirituais africanos todos estes seres e conseqüentemente o reino vegetal, são seres dotados de personalidade e atributos da alma. As plantas vivem em harmonia com a natureza e desta forma elas estão prontas e capazes de cooperar e ajudar a humanidade.

Extratos de vegetais são a própria essência e mais elevada concentração da força vital da planta (SAWANDI 2016). Desse modo, umas das melhores formas de combater padrões anormais nos corpos mental, espiritual e físico é administrar “remédios” de plantas que “carregam” a energia sutil curativa destes espíritos vegetais.

Porém, diferente dos remédios da medicina alopata, os medicamentos das medicinas africanas, não têm a responsabilidade de sozinhos, curar a doença, eles são recursos que podemos utilizar nos nossos processos de cura.

Sawandi (2016) coloca que, em uma perspectiva yorubá, a única cura completa para as doenças, deve incluir uma mudança de consciência, onde o indivíduo reconhece a causa raiz e atua de forma terapêutica nela.

Assim os povos africanos desenvolveram tecnologias ancestrais, a partir de materiais naturais, que funcionam como instrumentos capazes de auxiliar no caminho escolhido e nos ajudar a alinhar-nos ao nosso propósito.



7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cosmo percepções africanas não reconhecem nenhuma separação conceitual entre o material e o espiritual e seus sistemas permitem, que, tanto os elementos racionais como os não racionais provoquem impacto e tenham igual importância na sua vida cotidiana.

A partir das leituras e reflexões sobre o paradigma afrocentrado, compreendi que, em uma investigação científica centrada na experiência africana, aspectos ligados ao espiritual e ao intuitivo devem ter o seu lugar, ou seja, aparecer metodologicamente de maneira revelada, explícita. Dessa forma, a metodologia afrocentrada deve estar alinhada com a ciência holística africana, legitimando a ideia de “unidade com a experiência” e reconhecendo a natureza multidimensional da existência.

A função dos produtos científicos da ciência holística africana também devem refletir essa noção de integração cósmica. Parece que a maquiagem kemética, os oráculos de ifá, os sistemas de base 2 e 10, o calendário lunar e a compreensão da natureza cíclica da mulher em conexão com a lua, são exemplos de produtos científicos africanos, consonantes com a percepção holística desta ciência.

No caso dos oráculos de Ifá, o povo yorubá, utilizou sistemas numéricos de base 2 (presente nos computadores atuais) e de base 10, além de conceitos de probabilidade, para decodificar as complexidades da condição humana e o fluxo de eventos (presente, passado e futuro) para auxiliar no nosso bem viver.



Ainda na área da matemática e no caminho de estabelecer a relação produto científico africano/percepção holística africana, parece que, as mulheres africanas desenvolveram conceitos de medição e da passagem do tempo, ao mesmo tempo que constataram a relação da lua com seu ciclo menstrual.

Dessa forma, identificaram um padrão, em conexão com o movimento lunar, para as alterações físicas e emocionais do corpo ao longo de um ciclo de 28 dias (em média). Esse padrão foi utilizado como um dos pilares para o desenvolvimento e manutenção das civilizações matriarcais da África antiga.

Sobre a cosmetologia ancestral africana, parece clara a relação entre saúde, beleza e cura. Um cosmético ancestral africano não é um produto ou prática com o intuito apenas de embelezamento externo. Nestas civilizações, algo, ainda que tenha sido considerado belo, foi criado para exercer uma função específica, além do apelo visual.

A relação entre a cosmetologia ancestral africana e a espiritualidade africana e outros aspectos sutis da experiência, pôde ser observada no exemplo da maquiagem kemética dos olhos e na utilização de ervas medicinais e demais materiais naturais para o tratamento de doenças nos campos físico, mental e espiritual.

A maquiagem kemética dos olhos, ao mesmo tempo que foi utilizada como “colírio” anti bacteriano, serviu também para o embelezamento, devido a composição das cores, harmonia e similaridade dos traços. Essa maquiagem pode ter sido associada a deusa Kemética Het-Heru que no corpo é guardiã dos olhos, além de ser um princípio/divindade ligada à imagem. O padrão “artístico” da maquiagem que utilizamos hoje em dia na região dos olhos, é o da maquiagem Kemética.

O conceito da linha “Os quatro elementos” da Kemeya, foi uma tentativa (em afroperspectiva) de reproduzir aqui na Salvador afro diaspórica um cosmético Natural que estivesse em consonância com essa percepção. Falo em tentativa porque reconheço os limites, materiais, metodológicos e filosóficos da nossa atuação.

Noguera (2013) escreve sobre a necessidade de “desnaturalizar” o caráter eminentemente europeu da filosofia, o mesmo pode ser aplicado à ciência de um modo geral. Compreender os paradigmas científicos das civilizações africanas, são importantes não apenas para desconstruir ausências e desconhecimentos que as populações africanas e africanas da diáspora tem sobre si mesma e sobre seus



antepassados, mas também, porque este pode ser o caminho para abertura de novas possibilidades epistêmicas.

Ainda sobre a cosmo percepção dos povos africanos, parece que, qualquer ação que operem, pode ser vista mais como uma resposta da totalidade de seu ser a uma situação específica, do que apenas o resultado de algum exercício mental. Parece que essa perspectiva confere aos produtos científicos africanos uma funcionalidade que tem ligação com diversos aspectos da vida.

Um caminho na construção do futuro pode ser o de acessar a nossa ancestralidade, rever antigos valores filosóficos africanos e (re) descobrir produtos científicos destas civilizações. Assim será possível trazer à tona exemplos de formas de fazer ciência diferentes do modelo hegemônico europeu.

O resgate das tecnologias ancestrais e modos de produção das filosofias já existentes desde o princípio da humanidade são importantes, não porque são tradicionais e atendem ao apelo romântico de uma “África mítica”, mas porque são funcionais e estão presentes dentro de todo e qualquer modos de convivência da população negra ainda hoje.

A natureza para os povos africanos é sagrada. Os seres humanos ocupam o mesmo grau de importância que os vegetais, animais e minerais. A não objetificação da natureza e a cultura do bem viver dos povos africanos, também podem nos ensinar muito a construir um mundo menos hostil para a vida humana na Terra.



8 - REFERÊNCIAS

ABIHPEC - **Associação Brasileira da indústria de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, 2019**

(<https://abihpec.org.br/produtos-naturais-impulsionam-cuidado-com-pele-e-cabelo/> acesso em 27/06/2021)

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. **Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 211 de 14 de julho de 2005**. Brasília, 2005.

AFRICAN CREATION ENERGY. **Supreme Mathematic African Ma'at Magic**. Estados Unidos: African Creation Energy, 2009. p. 10-33.

AFRIKA, Llaila O. **Saúde Holística Africana** – Seção 17 – Ervas, África e História – A Invasão Europeia da Antiga África por Ervas Medicinais – A.C. até 1800 D.C., 2014. p. 451-499. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2014/12/04/ervas-africa-e-historia-a-invasao-europeia-da-antiga-africa-por-ervas-medicinais-a-c-ate-1800-d-c-llaila-o-afrika-saude-holistica-africana-african-holistic-health>. Acesso em: 02 mai. 2021.

AFUA, Queen. **Sacred Woman: a guide to healing the feminine body, mind, and spirit**. Ed. Um Mundo, 2000.

ALAMU, Femi Ololade; AWORINDE, Halleluyah Oluwatobi; ISHARUFE, Walter. Estudo comparativo do sistema de divinação Ifá e a Ciência da computação. *In: SILVA, Tarcízio (org.). Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos*. Primeira edição, São Paulo: editora Literária, 2020. p.218.

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira de; SCHOLZ, Danielle. The afrocentricity paradigm and a new humanity conception in public health: reflections on the relationship between mental health and racism. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 106, p. 869-880, 2015.

ANI, Marimba Yurugu. **Uma crítica Africano-Centrada do pensamento e comportamento cultural europeu**. 1994. 29 p. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/>. Acesso em: 22 mai. 2021.

ASANTE, Molefi Kete. A IDEIA AFROCÊNTRICA EM EDUCAÇÃO. **Educação**, n. 31, p. 136-148, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. **Ensaios Filosóficos**, v. XI, 2016.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: a teoria de mudança social**. trad. Ana Monteiro Ferreira, Ama Mizani e Ana Lucia. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In: Nascimento, E. L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.



BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167.

BARROS, José A.; RAMOS, Luís. "Perspectives in ethnochemistry". In: GERDES, Paulus (ed.). **Explorations in ethnomathematics and ethnoscience in Mozambique**. Maputo: Ethnomathematics Research Project/Instituto Superior Pedagógico. 2014.

BAUDOUX, Dominique. **O grande Manual da aromaterapia: Bioquímica das Moléculas, propriedades farmacológicas e indicações terapêuticas**. Editora Laszlo, 2018. p. 18-19.

BELTRAN, Maria Helena Roxo. **Destilação: a arte de extrair virtudes**. Química Nova na Escola, n 04. Novembro, 1996.

BENEDICTO, Ricardo Matheus; SEVERINO, Antonio Joaquim. **Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro**. 2016. 298f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá**. Bertrand Brasil, 2009.

BIKO, Steve. **Alguns conceitos culturais africanos**. Núcleo de estudantes Negras Ubuntu. Universidade do Estado da Bahia, 1971.

CAMARGO, Adriano. **Rituais com Ervas- Banhos, defumações e benzimentos**. Sexta edição. São Paulo. Livre expressão, 2015.

CÂMARA, Giselle Marques. **MAAT: o princípio ordenador do cosmo egípcio: uma reflexão sobre os princípios encerrados pela deusa no reino antigo (2686-2181 a.C.) e reino médio (2055-1650 a.C.)**. 2011. 134f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2011.

CASA ÁFRICA. **Check Anta Diop**. Casa África. Disponível em: <http://www.casafrica.es /po/detalle-who-is-who.jsp%3FPROID=36580.html>. Acesso em: 02 mai. 2021.

CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos Ciência, Tecnologia e Inovação. **Hemoderivados**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.redetec.org.br/wp-content/uploads/2015/02/tr07_hemoderivados.pdf. Acesso em: 03 mai. 2021.

CHRISTIAN, Mark. Conexões da diáspora africana: uma resposta aos críticos da Afrocentricidade. In: Nascimento, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 150 -159.

CLARKE, Patrick. The biomedical properties of ancient Egyptian black eye makeup. **Journal of Creation**. 2011. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=ptBR&sl=en&u=https://creation.com/egyptian-black>. Acesso em: 20 ago. 2019

CORREA, Marcos Antônio. **Cosmetologia: Ciência e técnica**. 1ed. São Paulo: editora Farmacêutica, 2012, p. 16, 17, 80, 83, 95, 105.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes, **Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso**. Revista Espaço Acadêmico, n 166, Março 2015.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Tecnologia Africana na Formação Brasileira**. 1ª edição. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

DASS, Kumar Sujun. **Black People Invented Everything: The Deep History of indigenous creativity**. Supreme Design: Atlanta, 2020. 258p.



DE ALBUQUERQUE LIMA, Patrícia Valle. O holismo em Jan Smuts ea Gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 14, n. 1, p. 3-8, 2008.

DE NOVAIS REIS, Maurício; DE OLIVEIRA FERNANDES, Alexandre. **AFROCENTRICIDADE: Identidade e centralidade africana**. **ODEERE**, v. 3, n. 6, p. 102-119, 2018.

DIOP, Cheikh Anta. **A origem Africana da Civilização: Mito ou realidade**. Lawrence Hill Books, 2014. 336p.

DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, G. (org.). **História Geral da África: África antiga**. São Paulo: Cortez/Brasília: UNESCO, 2011.

DOVE, Nah. **Definindo uma matriz materno-centrada para definir a condição das mulheres**. 2015. Disponível em: <https://estahorareall.wordpress.com/2015/12/06/defininfo-uma-matriz-materno-centrada-para-definir-a-condicao-das-mulheres-nah-dove/>. Acesso em: 21 mai. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 1 ed. São Paulo: Pallas Editora. 2006. 200p.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 191p.

FÁLADÉ, Dámiláre. **Eko Yorubá tradicional**. Idioma e cultura - Material didático curso de Itàn. Salvador, 2021.

FARIAS, Rafael Menezes de. **LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA VISÃO AFROCENTRADA A PARTIR DA OBRA DE IBN KHALDUN**. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Brasília, 2017.

FAUR, Mirella. **O anuário da Grande Mãe: Guia Prático de rituais para celebrar a Deusa**. 1 ed. São Paulo: editora Alfabeto, 2015. p. 447 451.

FAUR, Mirella. **Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas: Práticas, Rituais e Cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina**. 1 ed. São Paulo: editora Pensamento, 2011. p. 213, 214.

FERNANDES, Kelly Meneses; MASCARENHAS, Érica Larusa O.; PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **Uma análise da afrocentricidade na pesquisa em Ensino de Ciências e o tema saberes populares**. In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2019. Anais [...]. Natal: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. p. 1 – 9.

FERRO, Sergio Pessoa. **“GAROTOS AFEMINADOS” “MENINAS MACHÕES”, raça, gênero e sexualidade no conselho tutelar de Juazeiro/Bahia**. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Jurídicas, 2017.

FINCH III, Charles S. A afrocentricidade e seus críticos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.167-177.

GOLDFARB, Ana Maria Alfonso. **Da Alquimia a química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo**. São Paulo: Landy Editora, 2005. p 39 - 42.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. São Paulo: Vozes, 2017. 154 p.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. S.I.: Diáspora Africana, 2018. 476 p.



JAGUN, Marcio de. **Ewé, a chave do Portal: o conceito de saúde e doença conforme a filosofia ioruba, a ritualística do equilíbrio físico e espiritual através do elemento vegetal.** Rio de Janeiro: Litteris editora, 1 ed., 2019.

JAKSCH, Heiner; SEIPEL, Wilfried; WEINER, Karl-Ludwig; GORESY, Ahmed El. **Egyptian blue—cuprorivaite a window to ancient Egyptian technology.** *Naturwissenschaften*, v. 70, n. 11, p. 525-535, 1983.

LOMAZZI, Giuliana. **Aromaterapia.** Los secretos de los aceites esenciales para recobrar la salud del cuerpo y de la mente. Madrid: Tikal edições. 2006.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José A. **Plantas medicinais no Brasil. Nativas e exóticas.** 2 ed. São Paulo: Plantarum. 2008. 537p.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. Centro de Formação Educação Popular, Cultural e Direitos Humanos. História da **Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente.** 2014. Disponível em: https://katemari.neolms.com/files/4391450/machado_ciencia_tecnologia_e_inovacao_africana_e_afrodescendente_lmsauth_25f55a8c096c52f41a3ddf36c. Acesso em: 22 mai. 2021.

MAZAMA, Ama. **Afrocentricidade como um novo Paradigma.** In: NASCIMENTO, E. L. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, 2009. 400p.

MIRANDA, Claudia; RIASCOS, Fanny Milena Quiñones. **Interculturalidade: desafios para uma agenda educacional antirracista.** *Rev. Educação em Foco, Juiz de Fora*, v.21, n. 3, p. 545-572, 2016.

MOREIRA, Fátima Ramos; MOREIRA, Josino Costa. **A cinética do chumbo no organismo humano e sua importância para a saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, p. 167-181, 2004.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Geledés. **Cheick Anta Diop: o homem e sua obra.** 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cheikh-anta-diop/>. Acesso em: 02 mai. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Brasil*, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira.** In: *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, p. 197-218, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa: Significado e intensões.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (org.). *A matriz africana no mundo.* São Paulo: Selo Negro. Edições, 2008. p. 29-53.

NASCIMENTO, Elisa Nascimento; FINCH, Charles S. **Abordagem afrocentrada, história e evolução.** In: NASCIMENTO, E. (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.* São Paulo: Selo Negro, 2009.

NJERI, Aza. **Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa.** *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 31, p. 4-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>

NOGUEIRA, Renato; DUARTE, Valter; DOS SANTOS RIBEIRO, Marcelo. **Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico.** *O que nos faz pensar*, v. 28, n. 45, p. 434-451, 2019.

NOGUEIRA, Renato. **A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope.** *Ensaio Filosóficos*, v. 8, p. 139-155, 2013.



NOGUEIRA, Renato. **Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 8, p. 62-73, 2012.

NOGUEIRA, Renato. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e africanidades, v. 3, n. 11, p. 1-16, 2011.

PEREIRA, Daniela Cristina; FRASSON, Ana Paula Zanini. **Uso da Aloe vera em produtos farmacêuticos e análise da estabilidade físico-química de creme aniônico contendo extrato glicólico desta planta**. Revista contexto e saúde, Ijuí-RS, v. 6 n. 12, p. 24-34, jan./jun. 2007.

PINHEIRO, Bárbara Carine. **HISTÓRIA PRETA DAS COISAS: 50 INVENÇÕES CIENTÍFICO-TECNOLÓGICAS DE PESSOAS NEGRAS**. Editora Livraria da Física, 2021. 96p.

PINHEIRO, Bárbara Carine; ROSA, Katemari; CONCEIÇÃO, Sueli. **“LINDA E PRETA”: DISCUTINDO QUESTÕES QUÍMICAS, FÍSICAS, BIOLÓGICAS E SOCIAIS DA MAQUIAGEM EM PELE NEGRA**. Conexões-Ciência e Tecnologia, v. 13, n. 5, p. 7-13, 2019.

PINHEIRO, Bárbara Carine; O período das Artes práticas: **A química Ancestral africana**. Revista debates em ensino de Química (REDEQUIM), vol 06, n 01, 2020

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura Sousa.; MENESES, M. P. (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. **Sopapo poético e etnomusicologia negra: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre**. 2020. 346f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2020.

SÁ, Márcia Farias de Oliveira. **História e tecnologia africana: Diálogos Possíveis no Ensino Médio Integrado**. Março 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação, currículo, linguagens e Inovações Pedagógicas) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

SAAD, Glaucia de Azevedo; LÉDA, Paulo Henrique de Oliveira; SÁ, Ivone Manzali de; SEIXLACK, Antonio Carlos de Carvalho. **Fitoterapia Contemporânea: Tradição e Ciência na Clínica Prática**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

SÀLÁMI, Síkírù. Centro Cultural Oduduwa. **Poder dos Elementos do Axé**. 2020, p.07. Disponível em: <https://www.oduduwa.com.br/index.php?cont=centro-cultural>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SÀLÁMI, Síkírù. Centro Cultural Oduduwa. **Ifá e prática do jogo de búzios**. 2018, p.06. Disponível em: <https://www.oduduwa.com.br/?cont=centro-ifa-pratica-do-jogo-de-buzios-l>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**/ Dyane Brito Reis dos Santos – 2009. 2014 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2009.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo; DOMINI, Graziela Peixoto. **O que as folhas cantam (para quem canta folha)**. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2014.

SARTORI, Lucas Rossi; LOPES, Norberto; GUARATINI, Thaís. **A Química no cuidado da pele**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 2010. 92p.

SAWANDI, Tariq M. **African Medicine: A complete guide to yoruba healing science and african herbal remedies**. 2 ed. Estados Unidos: Createspace Independent Publishing Platform, 2016. p. 13 – 116.



SOARES, Lissandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social.** *Rev. psicol. polít.* [online]. 2017, vol.17, n.39, pp. 203-219. ISSN 1519-549X.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade - Ensinaamentos Ancestrais Africanos Sobre Maneiras.** Odysseus, 2009. 145p.

SOUZA, Ivan. **Cosmética em Foco. História dos cosméticos da Antiguidade ao século XXI.** 2018. Disponível em: <https://cosmeticaemfoco.com.br/artigos/historia-dos-cosmeticos-da-antiguidade-ao-seculo-xxi/>. Acesso em 07 nov. 2021.

SOUZA, Renan Fagundes de. **Das teias de ananse para o mundo: áfricas e africanidades na literatura infantil e juvenil contemporânea em língua espanhola.** 2017. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

STRATHERN, Paul. **O Sonho de Mendeleiev: a verdadeira história da química.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2000. p 31 - 33.

TAPSOBA, Issa; ARBAULT, Stéphane; WALTER, Philippe; AMATORE, Christian. **Finding out Egyptian Gods' secret using analytical chemistry: biomedical properties of Egyptian black makeup revealed by amperometry at single cells.** *Analytical Chemistry*, v. 82, n. 2, p. 457-460, 2010.

VELOSO, Kátia Verginia Cantão; NEVES, Maria Aparecida das. **Diário aromático com óleos essenciais das escrituras sagradas.** Editora Laszlo, 2018. p. 29-93.

VERGER, Pierre Fatunbi. **Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba.** Salvador: Editora Corrupio, 2000. 768p.

WALTER, Philippe; MARTINETTO, Pauline; TSOUCARIS, Georges; BRENIAUX, René; LEFEBVRE, Marie Joseph; RICHARD, Gaël; TALABOT, John; DOORYHEE, Eric. **Making make-up in Ancient Egypt, Laboratoire de Recherche des Musées de France.** *Revista Nature*, v. 397, Fevereiro, 1999.